

MOTA PINTO VOLTA A COIMBRA ANTES DO VERÃO

IV Governo "caiu" ontem

A única certeza que Mota Pinto tem neste momento é que o seu Governo não chega ao Verão. Quase certo estará também de que o seu derrube é obra de Ramalho Eanes. Cumprindo o que é já uma tradição, o Presidente da República inviabilizou, com o seu discurso de 25 de Abril, mais um Governo. Ao reiterar a sua confiança no Governo Mota Pinto, ao anunciar a sua intenção de intervir mais decisivamente no campo político e ao negligenciar a eventualidade de realização de eleições antecipadas, Eanes sabia que, por tabela, iria fazer cair da forma mais subtil o «seu» segundo Governo.

O ultimato de Sá Carneiro, ou a nota do PCP, que colocam o Governo sob o fogo cruzado de moções de rejeição são

uma resposta ao discurso de Eanes, talvez no sentido desejado por ele próprio: fazer cair o Governo sem a espinhosa tarefa caber ao seu tutor.

Fazer cair o Governo seria, para Belém ilógico desde que o fizesse directamente. Manter este Governo seria um exercício arriscado.

Devolver à Assembleia da República o «odioso» da tarefa, em termos de direita, ou conceder-lhe os «dividendos», em termos de esquerda, foi o objectivo do Presidente da República. Inclusivamente, a radicalização das posições de Belém lançaram no terreno da ruptura dois partidos, que não o PS, desejoso de se apresentar numa posição de intermédio, a todos os títulos vantajosa, passe embora a sua omissão, relativamente ao

discurso de Eanes e à situação política geral. O PS reserva assim a sua posição para uma oportunidade que ainda se não descortina, o que não deixa de ser intrigante ou revelador de uma indefinição política preocupante.

Temos assim no mês de Maio a primeira moção de censura ao Governo Mota Pinto. Mas, para que o Governo caia é necessário que sejam aprovadas duas, espaçadas de trinta dias. O PSD vai estudar nos dias 12 e 13 a apresentação da sua moção, caso o Primeiro-Ministro não declare, no prazo de oito dias, estar disposto a apresentar uma moção de confiança após a votação do OGE. Este pormenor é importante, já que a Assembleia

Continua na pág. 24

"Novo" Plano reflecte o fracasso do Governo

O documento das «Grandes Opções do Plano» apresentado pelo Governo na véspera do 1.º de Maio ao Conselho Nacional do Plano mantém praticamente — segundo apurou o «DL» de fonte segura — as mesmas propostas e perspectivas da versão derrotada em Março por larga maioria parlamentar.

Dando o dito por não dito, o Executivo de Mota Pinto vem, entretanto, agora, no novo documento, confessar que o mais «verosímil» é uma taxa de 20 por cento ao nível da inflação, não alterando porém o seu con-

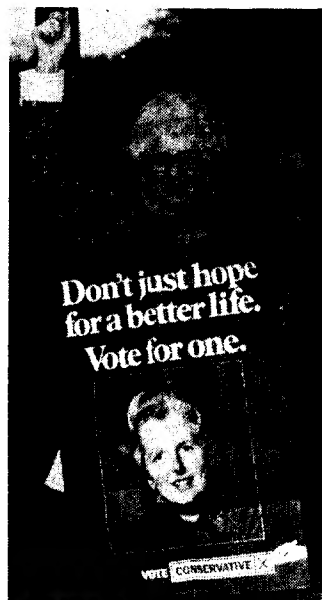
tado tecto salarial de 18 por cento.

Outro elemento significativo da nova «versão» do Plano é também a confissão do Governo de que não é já possível baixar «tanto» as taxas de juro como alega desejar — escamoteando as exigências e imposições, na matéria, do FMI. Para cúmulo diz-se ainda no texto apresentado ao Conselho Nacional do Plano «não ser possível abrandar» a taxa de desvalorização do escudo como queria...

Noutro ponto do documento diz-se textualmente que «vamos

ter uma taxa de inflação mais alta, mas não com um nível de produção mais elevado», propondo assim uma taxa de crescimento pouco inferior a 3 por cento.

Outro índice do nível da competência técnica do actual executivo é patente na passagem em que se diz que «o Governo não pode quantificar a incidência sobre o desemprego das medidas que tenciona tomar» para afirmar em seguida que tem como opção a «contenção do desemprego ao nível actual...»



ELEIÇÕES NA GRÁ-BRETANHA

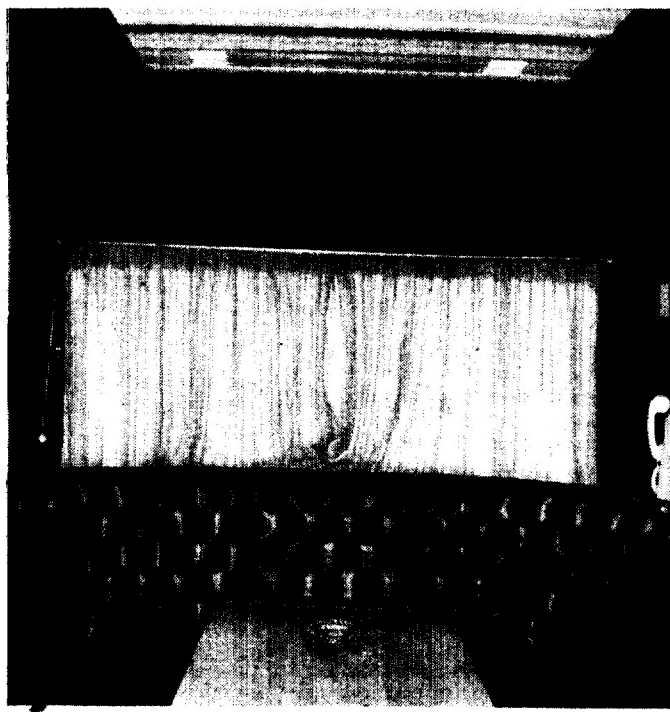
Liberais outra vez árbitros?

Quarenta milhões de britânicos desafiam hoje a neve e a chuva para elegerem uma nova Câmara dos Comuns.

Thatcher ou Callaghan? Conservadores ou Trabalhistas?

A interrogação tornou-se maior com a gradual diminuição de vantagem dos «torres» sobre o «labour», revelada em sucessivas sondagens de opinião. É agora provável que nenhum dos grandes partidos britânicos, que dominam rotativamente a cena política, obtenha a maioria absoluta. Os liberais poderão, assim, continuar a ter o papel de árbitros.

A dimensão internacional destas eleições merece também ser sublinhada. Uma vitória dos conservadores levaria a uma outra política da Grã-Bretanha no seio da CEE e a um eventual reconhecimento do regime saído das recentes eleições «fantoches» na Rodésia. Por outro lado, a eleição de uma mulher para primeiro-ministro podia levar a uma maior participação das mulheres na vida política de todo um conjunto de países europeus. Mas os limites dessa modificação foram acentuados pelas feministas de esquerda inglesas que interromperam um recente comício de Margaret Thatcher gritando «queremos direitos das mulheres e não mulheres de direita».



Autocarro chamado "Abril" posto ao serviço de Belém

Foi entregue esta manhã à Direcção-Geral do Património o autocarro, chamado «Abril», fabricado pela UTIC e que se destina ao Estado português para ser utilizado em viagens de trabalho.

O autocarro que é um novo modelo a lançar em breve no mercado interno e externo, apesar das inovações que apresenta, apesar da sua dimensão teria custado, segundo nota da Presidência da República, cerca de 2700 contos. Teriam contribuído para este preço «de saldo» as ofertas de material, assim como o facto de algum material electrónico e de telecomunicações não ter sido da responsabilidade da UTIC. Quanto às horas extraordinárias, que seriam concedidas gratuitamente, o problema não é líquido. Ao que sabemos, os trabalhadores não abdicaram de as receber. Nem sequer lhes teria sido posto o problema. O caso das horas extraordinárias compete portanto, e exclusivamente, ao Conselho de Gerência da UTIC.

O seu interior compõe-se de três áreas distintas. Na frente apresenta 20 poltronas recliná-

veis com mesa relativamente individual. Área central é destinada aos serviços, dispondo de equipamento completo térmico e frigorífico que permite assegurar o fornecimento de refeições ligeiras e de um «toilette». A retaguarda é constituída por uma sala de trabalho, com mesa circundada por um sofá, permitindo reuniões para 11 pessoas.

A bordo os passageiros dispõem de ar climatizado, aquecimento, televisão, gravador e leitor, cadeia de comunicações e um sistema de telecomunicações.

O preço de um autocarro destes, na sua expressão mais simples, não considerando os confortos e as inovações que este «Abril» tem, pode custar a um possível cliente valores que vão da ordem dos 4 a 5000 contos, não contando é evidente, com o aumento dos preços de origem.

Sobre as primeiras viagens em que o autocarro será utilizado o Gabinete da Imprensa da Presidência da República declarou que «os órgãos da Informação não deixarão de tomar conhecimento oportuno da utilização do autocarro sempre que tal se verificar».

O golo do costume lá vai chegando



Seleção de futebol está prática e económica: um golo vai dando para bater todos os esgrimistas. Isso voltou a acontecer ontem, na Luz, mercê deste «penalty» concretizado por Alves, frente aos holandeses do Feyenoord. Pág. 21

CONCURSO

HOJE 25.º CUPÃO e o caderno especial de 1945

Começa no próximo dia 10 de Maio a 2.ª série do Concurso «DL», que permitirá a constituição de uma nova colecção e a hipótese, portanto, de mais uma probabilidade no sorteio final. Além disso, terá, diariamente, o caderno especial de 4 páginas dedicado, nesta 2.ª série, aos anos 1951 - 1979.

- Se está a concorrer, insista!
- Se não está, pode começar a concorrer no próximo dia 10 de Maio!

post-scriptum

Hospital de Santiago do Cacém: «Não ao Serviço Nacional de Saúde!»

Muitos exemplos poderiam ser dados por essa província fora onde também existem feudos médicos tão medievos como a medicina praticada, mas para já, e porque o vivo de perto, posso dar como exemplo o que se passa no Hospital de Santiago do Cacém, a pouco mais de cem quilómetros da capital deste belo país de analfabetos e de doentes crónicos. Mas é preciso que fique, desde já, esclarecido, que isto que aqui vai escrito só poderá ter a dimensão da verdade se alguém responsável por estas coisas se der ao incómodo de o ir observar in loco, não vão as múmias paralíticas desfazerem-se pelas correntes de ar tão prejudiciais à conservação das múmias. Eis, pois, o exemplo edificante, do modo como se assistem doentes a nível hospitalar e do modo como certos médicos gerontocratas contestam a acção da enfermagem, elementos insubstituíveis num Serviço Nacional de Saúde, como se esse sector profissional fosse uma terrível nuvem negra que viesse ofuscar os lampejos das suas douradas e excelsas figuras. São quatro médicos que põem, dispõem, contrapõem, opõem, como se o hospital fosse uma clínica e eles os accionistas, como se todos os trabalhadores fossem empregados e eles os patrões, como se todos fossem burros e eles os iluminados. É absolutamente necessário provar que a enfermagem não faz falta e, para tal, como procedem?

A nível do Banco de Urgências, esses elementos diplomados avaliando a cultura médica que possuem, são destinados ao preenchimento de fichas como qualquer burocrata e ao chamamento de doentes. Não podem pôr a sua assinatura em nenhum papelinho mesmo que isso diga respeito às suas funções. Todos os actos de enfermagem que lhes são permitidos, são aqueles que são executados, dentro do próprio hospital, por empregadas gerais e enfermeiras nocturnas por esses mesmos médicos. E são essas mulheres, num autêntico atentado contra os mais elementares direitos de quem trabalha e sobretudo contra a dignidade da mulher, que suportam todo o trabalho nocturno, noite sim noite não, a dez horas por noite, sem uma folga, sem um suplemento monetário, transportando mortos, carregando vivos, vigiando doentes de medicina e doentes operados, manobrando soros e oxigénios, injectando e administrando terapêuticas orais, algaliando, etc., enquanto as freiras-enfermeiras dormem os seus soninhos nas suas caminhas e os enfermeiros laicos dormem no Banco à espera que entre um doente para lhe fazerem a ficha de entrada. E tudo isto porque um médico director do hospital, director do SLAT, director do Serviço de Sangue, director dele mesmo, etc., pretende provar que a enfermagem é composta por atrasados mentais e prefere ter a seu lado, mesmo no serviço de sangue, um elemento estranho ao hospital em vez de uma enfermeira. São esses quatro médicos que decidem sobre os actos de enfermagem, e a visão destas coisas, que possuem é tão ridícula, que permitem que um enfermeiro dê uma injeção intravenosa, com muitos mais riscos para o doente, ou faça uma algaliação, com as consequências sequelas traumáticas, e já não permitam que deem dois ou três pontarecos numa cabeça partida.

Pois não. É que este último acto dá-lhes uma certa importância perante a ignorância de um povo mal preparado que ainda vê no acto comedido de uma sutura de lã caprina a visão transcendente do cirurgião. E porquê? Porque não querem perder o mito da insubstituição, porque desconhecem o que quer dizer trabalho de equipa, porque se recusam a aceitar um Serviço Nacional de Saúde onde todos os trabalhadores da saúde têm uma palavra a dizer e o utente da saúde também.

Simplemente humilhante o que se passa no Hospital de Santiago do Cacém. Haverá mais hospitais assim?

Carlos Boaventura
SETÚBAL

Hinos partidários

Na terça-feira, dia 24 de Abril, no programa do ex-Rádio Clube Português, «Quando o telefone toca», há um ouvinte que pede o hino da Intersindical. Resposta da locutora: «Não transmitimos hinos partidários».

Fiquei a saber que os sindicatos são partidos...

M.ª da Conceição Baptista
LISBOA

A quem incomoda o cartaz do 25 de Abril?

No dia 20 de Abril reparei, ao passar pelo corredor da secção portuguesa do Colégio Inglês de Carcavelos, que tinha sido colocado na parede o cartaz alusivo ao 25 de Abril, que circula por toda a Lisboa, o que me surpreendeu. Cinco minutos depois, o cartaz estava caído e com um bocado de pastilha elástica agarrado. Peguei no cartaz e, como a parede é alta pedi ao vigilante que o colocasse novamente, o que ele fez com a ajuda de um aluno. Na altura passou uma aluna que fez uma cara de enjoada e comentou: «Outra vez?», ao que perguntei se o cartaz a incomodava. Corou e foi-se embora. Dez minutos depois já lá não estava o cartaz. Fui indagar o que se passava e disseram-me que tinha sido a directora da secção portuguesa que o tinha tirado. Voltei novamente ao meu serviço e cinco minutos depois o cartaz estava novamente colocado até que no intervalo das aulas um grupo de alunos arrancou-o e rasgou-o, perante a passividade de uma professora. E em seguida colocaram outro, do MIRN...

Mas não é só isto: na secção inglesa existem nas paredes fotografias de Salazar e Mussolini.

Será assim que se constrói a democracia? Tudo isto me parece bastante grave, tratando-se de um colégio estrangeiro em Portugal, embora com uma secção portuguesa dependente do MEIC.

De uma leitora devidamente identificada
CARCAVELOS

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Sindicatos dos Jornalistas e Proença de Carvalho abordam hoje CCT

Uma audiência entre a Direcção do Sindicato dos Jornalistas e Proença de Carvalho, titular da pasta da Comunicação Social, está esta tarde a decorrer, sendo tema único da reunião o Contrato Colectivo de Trabalho dos Jornalistas, cuja tabela salarial se encontra dependente de uma portaria governamental.

Embora a direcção sindical tivesse proposto, como ordem de trabalhos para a reunião, e para além do CCT, a anunciada proposta governamental sobre o Estatuto do Jornalista e regulamentação da Carteira Profissional e a situação do jornal «O Século», o gabinete do ministro Proença de Carvalho informou que, por falta de disponibilidade de tempo, apenas poderia ser discutido o ponto relativo ao contrato de trabalho.

As tabelas salariais do CCT dos jornalistas, que há 28 meses não são revistas, encontram-se dependentes da posição do Ministério da Comunicação Social. Numa audiência concedida no passado dia 10 de Abril, o ministro havia declarado à Direcção do SJ que, no prazo de uma semana, o MCS teria os estudos necessários para o estabelecimento do aumento salarial, a ser fixado por portaria conjunta dos Ministérios da Comunicação Social, Trabalho e Finanças.

Entretanto, o Sindicato dos Jornalistas pediu ao presidente da Assembleia da República, Teófilo Carvalho dos Santos, que diligencie «no sentido de a Comissão Constitucional se pronunciar acerca da inconstitucionalidade da alienação da ex-SNT/O Século».

EPNC: eleições para a CT terminam amanhã

Desde ontem que estão a decorrer as eleições para a Comissão de Trabalhadores da Empresa Pública «Notícias/Capital» (EPNC), acto que prossegue hoje e termina amanhã. Concorrem duas listas:

A «B», unitária, sob o lema «Unidade na acção - A força dos trabalhadores»; e a «A», resultante de uma coligação MRPP/PPD/CDS, sob o lema «Luta, unidade, vitória».

Do programa da primeira lista, destacam-se os seguintes pontos: uniformização salarial, garantia dos postos de trabalho, participação na reestruturação da Imprensa estatizada, controlo de gestão, diminuição do défice

da empresa, acção social e unidade e participação de todos os trabalhadores.

O programa da segunda lista debruça-se sobre a situação actual na EPNC, Comissão de Trabalhadores, relações com a estrutura sindical e um programa imediato de acção.

I Curso de Jornalismo de Setúbal

Amanhã, sábado e domingo efectua-se o I Curso de Jornalismo de Setúbal, aberto à informação regional setubalense e aos cidadãos interessados.

O Curso, que decorre no Círculo Cultural de Setúbal, é coordenado por Mário Castrim e conta com a participação dos seguintes profissionais:

António Borge, Luís de Barros e Armando Pereira da Silva («O Diário»); Pedro Alvim e Alice Nicolau («Diário de Lisboa»); António dos Santos («A Capital»).

As inscrições para o Curso podem ser feitas pelo telefone 29819.

Ensino do Jornalismo em Portugal

Amanhã, a Direcção do Sindicato dos Jornalistas é recebida, de tarde, pelo ministro da Educação, Valente de Oliveira, para tratar de questões relacionadas com o ensino do jornalismo em Portugal.

Integram a delegação sindical os presidentes da Assembleia Geral, Jacinto Baptista, e da Direcção, Cáceres Monteiro.

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 1945

REDAÇÃO: COMPANHIA DE IMPRENSA PROF. DA BARRICADEIRA, 100 - LISBOA

ADMINISTRAÇÃO: 100 - LISBOA

ESTÁ APURADO QUE GOERING FOI QUEM ORDENOU O INCÊNDIO DO REICHSRAT

para impressionar Hitler em Berlim



VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

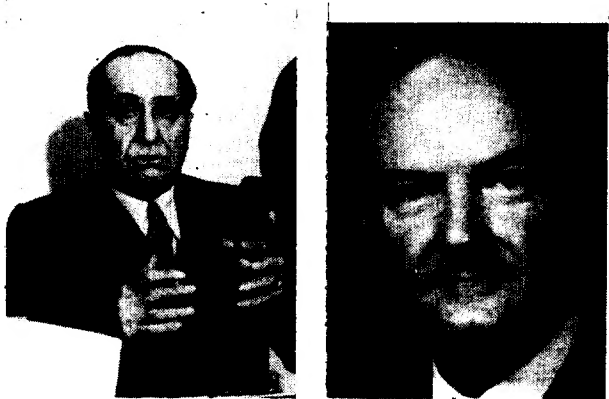
VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

VAL DE LISBOA

ponto a ponto



Em audiências ontem realizadas no Palácio de Belém o Presidente da República recebeu o embaixador americano em Lisboa, Richard Bloomfield, e o antigo presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes. Embora não se conheça o teor das conversas havidas entre o Presidente e aquelas duas personalidades, recorda-se que é a primeira vez, que se saiba que, Vasco da Gama Fernandes visita o Palácio de Belém, depois de se ter demitido do PS.



A aplicação da amnistia aprovada pela Assembleia da República ao major Otelo, antigo comandante do COPCON foi pedida por um Comité de Apoio aos Presos Políticos antifascistas em Portugal, que funciona nos EUA. Além do major Otelo e segundo aquele Comité, também o capitão Fernandes, os presos do PRP e os «comandos» detidos por acusações relacionadas com a tentativa de «saneamento» de Jaime Neves, deveriam ser libertados ao abrigo da amnistia.

Estará atracada a partir de amanhã ao porto de Faro a fragata «João Roby», que transportará até ao Algarve o vice-almirante Ramos Rocha, comandante naval do continente. Este oficial estudará «in loco» o grau de operacionalidade dos comandos de defesa marítima de Faro, Vila Real de Santo António e Portimão. A fragata poderá ser visitada pelo público durante esta sua primeira estadia em Faro.



O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Aquilino Ribeiro Machado, encontra-se desde ontem em Berlim Ocidental, numa visita de carácter oficial. O chefe da edilidade lisboeta inaugurará uma nova artéria da antiga capital alemã a que foi dado o nome de Avenida de Lisboa.



A empresa portuguesa «Construções Técnicas» foi encarregada pela Direcção Nacional dos Portos, Caminhos-de-Ferro e Transportes da República Popular de Moçambique de importantes trabalhos portuários. Aquela empresa está a construir no porto da Beira um terminal para contentores que dispensa os guindastes na carga e descarga de navios e, ao mesmo tempo, encontram-se já na fase de conclusão os trabalhos de construção da doca de pesca do Chiveve.

CONSPIRAÇÃO CONTRA A IMPRENSA NO BRASIL

CARLOS MINC BAUMFELD

O ministro do Exército irá processar o jornal «O Estado de São Paulo» ou o jornalista Evandro Paranaíba como responsáveis pela divulgação de um documento secreto do CIEX (Centro de Informação do Exército) que contém um plano detalhado de combate contra a imprensa independente, também chamada imprensa Alternativa ou ainda imprensa Nanica (IN).

A IMPRENSA NANICA

A IN (nanica = anã, pequena, em oposição à Grande Imprensa) surge timidamente depois do golpe militar de 1964, quando uma série de jornais progressistas são fechados e grande número de jornalistas são presos ou expulsos dos grandes jornais. Mas é a partir do ascenso do movimento democrático antiditadura, em 1974, que começam a proliferar no Brasil os jornais independentes, ligados às lutas estudantis, ou à luta contra o aumento do custo de vida, ou ainda à temática regional, ou dos problemas do bairro. Actualmente existem cerca de 100 jornais da IN, espalhados por todo o Brasil, e que têm jogado um papel decisivo na luta pela Amnistia Geral e pelas Liberdades Democráticas. Entre os mais conhecidos, estão: «O Pasquim», «Em Tempo», «Movimento», «Coojornal» (uma cooperativa de jornalistas do Rio

Grande do Sul), «De Facto» (Minas Gerais), «O Mutirão» (Ceará), «O Jornal dos Bairros», «Nós Mulheres», «Brasil Mulher» (estes 2 últimos da Imprensa Feminista Independente), «Refazendo» (da imprensa estudantil), «O trabalhador» (sindical), «São Paulo» (ligado às CEB - Comunidades Eclesiásticas de Base), e dezenas de outros.

O DOCUMENTO SECRETO

O documento foi publicado no dia 17 de Abril pelo «Estado de São Paulo» e pelo «Jornal da Tarde» e sua autenticidade não foi contestada uma única vez pelas fontes militares que apressaram-se em punir os responsáveis pela publicação do documento reservado, «... com o objectivo de denegrir a imagem do Exército...».

O documento do CIEX é muito extenso (4000 palavras), assim que transcrevemos a seguir algumas das passagens principais. No essencial, o texto faz uma análise do aparecimento e proliferação da IN, aponta os perigos para a «democracia» que tal imprensa representa e por fim propõe toda uma série de medidas económicas e jurídicas para destruí-la o mais rápido possível, como forma de defender o «processo de abertura» do general Figueiredo.

«... o primeiro jornal deste tipo

«O Pif-paf», sob a direcção do esquerdista Millor Fernandes, teve duração de 8 edições quinzenais... o mesmo humorista, em 1969, reunindo-se com um grupo de humoristas de esquerda (Ziraldo, Henfil, Jaguar) funda o semanário «Pasquim»... a iniciativa foi copiada em tempo curto e o que se viu foi a montagem de uma verdadeira cadeia de pequenos jornais quase totalmente controlada por elementos comunistas... este estudo do CIEX detectou nítidas ligações entre a imprensa tradicional, a nanica e a universitária e destes 3 sectores com parcelas da imprensa clerical... deve ser considerado que no tocante ao mercado de trabalho, para o recém-licenciado, a imprensa nanica tornou-se atractiva, pela dificuldade de colocação dos universitários nos órgãos tradicionais... deste modo, o ciclo de doutrinação marxista iniciado nos bancos universitários é complementado agora, com a participação muito mais activa devido a co-responsabilidade que cada repórter passa a ter numa publicação nanica.»

«... a apreciação de diversos órgãos contestadores da IN permite alinhar suas caracteris-

ticas básicas: tiragem reduzida, repercussão regional (com excepção do «Pasquim», «Em Tempo» e «Movimento»), falta de esquema empresarial, ausência de suporte financeiro (inexistência de anúncios), elevado número de pessoas integrando os órgãos de direcção, administração e redacção, sendo a maioria destes elementos registados na polícia política, objectivo de difamação do regime da revolução de 1964 ante a opinião pública.»

O PLANO DE DESTRUIÇÃO

A seguir o documento secreto do CIEX aponta as medidas adequadas para a destruição da IN:

«... sugestões: visando coibir a actividade nefasta da imprensa nanica contestatória são apresentadas sugestões de carácter prático e possíveis de provocarem resultado satisfatório se adoptadas... Um factor que deve ser lembrado é que as sanções económicas têm efeito mais rápido, directo e positivo sobre

Continua na pág. 4

AS EDIÇÕES FRANCESAS EM CRISE

François Maspero, você que é editor, poderá, antes de falar da sua própria produção, traçar para os leitores de Quê-que um panorama dos actuais problemas da edição?

Maspero — Antes de mais é preciso recordar que de um modo global as edições estão em desenvolvimento monetário. Fala-se, no entanto, de «crise». E o que se vê é, efectivamente contraditório: por um lado há os editores que têm dificuldades — pessoas tão notáveis como Maurice Nadeau com as «Lettres Nouvelles» —, textos importantes em todos os domínios, literário e científico, que não encontram editores nem leitores; por outro lado basta olhar para as mesas das livrarias para nos sentirmos submersos pela abundância, a repetição dos títulos que se acumulam: é o autêntico salto em frente no produto de consumo muito rápido em que a qualidade da embalagem (as capas de quatro cores, de fabrico muito caro são quase obrigatórias), o ar chamativo do título são privilegiados em detrimento de um conteúdo que, de qualquer modo, não é feito para durar.

Digamos, muito esquematicamente, que isto está de acordo com as transformações de toda a produção capitalista em França. A concentração das editoras, o seu reagrupamento em volta dos grandes bancos, seguiu a dos outros sectores. E ainda não terminou. Mas já só restam alguns grupos (que têm a sua própria sociedade de difusão), à volta dos quais gravitam casas de edição grandes ou pequenas, por vezes reduzidas a uma sigla, a uma marca, como um produto de alta costura. As pequenas casas têm tendência para se tornarem simples laboratórios de investigação dos grandes grupos (Hachette, Presses de la Cité, etc.), que intervêm na escolha dos seus livros em função de um orçamento determinado e que, quanto ao resto — fabrico,

promoção e venda — se entregam nas mãos dos serviços integrados do grupo.

Hoje, quando toda a produção francesa se ressentiu dos efeitos da crise, da baixa do poder de compra, a máquina de produzir livros avançou loucamente e cada editor tenta vencer o outro com um subproduto de venda ultra-rápida. Todos querem dar o melhor golpe, ocupar o melhor lugar no mercado, ganhar dinheiro mais depressa. Vemos então dez livros que tratam do mesmo tema, que foram feitos em poucos dias e que vão durar poucos meses. Seis meses mais tarde os despojos desta luta à mão armada (às vezes centenas de milhares de exemplares) são destruídos. É o triunfo do capitalismo selvagem, em que a cultura não entra em linha de conta. E, claro está, há muitos editores vencidos por terem querido entrar nesta competição.

O problema está em saber se ainda haverá lugar para um tipo de edição independente, que mantenha uma relação diferente com o autor, o texto, o leitor. Uma relação mais responsável, menos apressada, pensando mais no tempo e nos seus efeitos. Se, este tipo de trabalho não for varrido financeiramente pela onda destruidora do «seja o que for». E se por fim também não for contaminada no seu conteúdo.

E A DIFUSÃO DO LIVRO, E OS LIVREIROS?

Há uma crise muito grave da livraria tradicional. Esta estava equipada para um estilo de trabalho em profundidade, destinado a uma determinada clientela. Não o estava para suportar por si só o peso da transformação da grande edição. Hoje os livreiros não aguentam a inflação dos títulos. A fim de assegurar uma rentabilidade máxima, é necessária uma rotação muito rápida dos «stocks». Os editores acham que um livro novo tem uma existência média de três meses. O

Especial Le Monde / DL

circuito das livrarias não basta, daí a necessidade de inventar outra coisa: «clubs», France-Loisir, etc. Os livreiros são de súbito desapossados daquilo que constituía as suas vendas mais seguras e lhes permitia rentabilizar a manutenção de um «stock» de livros de fundo que tinha grande interesse para o seu trabalho.

Por fim, a chegada da F.N.A.C., lógica nesta reestruturação da produção, logo da distribuição — fez definitivamente estorir o circuito tradicional e criou um clima de desencorajamento na distribuição.

Isto é desagradável, até porque vemos justamente chegar, há já vários anos, novas gerações de livreiros (muitos deles encontram-se no agrupamento dos «livros diferentes»). Apaixonados por uma profissão que não limitam à simples espera do cliente mas que encaram como um trabalho concreto de que a sua livraria é o centro (contactos, discussões, animação, agitação) asseguram por vezes, a um nível mesmo modesto, o lugar das casas de cultura agonizantes. E nesses que toma forma uma vida cultural não assestizada.

DE ACORDO, MAS OS LIVROS CUSTAM 20% MENOS

É certo. E, sobretudo, de momento, a F.N.A.C. tem todos os livros, é uma livraria notável. Mas a posição preponderante que ele está a tomar, é perigosa para o futuro. A preocupação dos fundadores da F.N.A.C. foi visivelmente marcada por reais preocupações de abertura cultural e política — que infelizmente nem sempre encontrei em alguns editores. Paradoxalmente é isto que os inimigos mais encarniçados da F.N.A.C. lhe censuram. Ter buscado a cultura não ter apostado na tradicional produção de bazar

e ter atingido imediatamente o mais elevado nível. É o que permite à F.N.A.C. recordar-lhes o seu elitismo e o seu desprezo pelas massas. Mas se os fundadores da F.N.A.C. cedessem o lugar amanhã mesmo outros surgiriam.

Mas o que se deve sobretudo denunciar é a situação da leitura pública em França. Um orçamento de miséria, um malthusianismo deliberado da leitura pública, quando uma política racional de abertura, alargamento e multiplicação das bibliotecas seria um elemento capital no saneamento da edição. Mas, não há exemplo, neste regime, de que se tenha feito qualquer coisa pelo sector público.

VEJAMOS AGORA AS EDIÇÕES MASPERO: PODE TRAÇAR O SEU ITINERÁRIO?

Fiz as minhas edições em 1959 sem meios e, principalmente, sem esperar que elas tivessem uma vida longa. Tinha uma pequena livraria, estava ligado ao «Peuple et Culture». Queria fornecer a militantes como eu, instrumentos de reflexão. Isso levou-me a publicar livros sobre a guerra da Argélia, sobre a situação política, as lutas concretas em França e no mundo, denunciando o colonialismo, tentando ver para além do stalinismo. Uma ideia simples, demasiado simples talvez, útil.

A LIVRARIA MASPERO FECHOU. PORQUÊ?

Em 1974 tive de vender a livraria La Jolie de lire, que tinha construído, de início sozinho, em 1956. Ela foi durante longo tempo um lugar vivo, com as suas alegrias e as suas dificuldades, um lugar de elaboração e trabalho,

Continua na pág. 4

TRIBUNAL DA RELAÇÃO CONTRA RENDEIROS

"Desembargadores protegem senhorios"

— acusa o MARN de Valongo

PORTO, 3 — «Não é a primeira vez que o Tribunal da Relação inverte sentenças que haviam sido dadas a favor dos rendeiros», afirma o MARN a propósito do despejo que acaba de ser decidido pelo Tribunal da Relação desta cidade contra o rendeiro Albino Nunes Freire, de Valongo, que antes havia visto fixada, no Tribunal da Comarca, a renda a pagar ao respectivo senhorio. O caso surgiu na sequência da Lei 76/77 que revogou o Decreto 201/75 e voltou a repor a possibilidade de pagamento de rendas em géneros, ao mesmo tempo que voltou a permitir as parcerias. Com a saída daquela lei os senhorios começaram a levar os rendeiros a tribunal com o pretexto de não pagamento das rendas, exigindo o seu despejo. Todavia, os rendeiros, ao abrigo da lei, continuaram a depositar as rendas em nome dos respectivos senhorios, calculadas nos termos das tabelas legais.

Foi isso que fez o rendeiro agora despejado, contra o qual o senhorio exigia o pagamento de 120 contos anuais e que, no tribunal da comarca, viu a renda fixada em 11.250 escudos, em-

bora o rendeiro estivesse a depositar 20 contos em nome do senhorio. Este recorreu da sentença e, acusa o MARN, «a Relação virou tudo» ao afirmar que a renda devia ser paga em géneros e parceria e que, se o rendeiro não o fez isso equivalia a... não ter pago a renda. Em consequência decidiu o despejo imediato do rendeiro Albino Freire, pai de quinze filhos e com dez ainda em casa. O MARN acrescenta que o rendeiro «é condenado a ser posto na rua só porque em 1976 procurou aplicar a lei que existia» não pagando em géneros mas depositando sempre o dinheiro em nome do senhorio como legalmente se impunha.

Finalmente o MARN, no comunicado tornado público, afirma que o Tribunal da Relação procede «como se o Decreto 201/75 nunca tivesse existido» e que «quem cumpriu uma lei que vigorou durante dois anos e meio é hoje condenado por uma decisão irrevogável e «cómoda para os senhores desembargadores, porque os seus interesses são muitas vezes os dos senhorios, quando não são eles próprios senhorios...».

EDIÇÕES FRANCESAS

Continuação da pág. 3

com noites em claro e dias intensos. Tive grandes dificuldades financeiras. A razão principal dessas dificuldades foram os processos e as proibições: 300 000 francos de multas por ter publicado por exemplo, a revista *Trinada*. E depois havia um clima difícil. E depois havia um clima difícil.

Alguns grupos acusavam-nos de «fazer dinheiro». Houve numerosos roubos e a atmosfera tornou-se irrespirável. Essa pressão, e também a dos credores inquietos, levaram-me a vender, em condições desastrosas, a pessoas que se apresentavam como sendo «de esquerda» e que, continuo sem saber se seriam escroques ou imbecis. A livraria *La Joie de Lire* fechou definitivamente, a Maspero continua a existir.

EM QUE PÉ SE ENCONTRAM AS EDIÇÕES MASPERO?

Prosseguimos no mesmo espírito de utilidade: fazer livros que enriqueçam quem lê, tanto nas lutas concretas como na investi-

gação teórica. Claro que há na conjuntura actual um recuo do livro «político», um real cansaço. Mas creio justamente que não é a altura de perder o entusiasmo. Continuamos a colaborar com entidades colectivas como a Federação do ensino privado F.D.T., em *Libres dans l'école libre?*, «Radio libre», o Sindicato da magistratura. Publicamos livros que intervêm directamente e de um modo militante no debate político, como, por exemplo, o de Althusser, sobre o Partido Comunista, ou os da colecção *Malgré Tout*, dirigidos por Emile Copermann. Uma nova colecção *Luttes Sociales*, dirigida por Gérard Althabe vai, a partir de Janeiro, acentuar esse estudo, esse inquérito sobre a realidade da nossa sociedade em todas as dimensões.

Outro eixo de trabalho muito importante para nós, é a colecção *Actes et Memoires du Peuple*: o movimento operário contado por ele próprio, em toda a sua diversidade. Mas atenção, não se deve cair na moda passadista que corresponde às necessidades de uma pequena burguesia pouco à vontade na própria pele. Desejamos dar a nossa contribuição a uma história por vezes escondida, compreender o presente através da análise do passado, preparar o futuro.

Por fim, há a literatura, e poesia, todas as formas de intervenção da escrita na colecção *Voix*: Nazim Hikmet, Yannis Ritsos, John Berger. Acabamos de publicar todos os textos do *Fond de l'air est rouge*, de Chris Marker: uma visão política destes últimos vinte anos, infelizmente bem próxima da nossa.

PODER LOCAL

Aveiro: afilhados e enteados na freguesia de Esgueira

Os moradores dos lugares de Mataduchos e Arrocheiras, na freguesia de Esgueira, do concelho de Aveiro, estranham o facto de a Câmara Municipal privilegiar uns e discriminar outros em função dos respectivos credos partidários — diz-nos, daquela cidade, o nosso correspondente.

A Rua 1.º de Maio, onde a própria placa toponímica foi arrancada por uma tantos vândalos da zona, e onde nem a Câmara nem a Junta de Freguesia têm pressa de colocar uma outra já existente para o efeito, padece de falta de energia eléctrica e força várias famílias à luz do petróleo, assim como a caminhar sobre lama ou poças de água, tal o estado da via que, tendo cerca de oito metros de largura, se en-

contra praticamente reduzida a uma vereda.

A falta de reconhecimento das estruturas populares de base, levou vários moradores a constituírem-se em comissão «ad hoc» para tentar a superação das suas carências junto do Município, uma vez que o presidente da Junta se queixa da falta de apoio dos seus pares e não pode, sozinho, resolver em nome de todos.

Apesar de todas as promessas do presidente do Município, estas e muitas outras obras continuam por fazer nas zonas mais afectadas, enquanto melhoramentos vários são feitos em ruas e caminhos de acesso a propriedades de gente «com ideias mo-

deradas», e que, no entender daqueles moradores, têm tudo o que querem da Câmara.

Inclusivamente, a povoação de Arrocheiras está impedida de ter uma camioneta de passageiros à porta pela simples razão de que a rua de passagem nunca mais beneficia do arranjo de que necessita para o efeito.

Por outro lado, os Serviços Municipalizados tão prestos a levar a iluminação eléctrica a uma obra de construção civil, persistentem em deixar às escureas a Rua 1.º de Maio, porque, segundo os mesmos moradores, 1.º de Maio e 25 de Abril são datas que certos «iluminados» menos querem ver quanto mais lhes entram pelos olhos dentro...

FFH ordena despejo da Comissão de Moradores de Mira Sintra

Empossada ainda não há um mês, a Comissão de Moradores de Mira Sintra, oriunda de uma lista unitária, e que ganhou por uma margem confortável as últimas eleições, corre o risco de ver a sua acção tremendamente dificultada.

Instaladas desde há três anos, com a concordância do Fundo de Fomento numa vivenda destinada a habitação, as respectivas comissões eleitas têm ali funcio-

nado sem qualquer problema por parte daquele organismo. Subitamente, e depois das recentes eleições, o FFH considera um estranho pedido da comissão anterior e informa que dentro de dias a vivenda terá de ficar livre. Não fora a falta de instalações para a comissão funcionar, aceitava-se perfeitamente, dada a carência de habitação existente no País, que o Fundo de Fomento promovesse a desocupa-

ção da vivenda a fim de dar oportunidade a uma família — naturalmente numerosa — de ter o seu lar. Acontece, contudo, que a solução encontrada, além de não satisfazer (pois o local destinado à «novas» instalações não tem as mínimas condições), foi a vivenda já há tempo legada por aquele organismo para a ampliação do pavilhão onde centenas de jovens têm as suas únicas actividades desportivas e culturais.

Argumenta o FFH que se impõe a desocupação da vivenda para a atribuir a um médico, o que na verdade muita falta faz aos moradores. Recordemos, porém, que o mesmo argumento foi usado para a entrega de outra vivenda a outro médico que se comprometeu oficialmente a trabalhar no posto local da Caixa de Previdência — e que, depois de ver a sua situação legalizada como morador, abandonou aqueles serviços sociais e abriu consultório no Cacém.

Clube dos Galitos comemora 75 anos

«Para uma justa regionalização do distrito de Aveiro» — este o tema de um Ciclo de Colóquios que, promovido pelo Clube dos Galitos, se têm vindo a realizar desde 20 de Abril, integrado nas comemorações dos 75.º aniversário daquela agremiação.

Amanhã, às 21 e 30, na sede

dos Galitos, o último colóquio: «Perspectivas partidárias sobre a regionalização», com a participação de representantes dos partidos políticos com grupo parlamentar. Podem participar sócios e não sócios do Clube dos Galitos.

Transportes urbanos de Braga integrados na Rodoviária

O Serviço de Transportes Urbanos de Braga vai ser integrado na Rodoviária Nacional (RN), por decisão unânime da Assembleia Municipal.

Durante a sessão, a que presidiu Salgado Zenha, o presidente do Município bracarense esclareceu os representantes dos grupos políticos e o público quanto às propostas apresentadas a concurso, da RN e de um

consórcio privado.

Depois de aprovada a proposta da RN, os representantes da APU e do PS apresentaram «declaração de voto» para se congratularem pela decisão.

Recorde-se que o problema dos transportes públicos da cidade de Braga preocupava o Município e os utentes, pois a antiga concessionária estava em grave crise económica.

Apelação adere à APU

Os democratas que, em Dezembro de 76, sob a sigla «Autarquia ao serviço da freguesia»,

concorreram às eleições para a Assembleia de Freguesia da Apelação (Loures), decidiram aderir à Aliança Povo Unido.

Roseta demitiu-se de vereadora da CML

Com base «em motivos pessoais», e em carta dirigida ao presidente da edilidade, a vereadora Helena Roseta, dirigente do PSD, pediu a demissão daquele cargo.

Há já muito tempo, aliás, que Helena Roseta havia deixado de funcionar na CML em regime de permanência.

A vereadora (membro do Conselho de Imprensa e directora do «Jornal Novo») era, na Câmara Municipal de Lisboa, responsável pelo pelouro dos Serviços de Habitação.

Feira do Ribatejo mais curta

SANTARÉM, 3 — Contando desta vez apenas com dez dias, contra as tradicionais duas semanas, a Feira Nacional de Agricultura (Feira do Ribatejo) irá realizar-se, este ano, de 17 a 27 do próximo mês de Junho, segundo foi ontem revelado.

Tendo os organizadores anunciado que todo o espaço disponível se encontra desde já totalmente ocupado, apesar de ter havido um alargamento da área disponível, que, contudo, exigiria o dobro para corresponder a todos os pedidos de representação.

Integrado no certame decorrerá o Festival Internacional de Folclore que este ano como contraponto representações da Polónia, Suíça, Roménia e Dinamarca, para além de vários grupos nacionais.

Festas da Moita

A Comissão das Festas da Freguesia da Moita elaborou o projecto do programa para a feira, que decorrerá de 25 a 27 de Maio, e que compreende feira franca, folclore, concerto, desporto, largadas de touros, touradas, bailes populares e actividades dedicadas às crianças.

O organismo promotor da feira tem os serviços instalados na Junta de Freguesia local.

Conspiração contra a Imprensa no Brasil

Continuação da pág. 3

qualquer órgão do que as acções judiciais... sugestões a curto prazo: instituição da obrigatoriedade de publicação de balancetes periódicos que especifiquem com maiores detalhes a origem das verbas de sustentação do órgão; realização de auditoria contabilística sobre os órgãos já existentes e sobre os que vierem a se registrar. A acção seria realizada em conjunto pelo Ministério da Fazenda e DPF (Departamento da Polícia Federal); proibição de colaboração (económica ou redactorial) com qualquer órgão de elemento que esteja respondendo à acção judicial referente à segurança nacional; emenda ao artigo 126 da Lei 6015 de 31/12/73, acrescentando o seguinte parágrafo: — em qualquer época a matrícula poderia ser cancelada se ficar comprovada a existência de débitos para a Fazenda Nacional. Cancelada a matrícula, o veículo passa a condição de clandestino, sujeito portanto à apreensão... ressalte-se que a grande maioria dos jornais da IN não resistiria a uma medida desta natureza, porque quase todos encontram-se em débito com a Fazenda Nacional... a proposição é útil e objectiva, posto que alcança todos os jornais da IN sem configurar claramente res-

trições à liberdade de imprensa. Sugestões a médio e longo prazo: estudo do mercado de trabalho e do irrealismo das faculdades ligadas à Comunicação Social, ... as acções a serem efectuadas no sector, além do aspecto repressivo, devem reavaliar a quantidade e qualidade de Faculdades de Comunicação Social; ... a importância de serem ouvidos jornalistas anticomunistas, ... que possam contrabalançar o efeito nocivo que por certo é conseguido quando se ouve, p. ex., os actuais dirigentes da ABI (Associação Brasileira de Imprensa).

«... evitar que haja um hiato entre a anunciada retirada da LSN (Lei de Segurança Nacional) dos crimes de imprensa e a formulação de uma nova Lei de Imprensa...».

Com as transcrições fiéis que fizemos acima, está tudo dito e pouco haverá que acrescentar, ou parodiá-lo: a sutileza desta «abertura» é UM ESPANTO...

Só esperamos, no ritmo que vão as coisas, que os democratas portugueses não permitam que as coisas por aqui cheguem a este ponto (com certeza que por aqui haverá até quem se inspire com o que ficou transcrito acima...) ou ainda, que pensem mais a fundo na alternativa que um dia talvez venha a ser a Imprensa Nanica em Portugal.

APELO URGENTE

Contrerrâneos angolanos portugueses retornados, católicos, chefe de família situação desesperada não perder habitação 7 filhos rendas atrasadas tribunal pagar dia 8, falta alimentação pede auxílio donativos, Fernando Santos Apartado 2017 — 1101 Codex-Lisboa

Férias no ALGARVE

VIVENDAS E APARTAMENTOS PREÇOS DESDE 250\$00

Informações e reservas:

MUNDIRAMA

R.D. CRUCIFIXO, Nº 33

LISBOA 2 / TELEX

323633 / 324296

328856 / 363294

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARÇA

DE LISBOA

12.º JUÍZO

P. 6190

2.ª Secção

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela 2.ª Secção do 12.º Juízo Cível de Lisboa e os autos de execução sumária que Burroughs Electrónica (Portugal), S.A.R.L. move contra Normotex, Sociedade de Automóveis, S.A.R.L., com sede na Avenida Fernão de Magalhães, n.º 428, no Porto, correu editos de 20 DIAS, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada para, dentro do prazo de 10 DIAS, findo que seja, dos editos, deduzirem os seus direitos,

querendo, desde que tenham garantia real sobre os bens penhorados, de harmonia com o preceituado no art.º 864.º do Código de Processo Civil.

LISBOA, 20/4/1979

O JUIZ DE DIREITO (Vassanta Porobo Tambá)

O ESCRIVÃO ADJUNTO (Lino Pinto Fortunato)

VIAGENS ESPECIAIS RDA

7 dias - 1 a 7 Julho 79

14 dias - 5 a 18 Agosto 79

TUDO INCLUIDO

DESDE 14.500\$

Peca programa detalhado

Informações e reservas:

MUNDIRAMA

VIAGENS E TURISMO LDA

R.D. CRUCIFIXO, 33

LISBOA 1100 / TELEX

363294 / 328856

372093 / 371471

Central nuclear espanhola destruirá culturas portuguesas

A produção de vinho do Porto, azeite, amêndoa e a fauna do rio Douro serão seriamente prejudicados ou mesmo destruídos se a central nuclear que está a ser construída em Sayago (Espanha) entrar em funcionamento.

Esta é a opinião do presidente de Vila Nova de Foz Côa, José da Costa Fernandes, que, em declarações à ANOP, acrescentou ser necessário interromper a construção da central nuclear espanhola.

O abastecimento de água à vila seria afectado em virtude de o reforço de abastecimento proceder do rio Douro, onde as águas da central seriam despejadas.

Consciente da gravidade da situação, um grupo constituído por elementos da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa e dos vários sectores da população, formou-se em comissão para transmitir a posição do conselho junto das autoridades e responsáveis nacionais.

Estas diligências foram já efectuadas junto do Presidente da República e da Assembleia da República com o objectivo de chamar a atenção para o real perigo da construção do reactor nuclear junto da fronteira portuguesa, perigo que se tornou mais evidente a partir do recente acidente de Harrisburg.

DECO PÕE SÉRIAS RESERVAS AO "CABAZ"

As salsichas e a mortadela de forma alguma poderão substituir a carne e o peixe

De modo algum as salsichas e a mortadela poderão substituir o peixe e a carne — afirma a DECO (Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor) em comunicado tornado público a propósito dos produtos que fazem parte do «Cabaz sem Compras» e dos critérios discutíveis que levaram à inclusão naquele de alguns artigos sem qualquer relação com alimentos essenciais.

É o caso, ainda segundo a

DECO, das bolachas Maria, Torrada e Água e Sal) e do açúcar, além das salsichas e da mortadela, pois que o segundo e terceiro artigos não têm qualquer valor como alimento calórico. Ora, «particularmente grave», segundo a DECO e a população portuguesa é o facto do leite e do queijo (dois exemplos) terem aumentado 20 por cento, e os ovos 17%. Então aquele agravamento do leite é de estarrecer, se tivermos em conta a sua importância na alimentação infantil, devido à sua riqueza proteica. «Os benefícios, se os houver (observa aquela associação), favorecerão menos os consumidores mais carecidos do que os de maiores posses ou os turistas».

Para a DECO este «Cabaz sem Compras» não se pode apresentar senão como «mero paliativo a curto prazo, já que apenas com medidas de carácter estrutural será possível reduzir os factores inflacionários, única forma de garantir uma melhoria da qualidade de vida do cidadão», pois que os produtos que enformam o «cabaz» representam cerca de 11 por cento das despesas das famílias e 23 por cento das de alimentação, ao

contrário «do que se afirma na Resolução 98/79. Dado que o aumento do tecto salarial rondará os 18 por cento, isso significa a inevitabilidade da degradação do poder de compra, muito em particular das classes de mais baixos rendimentos, nas quais as despesas com a alimentação representam a maior parte dos seus gastos.

Entende a DECO (à qual o provedor de Justiça deu razão por aquela associação ter de-

fendido que a composição do cabaz e os seus preços deverem ser fixados por diploma com força legal bastante para que não venha a ser violado, como já tem acontecido) que os encargos comprometidos em subsídios deveriam ser canalizados por uma política coerente de rendimentos e preços para subsídios às famílias mais carenciadas e numerosas, às de situação social mais grave, e no aumento de abonos de família e pensões de reforma.

Metropolitano: mais carruagens e novas linhas

O Metropolitano de Lisboa vai adquirir 56 carruagens à Sorefame, construir o troço Alvalade-Calvanas-Campo Grande e automatizar as operações relacionadas com o movimento, até 1981.

Estas acções enquadram-se na primeira fase do Projecto de Plano a Médio Prazo (PPMP) para a empresa, já entregue na passada semana ao Governo pelo conselho de gerência do Metropolitano.

A primeira fase do PPMP prolonga-se até 1981 e inclui ainda a informatização da gestão, a formação do pessoal no sentido de o adaptar à reestruturação da empresa, o reforço da potência de tracção e a implementação do sistema de travagem DTAV.

A segunda fase do PPMP vai de 1982 a 1984 e consta do prolongamento da rede para o Tejo (Cais do Sodré) e Estrela, da aquisição das carruagens necessárias a este prolongamento e ainda da conclusão da automatização das operações relacionadas com o movimento (um agente por estação e um agente por comboio).

Na óptica dos gerentes do Metropolitano, o PPMP visa aumentar em cerca de cinquenta

por cento o volume de oferta ao público, optimizando a utilização das infra-estruturas existentes, e melhorar a qualidade do serviço, nomeadamente pelo abaixamento da actual taxa de ocupação.

O aumento da rede (Cais do Sodré e Estrela) tem o objectivo de maximizar a rentabilidade do traçado existente e permitir resolver as rupturas de carga dessas zonas, para além de incrementar a utilização do transporte público em detrimento do individual, nomeadamente na Baixa.

SITUAÇÃO FINANCEIRA

Outro factor importante é a situação financeira do Metropolitano, resultante da falta de cumprimento, por parte do Governo, do Decreto-Lei 90/77 (no qual, o Estado assumia responsabilidades decorrentes da construção das infra-estruturas de longa duração e ainda dos pesados encargos financeiros a que a empresa está sujeita).

Esta situação levou a que, em 1978, a relação capitais próprios/passivo a médio e longo prazo tenha sido negativa, assim como a solvabilidade total. A cobertura do imobilizado foi de 14 por cento e os encargos fi-

nanceiros representaram 14 por cento dos custos totais da empresa.

A indefinição de uma política de transportes implicou que, de 1977 para 1978, a receita passageiro/bilhete tenha subido de 4 escudos e 8 centavos para 5 escudos e 47 centavos, enquanto que a receita passageiro/passe desceu de 3 escudos e 75 centavos para 3 escudos e 34, o que se traduz numa queda global de receitas, sem contrapartida nos subsídios.

Entretanto o défice dos transportes públicos não é específico para Portugal.

Em 1978, declarou à ANOP Jaime Alcobia, da gerência do Metropolitano, os caminhos-de-ferro da República Federal da Alemanha deram um prejuízo de 16 biliões de marcos (cerca de 400 mil milhões de escudos) e os transportes públicos de Munique apresentaram um prejuízo de 160 milhões de marcos (cerca de 40 mil milhões de escudos).

Por outro lado, em 1975, de entre 75 empresas europeias de transportes, em 45 as receitas não cobriram 70 por cento das despesas e em 23 representavam menos de 40 por cento. No Metropolitano, as receitas cobrem 84,2 por cento das despesas.

Serviço de Transportes Colectivos do Porto

Concurso para o fornecimento de autocarros para transporte urbano de passageiros sendo 45 de um pavimento e 10 articulados, com direito de opção de mais 30 unidades simples de um pavimento em 1982 e mais 20 iguais em 1983.

1 — Faz-se público que se encontra aberto o concurso para o fornecimento em referência conforme condições estabelecidas no programa de concurso e caderno de encargos que podem ser solicitados no departamento de compras à Rua Eng. Delgado dos Santos, Porto.

2 — A entrega de propostas terá de ser efectuada na secretaria-geral à Av. da Boavista, 806, Porto, até ao dia 4 de Setembro p.f. e a abertura das mesmas realizar-se-á no dia imediato.

Porto, 27 de Abril de 1979

O Conselho de Gerência

II Congresso Nacional das Cooperativas de Consumo

Sob o lema «União é Força», terá lugar nos próximos dias 26 e 27 do corrente, nas instalações da Gulbenkian, o II Congresso Nacional das Cooperativas de Consumo, o qual, segundo os seus promotores, terá como objectivos fundamentais, «unir e organizar as cooperativas» e «informar e defender os consumidores».

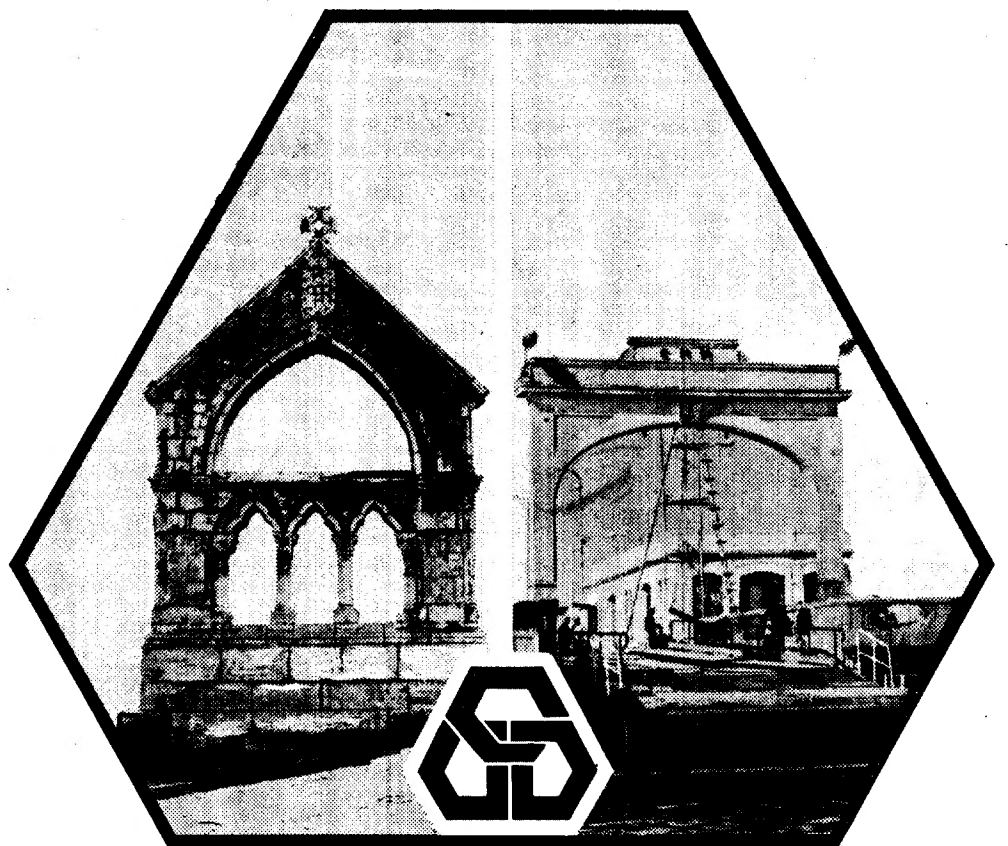
Com essa finalidade, a comissão Nacional Organizadora do Congresso (CNOCC) já elaborou o projecto de regulamento e os textos de base sobre os temas a debater no congresso, e que serão os seguintes: os princípios cooperativos e a Constituição da República; legislação para o sector cooperativo (e o apoio a dar pelo Governo); a organização do sector cooperativo de consumo; educação cooperativa, emprego e relações de trabalho, as cooperativas, o movimento sindical e o movimento popular; e as cooperativas: que projecto de desenvolvimento económico e social? — Estes temas já estão a ser apreciados pelas cooperativas, que poderão introduzir todas as alterações que desejarem.

A fim de estimular a discussão dos temas, a comissão instaladora tem vindo a promover a rea-

lização de encontros locais e regionais por todo o País, estando já marcada uma nova série de reuniões: dia 5, em Santarém, Leiria, Santo Tirso e S. João da Madeira, Castelo Branco, Guarda e Portalegre, dia 12, em Beja, com a participação das cooperativas do distrito e de Faro.

Entretanto, foram já enviados convites, para que se façam representar no Congresso, à Aliança Cooperativa Internacional — ACI e às Federações congéneres dos seguintes países: Áustria, Bélgica, Canadá, Bulgária, Checoslováquia, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, República Democrática Alemã, República Federal Alemã, Hungria, Islândia, Irlanda, Itália, Noruega, Holanda, Polónia, Roménia, Suécia, Suíça, URSS, Inglaterra e Jugoslávia.

criámos
mais espaço
para colaborar



Em Odivelas e no Montijo, estamos agora presentes através de duas novas Agências para, como em tantas outras localidades do País, poderemos colaborar, estreitamente, com as populações locais.

ODIVELAS MONTIJO

Rua Guilherme Gomes Fernandes, n.º 35-A — 2675 ODIVELAS

Rua Manuel Neves Nunes de Almeida, n.º 25 — 2870 MONTIJO

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

ENSINO

Estudantes de Trás-os-Montes defendem Ensino Unificado

PORTO, 3 — «Os estudantes não podem deixar de protestar veementemente pela política de destruição do ensino unificado praticado pelos sucessivos governos», afirmam, num documento, várias Associações de Estudantes e Conselhos Pedagógicos de Escolas de Macedo de Cavaleiros, Vila Real, Moncorvo, Chaves, Régua e Miranda.

Acrecentam que «hoje mais do que nunca é necessária e urgente a mobilização dos estudantes e das suas estruturas para a defesa da democracia e do direito ao ensino nas escolas» e reivindicam a defesa da avaliação contínua, a escala de avaliação

de 0 a 5, dizendo «não» aos exames do 9.º unificado e nas disciplinas terminais do 10.º ano.

«É necessário lutar por melhores condições de vida», sublinham as estruturas subscritoras do documento, apontando a falta de bibliotecas, as escolas em ruína, os transportes deficientes, as cantinas mal apetrechadas e

as más condições de vida e de estudos dos estudantes nas aldeias. Qual o trabalho já efectuado pelos srs. vereadores para as várias Câmaras e Assembleias de Freguesia para dar uma solução a estes problemas? — perguntam, no final, lançando um apelo à população estudantil para se debruçar sobre estes problemas.

Colóquios sobre ensino da gramática de português

A Associação de Professores de Português vai promover, nos próximos dias 8 e 10, às 17 e 30 e 21 horas, respectivamente, dois colóquios sobre «O ensino da gramática de português no curso secundário unificado».

Estes colóquios, que se reali-

zam no anfiteatro 2 da Faculdade de Letras de Lisboa e são abertos a todos os professores de português interessados, terão a participação da dr.ª Fernanda Irene Fonseca, da Faculdade de Letras do Porto (no dia 8), e do dr. Malaca Casteleiro, da Faculdade de Letras de Lisboa.

PORTO Eleições em Economia

PORTO, 3 — Iniciaram-se, esta manhã, as eleições para os corpos gerentes da direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Economia às quais concorrem duas listas, ambas de esquerda: a «A», proposta pelos dirigentes cessantes, com a sigla «Unir - Participar - Organizar - Reforçar a dinâmica associativa - Por um ensino crítico e científico»; e a «B» — «Por uma associação de todos os estudantes - Por um ensino enquadrado na realidade constitucional».

As urnas manter-se-ão abertas amanhã, das 9 às 21, e no sábado, das 9 às 13 horas.

Angola quer professores

Com ordenados que vão de 15 mil a 60 mil quanzas (1 quanza é igual a 0,765 escudos) a República Popular de Angola está a oferecer ligares a professores portugueses para todas as suas províncias.

As habilitações solicitadas são, para o 1.º e 2.º níveis de ensino, respectivamente do antigo curso complementar do liceu e do curso especializado (vencimentos 15 a 25 mil quanzas); para o ensino médio e técnico do 2.º ano de um curso superior para disciplinas de formação geral e de licenciatura para dis-

ciplinas especializadas (vencimento de 25 a 30 mil quanzas); para o ensino universitário exige-se preparação pedagógica (vencimento de 60 mil quanzas).

Os horários exigidos são de oito horas lectivas semanais mais quatro horas de preparação docente.

Mesa redonda sobre economia

A Comissão Organizadora das Comemorações do 25 de Abril na Imprensa Nacional-Casa da Moeda leva a efeito amanhã às 21.30 h, no Palácio de Bramão, uma mesa-redonda sobre problemas económicos e a situação das empresas nacionalizadas após o 25 de Abril. Esta mesa-redonda contará com a presença e participação do major Vasco Lourenço, João Cravinho, José Carlos Vasconcelos, António Borge e Sousa Franco.

Organizada por esta Comissão continua patente ao público uma exposição que integra a produção da empresa desde o 25 de Abril de 1974.

SESSÃO PÚBLICA DA CML

Quando Silva Graça atacou Proença Helena Roseta ainda não tinha chegado

Uma vez por mês o público participa na reunião da Câmara Municipal. Normalmente, e depois de aprovados ou não os pontos da agenda de trabalhos, há um ou mais indivíduos que se levantam para expor os seus problemas e denunciar, muitas vezes, as dificuldades que deparam para ver resolvidos os seus «casos», muitos deles de difícil solução. A habitação, por exemplo faz parte desse conjunto, assumindo laivos dramáticos.

Uma vez mais isso aconteceu na sessão pública da CM de segunda-feira, durante um meio tempo marcado pela ausência dos vereadores do PSD (Helena Roseta, Nandim de Carvalho e Rui Mendonça). Só por volta das 17 horas (a sessão começou cerca das 15) é que a deputada social-democrata, outrora encarregada do pelouro da habitação na Câmara, apareceu na sessão, quando os vereadores presentes pelo PS, CDS e APU já tinham aprovado, com algumas abstenções e conforme as propostas (nem sempre vistas dentro da mesma óptica pelos vereadores da APU e do CDS) já tinham votado cinco pontos, nomeadamente a atribuição, por parte do município, dos prémios «Cidade de Lisboa», «Júlio Castilho», e «Júlio César Machado». E dois projectos para a construção de pavimentos e esgotos em diversos locais, nomeadamente, Quinta da Lameira e Casal Ventoso, operação que envolverá cerca de 19 mil contos.

Dez pontos estavam agendados e todos foram aprovados. Em torno da nomeação do dr. Rómulo de Figueiredo para o cargo de director dos Serviços de Abastecimentos da CML travou-se polémica entre os vereadores da APU e do CDS, tendo o centrismo (responsável pelo respectivo pelouro) Pedro Feist argumentado que a escolha do dr. Rómulo de Figueiredo para o cargo obedeceria a necessidades eminentemente técnicas, enquanto a do titular agora nomeado concordava com a necessidade das funções dever apontar para uma óptica essencialmente de gestão. Nas urnas entraram oito votos a favor e três abstenções, pelo que o dr. Rómulo de Figueiredo, homem com experiência (é o director do Ga-

binete de Estudos da CML) é desde segunda-feira, e de facto, o director dos aludidos serviços.

Quatro novos mercados serão construídos na área da capital e em zonas bem diferenciadas: Alcântara, Galinheiras (Charneca), Belém (Ajuda) e Marvila. A sua instalação implicará um dispêndio de 5082 contos, montante que não consta da verba municipal e que terá de ser encontrada num orçamento suplementar. A proposta nesse sentido foi aprovada, embora o vereador da APU, Cunha Serra, tenha posto algumas objecções quanto ao facto da CML ter encomendado o seu projecto a um arquitecto que não faz parte dos seus quadros. O presidente, Aquilino Ribeiro Machado, deu explicações sobre a metodologia seguida neste caso.

Pertenceu a Silva Graça (da APU) a mais importante declaração política da sessão, aquando da discussão sobre a atribuição dos prémios «Júlio Castilho» e «Júlio César Machado», respectivamente para a melhor obra sobre Lisboa e o melhor artigo publicado na imprensa sobre a capital. O antigo secretário de Estado da Juventude chamou a atenção para a escassez pecuniária de ambos os prémios (2500\$000), argumentando que se impõe rever esses quantitativos, sobretudo agora quando «A Comunicação Social está sob o fogo do reacçãoário Proença de Carvalho» e «existe o terror» em vários jornais. Aludindo aos profissionais da Informação são «resistentes que se batem contra a mordada do sr. Proença de Carvalho».

Primeiro-Ministro deu «luz-verde» para a «via-rápida» Lisboa - Loures

● OBRAS ASCENDEM A 700 MIL CONTOS

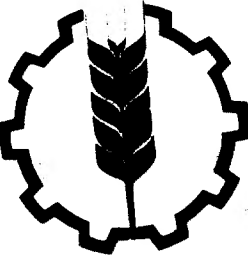
A via rápida Lisboa-Loures libertará os utentes diários da ligação do «inferno da Carriche». As obras serão superiores a 700 mil contos. O Primeiro-Ministro, entretanto, deu «luz verde» para a construção do primeiro troço, entre Lisboa e Malveira. O lançamento terá a extensão de 7,5 quilómetros, conforme proposta da Junta Autónoma das Estradas (JAE).

A autorização para a adjudicação da construção da primeira fase é já um facto consumado. A nova via rápida terá características correspondentes a uma velocidade de 100 quilómetros por hora, com todos os cruzamentos desnivelados e acessos permitidos pelos nós de Odivelas, Frielas e Tojal. A obra inclui a construção de diversos aquedutos e viadutos (estes no valor de 200

mil contos) e deverá ficar concluída em mil dias.

A concretização desta «via rápida» vem ao encontro de uma velha e justa aspiração das populações do concelho de Loures e regiões em volta, designadamente Bucelas, Torres Vedras e Malveira. Para que a obra avance tornou-se necessário projectar o desvio da ribeira da Costa, entre Odivelas e a actual Estrada Nacional n.º 8, numa grande extensão.

O grupo adjudicatário das obras é constituído pelas firmas SEOP, Sepol e Construterra, que apresentou uma proposta de cerca de 578.000 contos, valor que acrescentado ao custo das expropriações monta a um quantitativo superior a 700 mil contos, como acima referimos.



**SINDICATO
DOS TRABALHADORES
DA INDÚSTRIA
ALIMENTAR DE HIDRATOS
DE CARBONO DO SUL**

M O Ç Ã O

Os trabalhadores do Sindicato das Indústrias Alimentares de Hidratos de Carbono do Sul, reunidos em plenário, em Caldas da Rainha, levam ao conhecimento do Sr. Presidente da República, Conselho da Revolução, 1.º Ministro, Presidente da Assembleia da República e Grupos Parlamentares do P.S. e P.C.P. o seu repúdio pelo Governo reacçãoário Mota Pinto/PPD por toda a sua política quer nos aumentos brutais do custo de vida que vem mais complicar a situação já tão precária dos trabalhadores deste País e suas famílias, quer por toda a política de repressão com os trabalhadores da zona da Reforma Agrária e em várias empresas como Sorefame, Cometna, Lusalgo, Lusallite, Soares da Costa e várias empresas têxteis e também nos nossos sectores, Panificação, Pastelaria, Bolachas e Chocolates.

Por tudo isto e pela vontade férrea que este Governo tem de que os filhos dos pobres não mais tenham direito a condições dignas, os trabalhadores reunidos neste plenário exigem a saída deste Governo.

Por um Governo Democrático que respeite a Constituição e os ideais do 25 de Abril.

VIVA A CONSTITUIÇÃO
VIVA O 25 DE ABRIL
VIVA O 1.º DE MAIO 1979 — JORNADA DE UNIDADE E LUTA

REFORÇAR A UNIDADE! CONSTRUIR O FUTURO!

Caldas da Rainha, 22 de Abril de 1979

MOTOPEÇAS

**FÉRIAS
TEMPOS LIVRES**



**Modelos de 1978
de tendas e atrelados
a preços antigos**

Andre JAMET

**VITÓRIA
DE
MATOSINHOS**

**E OUTRAS
MARCAS**

Rua António Enes, 23 (à Av. Duque de Ávila)
1000 LISBOA — Telefone 53 96 20

HORÁRIO

2.ª A 6.ª FEIRA: DAS 10 ÀS 20 HORAS
SÁBADO: DAS 10 ÀS 17 HORAS

**NOTARIADO
PORTUGUÊS**

**CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA
A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA**

Certifico para efeitos de publicação que no dia 20 de Abril corrente, de fls. 86 a fls. 87 v.º, do Livro A-125, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual Marcos da Silva e mulher Filomena dos Reis, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes nos Casais de São Domingos, freguesia da Encarnação, deste concelho, justificaram que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: —Prédio rústico composto de cultura arvense, denominado «Pomares», sito na Ponte, limites do lugar do Safarju, freguesia de Santo Isidoro, deste concelho, inscrito, na respectiva matriz cadastral, sob o art.º 162 — Seção C, com o rendimento colectável de 80\$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 1600\$00. Que o referido prédio encontra-se omissio, na competente Conservatória do Registo Predial e, conquanto, não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que os outorgantes Marcos da Silva e mulher possuem o referido imóvel, há mais de 25 anos, com exclusão de outrem e de boa-fé, pelo que o adquiriram por usucapião.

É CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL, que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita, e, certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever.

Mafra, 20 de Abril de 1979

O Ajudante
(MARIA MANUELA BEIRÃO CLÍMACO DELGADO)

**NOTARIADO
PORTUGUÊS**

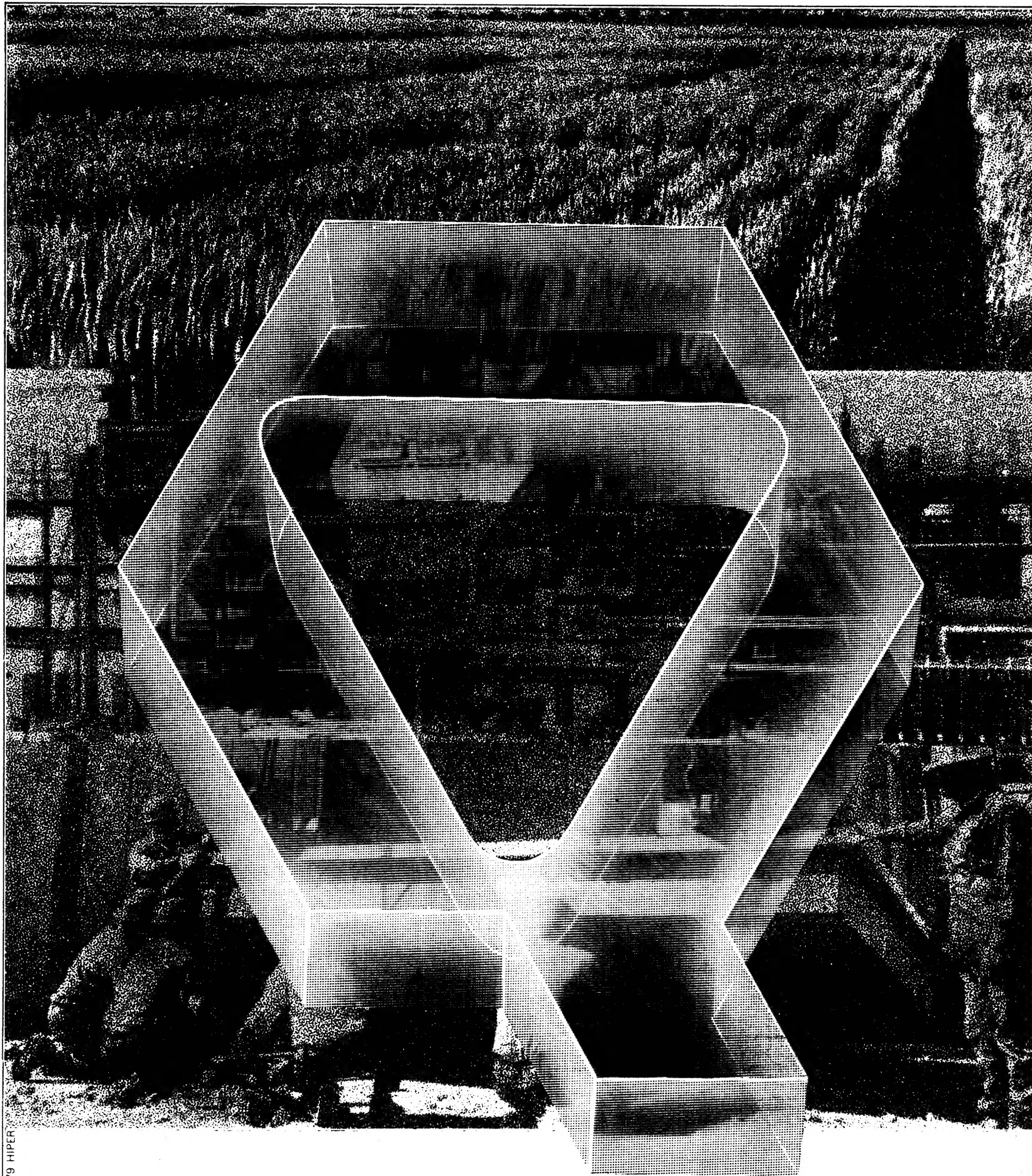
**CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA
A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA**

Certifico para efeitos de publicação que no dia 27 de Abril corrente, de fls. 98 a fls. 99 v.º, do Livro A-125, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual Domingos Alexandre Coelho e mulher Adelina Dias, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar da Picanceira, freguesia de Santo Isidoro, deste concelho, justificaram que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores da propriedade de uma oitava parte do prédio rústico composto de pinhal, vinha e oliveiras, denominado «Mosqueiro de Baixo», sito na freguesia do Sobral da Abelheira, deste concelho, inscrito, na respectiva matriz cadastral, sob o artigo 41 — Seção A, com o rendimento colectável — correspondente à fracção — de 43\$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 860\$00. Que o referido prédio encontra-se descrito, na Conservatória do Registo Predial, sob o número 30855, a folhas 135, do Livro B 82 e, conquanto não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que os outorgantes Domingos Alexandre Coelho e mulher possuem a referida propriedade, há mais de 30 anos, com exclusão de outrem e de boa-fé, pelo que a adquiriram por usucapião.

É CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL, que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita, e, certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever.

Mafra, 27 de Abril de 1979

O Ajudante
(MARIA MANUELA BEIRÃO CLÍMACO DELGADO)



HO-1/79 HIPER

**produzir
é realizar**

Ir mais longe. Suprir as necessidades do país com produtos de qualidade. Fabricar mais e melhor. Competir no campo internacional. Resolver o futuro no presente.

Fertilizantes e pesticidas. Produtos para a pecuária. Produtos de química inorgânica, gases industriais e metais não ferrosos. Produtos de química orgânica. Plásticos, fibras e derivados. Produtos de grande consumo. Têxteis para o lar.



QUIMIGAL QUÍMICA DE PORTUGAL, E.P.
Av. Infante Santo, 2 — 1399 LISBOA CODEX

A Indústria cresceu: os portugueses beberam mais

Convenhamos que beber mais não é propriamente um índice de expansão industrial. Mais uns copos de cerveja ou uns «pirolitos» não chegam para «salvar» a indústria. Contudo, um estudo do MIT, Ministério da Indústria e Tecnologia revela que a indústria de bebidas e a indústria de base foram os sectores que apresentaram o maior crescimento em 1978.

Beber para esquecer, parece ter sido assim uma das consequências do acordo com o FMI e da crise política. Note-se que, devido aos preços do vinho, o cidadão, ajudado, meteu-se nos «copos» mas de bebidas não necessariamente espirituosas. A

indústria de bebidas cresceu num ano 21%. A indústria de base progrediu em 23%. O MIT revela que para além das citadas, a indústria de minerais não metálicos cresceu mais de 10%, a de máquinas e aparelhos eléctricos 12,4% e os fios e cabos isolados 11%. No capítulo dos crescimentos moderados destacam-se as indústrias alimentares, produtos metálicos, calçado, vestuário, plásticos, borracha e têxteis. O estudo do MIT citado pela ANOP não nos revela, contudo, em que medida a desvalorização da moeda e a inflação contribuíram para «embelezar» as taxas de crescimento.

Porto de Lisboa movimentou em 78 mais de 4300 navios e 79 mil passageiros

Mais de 4300 navios e 79.841 passageiros de várias nacionalidades movimentaram o porto de Lisboa o ano passado. Segundo a AGPL (Administração Geral do Porto de Lisboa) os números mais significativos referem-se a 2599 barcos de carga geral, 482 petroleiros, 273 porta-contentores, 182 transportadores de gás, 146 rebocadores e 131 navios de passageiros.

O primeiro lugar no movimento do porto de Lisboa pertenceu à RFA, cujos 695 navios apresentaram 1376.305 toneladas de arqueação bruta. A carga total operada pelo referido conjunto de navios rondou os

11.600.453 toneladas, sendo 10.117.157 toneladas desembarcadas e 1.483.296 embarcadas (carregadas).

Especificando ainda mais, tivemos 4.118.190 toneladas de grãos líquidos movimentados, e 4.855.491 de sólidos, ambos no total de desembarcados (descarregados) e embarcados. No respeitante a passageiros a cálculo da AGPL (os números ainda são provisórios) aponta para um total de 79.841, sendo 4286 desembarcados, 3581 embarcados, e 12.806 em trânsito. Desse total há ainda a assinalar 59.169 excursionistas.

«ALGOMAPE — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES CIVIS E INDUSTRIAIS, LIMITADA»

1. — Certifico para fins de publicação que por escritura deste cartório de 3 de Abril do ano corrente de folhas 88 v.º a folhas 90v.º do livro de notas n.º 197 F, foi constituída a sociedade em epígrafe que adoptou o pacto constante dos seguintes artigos:

— PRIMEIRO. A sociedade adopta a denominação de «ALGOMAPE — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES CIVIS E INDUSTRIAIS, LIMITADA», tem a sua sede em Lisboa na Avenida Santos Dumond, número setenta e oito, rés-do-chão, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

— SEGUNDO. A sociedade tem por objecto a indústria de construção civil e o comércio de materiais de construção, podendo ainda exercer qualquer outra actividade legalmente permitida e que a sociedade deliberar explorar.

— TERCEIRO. O capital social é de um milhão de escudos, encontra-se integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: Álvaro José Marreiros, com uma quota de quatrocentos e vinte e cinco mil escudos, Augusto Alves Godinho, com uma quota de trezentos e vinte e cinco mil escudos, e Eng.º Téc.-Agr.º Jorge Manso Maia de Carvalho, com uma quota de duzentos e cinquenta mil escudos.

— QUARTO. Os sócios podem fazer suprimentos à sociedade nos termos e condições deliberados em assembleia geral.

— QUINTO. A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da Sociedade, à qual é também reservado o direito de preferência.

— SEXTO. A gerência é nomeada em assembleia geral, e para que a sociedade fique obrigada nos respectivos actos e documentos são necessários duas assinaturas (dois gerentes, conjuntamente).

— Parágrafo Primeiro. A sociedade poderá constituir mandatários e os gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, mediante procuração, mesmo em pessoas estranhas à sociedade.

— Parágrafo Segundo. A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

— Parágrafo Terceiro. Sempre que da sociedade faça parte como sócio uma pessoa colectiva, a sua representação na gerência será comunicada à sociedade mediante simples carta.

— SÉTIMO. A sociedade poderá amortizar, pelo valor que resultar do último balanço geral aprovado, qualquer quota que for arrestada, penhorada ou sujeita a qualquer procedimento judicial. No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, continuarão na sociedade os herdeiros do falecido ou interdito, que nomearão um deles para nela os representar.

— OITAVO. Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com, pelo menos, oito dias de antecedência.

— NONO. Os lucros líquidos apurados em cada exercício serão distribuídos pelos sócios na proporção das suas quotas, depois de deduzida a percentagem destinada à reserva legal ou outras reservas.

— DÉCIMO. Em caso de dissolução, todos os sócios são, desde já, nomeados liquidatários.

2. — Mais certifico que a presente fotocópia que se contém em 3 tomas vai conforme ao original assim como a parte certificada, e nada contém em contrário do que fica certificado e fotocopiado.

Lisboa e Décimo Sétimo Cartório Notarial aos onze de Abril de mil novecentos e setenta e nove.

O Ajudante do Cartório,
José Martins da Conceição

Património da Metalúrgica Duarte Ferreira vai ser alienado

Há quem diga que vivemos sob a sigla do DES. Desnacionalizar, desinfetar, desintervencionar, desinformar, despromover, destruir. É verdade. Mas, mais sofisticada é a tendência para a alienação. Repare-se que se resolvem de uma penada os problemas que uma DESnacionalização ainda provocariam, com campanhas organizadas e orquestradas contra os DES-colectivizadores...

Essa fúria incontrolável e, até bárbara, da turba, cheirando ora a ferrugem, ora a estrume, contém-se simplesmente com o vocábulo certo: alienar. Nada melhor que dar aos alienados e obsecados com essa coisa da Revolução, que ainda não se chama Desrevolução, que uma palavra simples, tão simples e ingénua que nem se dê por ela. Bom, sempre há quem dê... mas enfim, a perfeição não se pode atingir em cinco anos após se ter interrompido o processo de perfeição e aperfeiçoamento que laboriosamente estava

em curso desde há 50 anos.

Repare-se nas vantagens do método: em vez de surgirem títulos indecentes como «O Século» desnacionalizado, a RDP desnacionalizada, a TAP desnacionalizada, a imprensa tem de contentar-se com magros títulos do género: A MDF vai ser alienada; os quadros resultantes da nacionalização da empresa X vão ser alienados. Alienados, doce plenasmo. Primeiro, alienamo-los por dentro. Depois, por fora. Que processo melhor que o da alienação sistemática? Não andavam esses magotes de soviets alienados e a alienar o resto que não havia sido alienado? Mais vale assim sermos nós a alienar... Nem vale a pena criarmos o ministério da alienação. Nem vale a pena pedirmos o claro apoio para o mérito global da alienação em curso.

MDF, alienado o património. «O Século» alienado o património. RDP, alienar tudo

e todos que não estejam ainda alienados. Alienados então. A nova ordem assim o exige. É saudável e patriótico que o façamos.

Em nome da alienação da própria Constituição, coitada, alienada progressivamente, à espera da alienação definitiva...

Vivamos assim o momento presente: com alienação. O tempo é, aliás, curto. A alienação dá-se e alimenta-se do «tempo curto». É quando melhor se desenvolve, tal como o nenúfar no pântano. Cresce exponencialmente. Quando menos se dá por isso, zumba, o pântano fica alienado, perdão, coberto, camuflado.

Estabelecamos então o plano. Melhor prossigamos o plano, enquanto é tempo, e ele é curto. Alienamos rapidamente e em força.

(Excertos imaginários do discurso do grande Aliante, ou prosa actual da alienação em que nos metaram).

José Manuel Nunes

Concurso de ovinos em Seia

Cento e dezasseis pastores com os seus rebanhos participaram, no último fim-de-semana, no concurso de ovelhas promovido pelo Parque Nacional da Serra da Estrela (PNSE), que tem como objectivo estimular o apuramento das raças ovinas na área da sua jurisdição.

O certame, o primeiro de uma série de quatro a realizar até ao fim do próximo mês teve o apoio e a colaboração do Governo Civil da Guarda, Câmara Municipal de Seia, Banco Espírito Santo e Junta de Freguesia de Senhora da Espinheira, Póvoa Velha, local onde teve lugar o concurso.

O júri concedeu o primeiro prémio, em ovelhas, a Manuel Abrantes Correia, de Maceira. Na classe de carneiros, foi atribuído o primeiro prémio a Manuel Lopes Camelo, de Arrifana. Nas classes de malatos e malatas foram premiados, respectivamente, Dominique Alves Amaral, de Santiago de Seia, e José Alfredo, de S. Romão.

O próximo concurso efectua-se em Aldeias, no concelho de Gouveia, no dia 6 de Maio.

Ciência e tecnologia para o desenvolvimento

A Junta de Investigação Científica e Tecnológica vai realizar, na Fundação Gulbenkian, de 15

Comissão de apoio às pescas da Madeira tem existência legal

Um despacho do ministro da República da Madeira, almirante Lino Miguel publicado no «Diário da República» cria a Comissão Regional Coordenadora de Apoio às Pescas naquela Região Autónoma.

A Comissão, segundo o despacho em questão, tem por funções o «planeamento, coordenação e controlo de apoio às pescas dentro da política definida pelo Governo Regional, sem prejuízo da articulação com a política de pescas a nível nacional».

É neste enquadramento, aliás, que o GR da Madeira se encontra representado nas conversações entre delegações de Portugal e da Espanha relativamente à pesca de tunídeos, que serão reatadas depois de amanhã, após uma interrupção, na semana finda, para acerto de posições.

a 18 do próximo mês, um simpósio sobre ciência e tecnologia para o desenvolvimento.

Os temas a debater são: «O sistema científico e tecnológico nacional», «Os recursos naturais» (dividido pelos subtemas «Recursos oceânicos» e «Ecosistemas agrários») e «Tecnologia».

A sessão de abertura incluirá comunicações do ministro da Educação e Investigação Científica, Valente de Oliveira, e de João Fraque da Costa, secretário-geral da conferência das Nações Unidas sobre ciência e tecnologia para o desenvolvimento, que este ano se realiza de 20 a 31 de Agosto, em Viena de Áustria.

Na sessão de encerramento usarão da palavra, nomeadamente, João Cravinho, na qualidade de delegado português ao Comité de Ciência e Tecnologia das Nações Unidas para o Desenvolvimento, e o vice-primeiro-ministro, Jacinto Nunes.

Novos "Boeing" para Angola

A companhia aérea angolana (TAAG) comprou um novo «Boeing-737», que lhe acaba de ser entregue.

A TAAG dispõe agora de três «Boeing» desse tipo, que funcionam nas linhas internas, e três «Boeing-707» que efectuam os voos de longo curso (Luanda-Havana e Luanda-Lisboa). A companhia encomendou um outro «707», que lhe deverá ser entregue ainda este mês.

Em 1978, a TAAG transportou 450 mil passageiros e espera atingir este ano o número de 600 mil.

Empresas públicas e concorrência na CEE

A Associação Universitária de Estudos Europeus (AUROP) vai promover nos dias 4 e 5 de Maio, em Coimbra, um seminário sobre «Empresas públicas e concorrência na Comunidade Económica Europeia».

Os trabalhos, que terão lugar no Palácio de São Marcos, contarão com a participação de especialistas nacionais e estrangeiros e abordarão, entre outros temas, «o sector público da economia portuguesa na perspectiva da adesão à CEE», «Empresas públicas e regime de preços» e «Compatibilidade da reserva pública da actividade bancária com o direito comunitário».

Ferreir Correia, reitor da Universidade de Coimbra e presidente do Conselho Superior da «AUROP», presidirá à sessão de abertura.

Pesca do atum

A exploração da pesca do atum e espécies afins na zona económica exclusiva portuguesa vai ser debatida por cientistas de pesca portugueses e espanhóis em reunião marcada para esta tarde.

As conclusões serão transmitidas em relatório aos directores-gerais das Pescas dos dois países.

A concessão a Espanha de licenças de pesca de atum nas águas territoriais portuguesas só será concretizada depois de os biólogos dos dois países avaliarem os recursos existentes e as potencialidades dos mares portugueses nesse domínio.

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

Direcção-Geral do Saneamento Básico

SECRETARIA DE ESTADO DO ORDENAMENTO FÍSICO, RECURSOS HÍDRICOS E AMBIENTE

ANUNCIO PROJECTO DE ESGOTOS DA REGIÃO DO ALGARVE

Está aberta a apresentação de candidaturas de gabinetes nacionais especializados em Estudos e Projectos de Saneamento Básico, ao concurso de pré-qualificação para elaboração do PROJECTO DE ESGOTOS DA REGIÃO DO ALGARVE.

As candidaturas devem ser apresentadas na Direcção-Geral do Saneamento Básico, Rua Antero de Quental, n.º 44, em Lisboa, até às 15 horas do dia 30 de Maio, onde o processo de concurso poderá ser examinado dentro das horas de expediente, até às 17 horas do dia anterior ao do concurso.

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
António Gomes dos Reis Carneiro

CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA AVISO

A Câmara Municipal de Beja, por não dispor de meios humanos para detectar todas as casas devolutas no Concelho, solicita à população que informe, por escrito, os casos de que tenha conhecimento.

Não serão consideradas as comunicações que não venham subscritas com a respectiva assinatura e endereço.

Beja, 27 de Abril de 1979

O Presidente da Câmara,
José Carlos da Silva Reis Colaço

CASO "HUMBERTO DELGADO"

Ódio de ditador na morte do General

Decorreu ontem mais uma sessão do julgamento dos assassinos do general Humberto Delgado, com a continuação do depoimento da filha do general, Maria Humberta e do filho, tenente-coronel Humberto da Silva Delgado, comandante da TAP, e que, de certa forma se mostrou bastante alheado dos meandros do processo.

Maria Humberta, que respondeu às questões postas por Manuel Anselmo, o escriba dos «Cadernos» para quem o general era sempre tratado por «general palhaço», mostrou a mesma força interior e a mesma firmeza da sessão anterior.

Ao defensor de Salazar e, no caso vertente, de Silva Pais e Rosa Casaco, declarou Maria Humberta: «Não vejo Salazar a ter amizade por ninguém.» Para lá da solidão dos ditadores, Salazar agia também sob ressentimento. Desde o momento em que a figura do general, cujas viagens e estadias em Inglaterra e Estados Unidos da América, lhe provocaram uma evolução que se consumou na ruptura com o ditador, Salazar nunca mais lhe perdoou. «A sua figura tinha passado a ser incómoda e não custa a crer que, no condicionamento daquele tempo, com todo o poder de que dispunha, Salazar tivesse resolvido eliminá-lo.»

A defesa queria mudar a água do leito do rio; a defesa queria dar a conhecer a versão inicial da PIDE: seriam divergências com correligionários políticos que estariam na origem da morte do general. Maria Humberta foi clara: «Existiam divergências sérias entre meu pai e o grupo de Argel, mas isso não poderia provocar nunca a sua morte.» Em contrapartida, afirmou que embora desconheça como possa ter ocorrido a morte do general, onde e quando, supõe serem plausíveis as versões que apontam ter sido morto à traição pela PIDE ou trazido para Portugal e,

aqui, torturado e morto.

No seu depoimento, o comandante Delgado rememorou as «démarches» efectuadas, acompanhado de sua mãe, em Villanueva del Fresno e Badajoz, pouco depois da descoberta do cadáver do seu pai.

O anel veio de novo à baila. E à semelhança do que afirmara a sua mãe e a sua mãe, o tenente-coronel confirmou que o anel, encontrado junto ao corpo do general, segundo versão da Polícia espanhola, não passa de uma imitação grosseira do verdadeiro que ontem foi possível

ver através de uma grande fotografia que Maria Humberta apresentou no tribunal.

Ainda na sessão de ontem, foi decidido que o tribunal se deslocasse a Caxias para a acareação entre Silva Pais e Agostinho Tienza.

Segundo os médicos do antigo director da DGS, Silva Pais encontra-se doente, porque impossibilitado de estar presente no tribunal.

Recomendam também os médicos que a acareação não deverá ser «prolongada nem traumatizante».

MILHARES DE FAMILIAS AMEAÇADAS DE DESPEJO

Arrendamento forçado de andares objecto de debate na Voz do Operário

O actual regime jurídico do direito de denúncia do arrendamento urbano, em vigor desde Junho de 1977 (quando o PS governava este país), foi ontem objecto de severas críticas num debate público promovido na Voz do Operário que teve a participação dos deputados Carlos Candai (Partido Socialista), Zita Seabra (PCP), José Luís Cristo (CDS) e Lopes Cardoso e Car-

melinda Pereira, ambos independentes. A iniciativa do debate pertenceu à Associação dos Inquilinos Lisbonenses, que a propósito considera particularmente grave que a AR ainda não tenha alterado esse regime.

O «esquema», aliás, tem permitido «a mais desenfreada especulação e chantagem» por parte dos senhorios, forçando os inquilinos que ocupam andares na capital (sobretudo) a temer a ameaça de terem que comprar o fogo onde moram. Atenta a isso, receptora de centenas de denúncias de casos desse tipo, a AIL tudo tem feito para inverter o curso do processo. O seu grupo de trabalho para o efeito constituído ainda ontem fez na Voz do Operário um relato das suas actividades, apresentando as medidas a opor à referida venda forçada dos andares.

Mas a AR, até aqui, nem sequer um passo deu para alterar a lei. E foi isso que esteve em causa, uma vez mais, ontem, articulado com a lei que em Junho de 1977 repôs em vigor os artigos 1096 a 1099 do Código Civil, que «conferem ao senhorio a faculdade de obter o despejo quando invoque a necessidade de estabelecer a sua habitação no prédio arrendado ou de, no local, construir a sua residência», faculdade que tem vindo, na prática, a «dar lugar às maiores fraudes e abusos, permitindo a realização de especulativos negócios de venda de andares arrendados» e funcionando «como forma de pressão para que os locatários adquiram os

prédios em condições desvantajosas». O dinheiro que os senhorios arrecadam com tal ameaça vai invariavelmente para depósitos a altas taxas de juro nos estabelecimentos bancários, e nunca para investimentos habitacionais.

Só na cidade de Lisboa, como sublinhou a deputada comunista Zita Seabra, mais de trinta mil habitações já passaram a propriedade horizontal ao abrigo daquela legislação, criando na maioria das vezes encargos incomportáveis para os compradores forçados. Dois projectos de lei visando alterar o regime actual encontram-se há mais de seis meses «congelados» na Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias da Assembleia da República, enquanto para sobre centenas de famílias (conforme foi assinalado na sessão) a ameaça de despejos. Um dos projectos em causa é dos deputados independentes Lopes Cardoso, Vital Rodrigues e Brás Pinto, e o outro do PS, preconizando ambos a alteração do legislado ou a introdução nos artigos do Código Civil de modificações que permitam as formas de pressão que presentemente se verificam por parte dos senhorios.

Enquanto isto se passa no caso da venda forçada de andares, milhares de famílias beneficiárias de ocupações de prédios devolutos continuam também ameaçadas de despejo, ainda no campo da luta habitacional que a Constituição defende, muitas delas com processos-crime.

ATÉ FINAL DE JUNHO

Azeite "virgem" tem preço fixo

Através de um empréstimo de quinhentos mil contos que lhe foi concedido pela Caixa Geral de Depósitos, o Instituto de Azeites e Produtos Oleaginosos (IAPO), de acordo com um despacho normativo do MAP ontem publicado na folha oficial, adquirirá o azeite «virgem» com acidez até quatro graus e o óleo de bagaço de azeitona que a produção lhe proponha para venda até 30 de Junho próximo.

Quanto aos preços, o litro de azeite a pagar à produção varia entre 83 escudos (para azeite de quatro graus) e 92 escudos (0,5 graus), enquanto o quilograma de óleo de bagaço de azeitona, com quinze graus de acidez, dois por cento de humidade e impureza e dois por cento de oxigénio,

será pago a cinquenta escudos.

PREÇOS DO LINHO

Entretanto, quanto ao preço de compra do linho a praticar pelas indústrias relativamente aos produtos agrícolas (campanha deste ano), o Governo fixou os preços de seis escudos e 50 centavos para a palha de primeira, menos um escudo para a de segunda e quatro escudos para a de terceira. Foi ainda fixado um subsídio de dois escudos por quilo a conceder aos produtores pelo Fundo de Abastecimento, cujo pagamento será feito através das Direcções Regionais de Agricultura onde a cultura tiver lugar.

Atenção moradores de Vila Franca, Sacavém, Odivelas, Amadora e Almada

PREÇOS NUNCA VISTOS

	ERA	É
Quarto casal moderno.....	18-000\$00	11 950\$00
Quarto casal moderno.....	21-000\$00	12 950\$00
Quarto criança moderno (desde).....	15-000\$00	8 500\$00
Jogos de mapas (desde).....	7-000\$00	4 500\$00
Quartos Século XVII — Mogno.....	29-000\$00	20 950\$00
Salas Século XVII — Mogno.....	38-000\$00	30 500\$00
Mesas de refeição tampo vidro.....	8-000\$00	4 950\$00
Cadeiras cromadas.....	2-200\$00	1 580\$00
Estante c/ cristaleira.....	18-500\$00	12 850\$00

MUITAS MAIS MOBILIÁRIAS E MAPLES

A.S. NUNES - INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO, LDA.

R. 25 de Abril, 9-A - Catujal - SACAVÉM
R. de S. José, Lote 1, r/c. - Tel. 2510029 - SACAVÉM
R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (junto ao Pão de Açúcar) Cova da Piedade
R. Elias Garcia, 25 - Tel. 976597 - V. Nova - AMADORA
R. Palha Blanco, 73 - Tel. 06322081 - V. Franca de Xira
R. Guilh. G. Fernandes, Lt. 13 - Tel. 917336 - ODIVELAS



Câmara Municipal do Seixal EDITAL

EUFRÁZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ, presidente da Câmara Municipal do Concelho do Seixal;

FAZ SABER QUE: devem comparecer no prazo de trinta dias a contar da presente publicação, no Gabinete de Apoio, Planeamento e Gestão de Pinhal de Frades, os proprietários ou promitentes compradores de lotes abrangidos pelo Plano de Reconversão de Pinhal de Frades, já aprovado, e que não tenham ainda iniciado o processo de legalização nos termos do Regulamento do referido Plano.

Para constar se mandou lavrar o presente Edital que vai ser afixado nos locais de costume.

E eu João Maria Viçoso Freire, Chefe da Secretaria, que o subscrevi.

Paços do Concelho, aos 27 de Abril de 1979

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Eufrázio Filipe Garcez José

DURANTE ESTE MÊS

Vacine o seu filho contra o sarampo

A campanha de vacinação contra o sarampo vai realizar-se, por todo o País, durante este mês de Maio, destinada em especial às crianças entre os 12 meses e os seis anos.

O sarampo causava em Portugal uma média anual de 250 óbitos, na quase totalidade de crianças. Após uma primeira campanha de vacinação realizada em 1973, aquela média desceu para 93 no triénio 1973-75. Desde aquela data foram já vacinadas em Portugal

cerca de 650 mil crianças.

Provocado por um vírus e considerado habitualmente como uma afecção benigna, o sarampo pode causar graves perturbações, tais como otites, pneumonias, encefalites, em muitos casos mortais. Sequelas como surdez, deficiências mentais, cegueira são frequentes após casos de sarampo. Não existe qualquer tratamento específico contra o sarampo. A vacinação é a única medida segura para o evitar.



festa da fraternidade

5 e 6 de Maio

PAVILHÃO DO C.A.C.O.

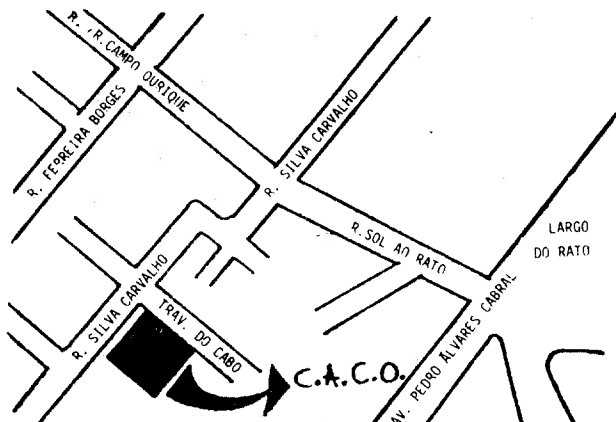
(CLUBE ATLÉTICO DE CAMPO DE OURIQUE)

ENTRADAS PERMANENTES E SIMPLES

À disposição no: C.A.C.O. — Livraria Opinião (chiado)
Livraria Ulmeiro (Benfica) — Livraria LER (C. Ourique)
Rua Manuel Bernardes, 23 Telef. 60 19 60-Lisboa

Transportes Colectivos:

AUTOCARROS: Carreiras n.ºs 9-20-22-27-38-55
ELÉCTRICOS: 25-26-28-29-30



- Melina Mercouri (Grécia)
- Zeca Afonso
- Francisco Fanhais
- Vitorino
- Cantadores do Redondo
- José Mário Branco
- Shila
- Bebiano (Galiza)
- Rão Kiao
- Adriano Correia de Oliveira
- José Fanha
- Vum-Vum (Angola)
- Pedro Barroso
- Carlos Alberto Moniz - Maria do Amparo
- Delphin
- Marionetas de S. Lourenço
- Teresa Paula Brito
- Rancho de Valadares
- Fernando Laranjeira
- Sintagma
- Carlos Paredes
- Afonso Dias
- António Portanet

TARDE INFANTIL — DEBATES — EXPOSIÇÕES — COMES E BEBES
VENDA DE LIVROS E DISCOS — PRODUTOS REGIONAIS — SORTEIOS

U.E.D.S. — UNIÃO DE ESQUERDA PARA A DEMOCRACIA SOCIALISTA

R. Manuel Bernardes, 23 — Telef. 601960 — Lisboa

BARREIRO

Dr.º José Godinho Canário

FALECEU

Sua mulher, filhos, noras e mais família, participam o falecimento do seu muito querido marido, pai sogro e parente e que o seu funeral se realiza amanhã dia 4, pelas 10.30 h da capela da Misericórdia do Barreiro para jazigo de família no Cemitério de Almada.

Trata Agência Alves Rodrigues — Tel. 2073458

CGTP-IN: um protesto que não pode ser ignorado

«O protesto unânime de centenas e centenas de milhares de trabalhadores pela demissão do Governo Mota Pinto, contra a política de direita, contra o aumento do custo de vida, contra os despedimentos e o desemprego, contra os ataques às principais conquistas da Revolução de Abril, contra os ataques à liberdade, ao regime democrático e à Constituição, não poderá mais ser ignorado e implica a necessidade de se inverter tal política, de dar satisfação aos anseios, satisfações e aspirações do povo português».

O comentário parte do secretariado da CGTP-Intersindical Nacional, e refere-se às comemorações do 1.º de Maio organizadas pelo Movimento Sindical unitário.

Saudando todos os que participaram nessa «gran-

diosa manifestação de vontade colectiva», o secretariado da Confederação considera que ela «demonstrou inequivocamente que os trabalhadores estão unidos em torno da sua central sindical e mais uma vez desmascararam e isolaram as forças que persistem em tentar dividi-los com a finalidade de quebrar a sua capacidade de luta e a sua resistência».

A saudação, particularmente dirigida a todos os trabalhadores, jovens, mulheres, reformados, democratas, antifascistas e patriotas que participaram nas comemorações, conclui com a reafirmação de que a CGTP-Intersindical Nacional se votará, com «o seu total empenhamento, à luta pela concretização das justas reivindicações formuladas pelo povo português».

Bragança: ficará na história

Largas centenas de pessoas comemoraram, em Bragança, o «Dia do Trabalhador», numa manifestação que se pode considerar histórica, já que, praticamente, pela primeira vez, foi devidamente organizada a comemoração daquele dia na capital transmontana, onde as forças saudistas têm procurado manter tudo como dantes.

Desta vez o forte dispositivo policial desmotivou os

potenciais contramanifestantes, permitindo assim que o 1.º de Maio fosse celebrado com dignidade e em liberdade.

Após a festa popular, realizou-se um comício no qual intervieram Ernesto Castanheira e Eliseu, dirigentes da União dos Sindicatos de Bragança, e António Jorge, do Secretariado da CGTP-IN. Os três oradores atacaram a política governamental.

ENCONTRO NACIONAL DIAS 5 E 6

Trabalhadores da Rodoviária preparam reestruturação

Reestruturar a Rodoviária Nacional, melhorar as suas condições de vida e de trabalho, e reforçar a organização são os principais objectivos do Encontro Nacional dos Trabalhadores daquela empresa pública, que se realizará este fim-de-semana

comissão organizadora deram conta do trabalho preparatório desenvolvido para este encontro, e expuseram as razões que o motivaram. Os resultados do trabalho feito até agora «são indicadores precisos do interesse e motivação dos trabalhadores

seguintes aspectos: estrutura da empresa, finanças, exploração-passageiros, actividade comercial, turismo, manutenção, aproveitamento e pessoal.

De notar que a Rodoviária surgiu, à partida, como uma empresa «numa situação de falência técnica, o que a tornou num caso talvez ímpar no mundo». Na realidade, a situação herdada das empresas que nela se integraram era de «absoluta degradação em termos técnicos, económicos e financeiros», o que tornava a recuperação uma «tarefa difícil», mas possível e desejável. Os passivos eram, então, da ordem dos três milhões e 300 mil contos (dos quais 2800 mil exigíveis a curto prazo), e a situação líquida inicial apresentava um saldo negativo de um milhão e 300 mil contos.

No que respeita à melhoria das condições de vida e de trabalho, a análise já realizada «indica que, devido a factos de ordem política e social, se registaram avanços qualitativos consideráveis». A questão, no entanto, está intimamente ligada à eficácia da gestão da empresa. Prevê-se que surjam linhas orientadoras para as reivindicações salariais e sociais a formular nos tempos mais próximos, no âmbito da empresa.

«Factor determinante para o sucesso das lutas, quer globais, quer parciais», o reforço da organização dos trabalhadores ocupará também os participantes, na perspectiva de uma «actualização constante, conforme as exigências de cada momento». O que se tem em vista é dotar a actual estrutura organizativa de «maior qualidade e capacidade de intervenção», nomeadamente no que diz respeito às comissões de trabalhadores e à organização sindical.

A organização deste encontro está a cargo do secretariado das CTs da Rodoviária, e dos sindicatos mais representativos na empresa.



Adequar as estruturas da Rodoviária Nacional às necessidades da população e da economia portuguesa - objectivo dos trabalhadores, que realizam este fim-de-semana um Encontro de âmbito nacional

em Lisboa.

Durante uma conferência de imprensa efectuada esta manhã, elementos da respectiva

desta empresa pública em relação às questões que se deparam a uma grande empresa transportadora numa sociedade em transformação» - afirmaram.

Historiando o processo que levou à constituição da Rodoviária, após a nacionalização de 93 das maiores empresas de transportes (1975), a comissão organizadora conclui que ainda há muito a fazer, «para que a sua consolidação e desenvolvimento se processe de forma a responder com maior eficácia, quer do ponto de vista técnico, quer do interesse para a comunidade que serve».

Nessa perspectiva, o Encontro traçará linhas gerais de orientação, contemplando os

POR OBRA DE F. DO AMARAL

Agrário faz desaparecer cortiça da Mundet

Milhares de arrobos de cortiça adquiridas em 1977 pela Mundet (Seixal) têm estado a ser desviadas pelo reeservatório da herdade onde se encontravam, numa atitude ilegal que poderá prejudicar a curto prazo a normal laboração da empresa - revelou ao nosso jornal a respectiva comissão de trabalhadores.

A partida de cortiça fora adquirida directamente à unidade colectiva de produção «A Luta é de Todos», de Mora, por 10.300 contos, integralmente pagos. Desta matéria-prima, apenas foi levantada pela Mundet uma pequena parte.

Recentemente, o MAP de Ferreira do Amaral e de Vaz de Portugal, decidiu atribuir, na herdade anteriormente explorada por aquela UCP, uma reserva de que foi beneficiário um agrário que é, simultaneamente, industrial de cortiça com fábrica em Alhos Vedros.

Apoiado num estranho despacho do ex-secretário de Estado, concedendo ao reeservatório toda a cortiça da herdade (a título de «indenização»), este levantou-a quase totalmente em meados do mês passado, mobilizando meios de desproporcionada envergadura, e agindo rápida e discretamente. Numa semana, desapareceram assim cerca de 27 mil arrobos de cortiça.

A Mundet conseguiu, entre-

tanto, obter a suspensão judicial desta operação, desenvolvendo presentemente outras diligências que permitam obter a anulação do despacho, viciado por irregularidades insanáveis. De facto, e segundo a CT desta em-



presa, o despacho de Ferreira do Amaral veio dar cobertura a uma verdadeira usurpação de bens alheios, perpetrada com total desconhecimento da sua legítima proprietária.

A Mundet exige, agora, a devolução de toda a matéria-prima assim desviada, e a indemnização pelos prejuízos causados. Estes poderão revelar-se bastante elevados, já que a falta de matéria-prima se traduzirá na impossibilidade de satisfazer encomendas e expectativas legitimamente criadas.



Jogar com a fome

A administração das minas da Panasqueira (empresa Beralit Tin and Wolfram Portugal) pretende levar os trabalhadores a «vergar pela fome», segundo nos foi revelado por um dirigente sindical mineiro. Ontem, primeiro dia de uma greve que poderá durar até dia 8, os trabalhadores depararam com o refeitório da empresa fechado, enquanto os armazéns de abastecimento se recusavam a vender «fiado», como é de norma. Mas isso não deu resultado: hoje, a greve prossegue com uma aderência superior a 95 por cento...

NINGUÉM SAÍU

Os veículos de transporte da empresa rodoviária Luis da Silva Araújo (Braga) ficaram ontem completamente imobilizados, devido à greve levada a cabo pelo pessoal, que exige o pagamento de diversas quantias em dívida (retroativos devidos a motoristas e ajudantes, 13.º mês de 77, e subsídio de férias de 78).

DUAS POR «MILES»

Foi quase total a paralisação de duas horas ontem realizada pelos trabalhadores da Metalúrgica Lusolusitana (Cabo Ruivo), que pretendem um aumento individual de mil escudos. Só não aderiram dois terços do pessoal de escritório, já que o respectivo Sindicato (como vem sendo hábito...) não quis subscrever o pré-aviso de greve. Jorge de Mello é um dos donos da empresa, que dá trabalho a cerca de 680 pessoas.

A FSM ENTRE NÓS

Encontra-se desde ontem em Portugal uma delegação da Federação Sindical Mundial, composta pelo secretário-geral da organização e pelo responsável político do secretariado. A visita insere-se no clima de boas relações existentes entre a central sindical portuguesa e a FSM, que sempre apoiou a luta dos trabalhadores portugueses, quer no tempo do fascismo, quer na fase actual da vida político-sindical do nosso País.

MERECEM CASTIGO

Deverão ser «severamente punidos» os autores morais e materiais da agressão a três activistas sindicais ocorrida (como noticiámos) no passado dia 20 na empresa Abel Alves de Figueiredo, de Santo Tirso, quando se procedia à eleição dos delegados sindicais. Quem isso exige são os próprios representantes dos trabalhadores, que repudiam «energicamente esse acto de carácter nitidamente fascista».



sindicato dos trabalhadores da função pública - zona sul

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores sindicalizados dos DISTRITOS, para as reuniões a realizar nos dias e locais indicados no quadro que abaixo se apresenta, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º - PONTO DA SITUAÇÃO DA P. R. C. (TABELA SALARIAL);
- 2.º - DIVISIONISMO NO NOSSO SECTOR;
- 3.º - ALTERAÇÃO DOS ESTATUTOS DO SINDICATO.

DISTRITO - LOCALIDADE	DATA	HORA	LOCAIS DAS REUNIÕES
BEJA	2	21,30	DELEGAÇÃO DO SINDICATO
ALJUSTREL	4	18,00	CASA DO POVO
CASTRO VERDE	3	18,00	CASA DO POVO
CUBA	3	21,30	CASA DO POVO
FERREIRA DO ALENTEJO	3	18,00	CASA DO POVO
MÉRTOLA	7	18,00	CASA DO POVO
ODEMIRA	4	18,00	CASA DO POVO
SERPA	2	18,00	CASA DO POVO
CASTELO BRANCO	3	21,30	LICEU DE CASTELO BRANCO
COVILHÃ	4	21,30	ESCOLA PREPARATÓRIA
FUNDÃO	4	17,00	HOSPITAL CONCELHIO
SERTÃO	3	17,30	ESCOLA PREPARATÓRIA
ÉVORA	2	21,30	SOC. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR
ESTREMOZ	2	18,00	CASA DO POVO DE SANTA MARIA
MONTE-MOR-O-NOVO	3	18,00	UNIÃO DOS SINDICATOS
FARO	3	21,30	HOSPITAL DISTRITAL
SILVES	4	18,00	ESCOLA PREPARATÓRIA
V. R. DE SANTO ANTÓNIO	3	18,00	ESCOLA PREPARATÓRIA
PORTALEGRE	4	21,30	SOCIEDADE EUTERPE
ALTER DO CHÃO	4	18,00	CASA DO POVO
ELVAS	3	18,00	ESCOLA PREPARATÓRIA
SANTARÉM	4	21,30	DELEGAÇÃO DO SINDICATO
ABRANTES	3	21,30	ESCOLA COMERCIAL E IND.
BENAVENTE	4	18,00	ESCOLA PRIMÁRIA N.º 1
TOMAR	3	18,00	ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL
ENTRONCAMENTO	5	14,30	ESC. PREPARAT. DR. RUI ANDRADE
TORRES NOVAS	5	21,30	ÚNICO SIND. TORRES NOVAS
MAÇAO	5	17,30	SIND. TÊXTEIS
SETÚBAL	5	18,00	DELEGAÇÃO DO SINDICATO
ALMADA	4	21,30	SOC. INCRÍVEL ALMADENSE
BARREIRO	4	21,30	SOC. «OS PENICHEIROS»

Lisboa, 27 de Abril de 1979.

A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

ELEIÇÕES RESULTADOS

Colegas,

Como é do conhecimento geral no dia 27-04-79 reuniu-se a Assembleia Geral Eleitoral, por convocatória do Presidente da M. A. G. e de harmonia com o estabelecido nos n.º 1 e 3 do Art.º 25.º na alínea f) do n.º 2 do Art.º 27.º, no Art.º 64.º, no Art.º 79.º e n.º 6 do Art.º 52.º todos dos Estatutos para eleger a M. A. G. e a DIRECÇÃO e

Simultaneamente reuniu a Assembleia das Secções de Empresa, das Secções Regionais e da Secção de Interempresas, para eleger os respectivos SECRETARIADOS.

Dos resultados das Eleições para a M. A. G., DIRECÇÃO e SECRETARIADOS resulta automaticamente a constituição do CONSELHO GERAL, nos termos dos Art.º 33.º e 34.º dos Estatutos

I

Passamos a divulgar os resultados provisórios para a M. A. G. e para a DIRECÇÃO. O resultado oficial do apuramento será obtido após a recepção, pela Mesa da Assembleia Geral, das actas de todas as Mesas de Voto (nos termos do n.º 3 do Art.º 77.º dos Estatutos)

MAPA I

ELEIÇÕES PARA OS ÓRGÃOS CENTRAIS E SECRETARIADOS (EMPRESA E REGIONAIS) PARA O TRIÉNIO 1979/1981

APURAMENTO GERAL PROVISÓRIO POR MESAS E LISTAS

M E S A S	M. A. G.						DIRECÇÃO					
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º
Mesa 1 M.A.G.	16	548	10	8	460	16	548	11	8	455		
Mesa 2 B.B.T.	20	435	13	20	282	21	439	13	16	268		
Mesa 3 B.E.S.C.L.	73	1 077	10	62	993	70	1 074	10	58	1 009		
Mesa 4 B.F.N.	27	280	1	6	174	27	278	3	7	122		
Mesa 5 B.F.B.	30	803	30	17	731	31	800	24	16	744		
Mesa 6 B.N.U.	39	1 126	8	22	883	33	1 122	7	23	695		
Mesa 7 B.P.S.M.	63	854	39	10	707	57	855	34	11	718		
Mesa 8 B.P.	40	868	15	17	531	40	866	14	17	545		
Mesa 9 B.P.A.	51	780	27	26	617	45	785	25	24	622		
Mesa 10 B.T.A.	36	843	12	9	674	35	845	9	8	677		
Mesa 11 U.B.P.	45	818	27	10	510	41	813	30	6	521		
Mesa 12 C.P.P.	21	524	6	5	384	19	504	6	4	391		
Mesa 13 C.G.D.	19	427	26	51	671	17	427	26	13	705		
Mesa 14 M.G.	9	124	11	27	251	8	127	11	11	259		
Mesa 15 INTEREMPRESAS	15	344	7	26	197	9	347	5	21	203		
Mesa 16 BEJA	5	148	2	0	105	5	142	2	0	110		
Mesa 17 C.BRANCO	4	138	2	1	50	4	131	2	2	44		
Mesa 18 COVILHÃ	6	129	2	0	75	6	132	2	0	74		
Mesa 19 EVORA	13	262	4	2	124	12	268	2	2	121		
Mesa 20 FARO	23	308	7	6	245	19	292	6	5	256		
Mesa 21 PORTALEGRE	10	190	2	1	81	9	183	1	1	90		
Mesa 22 PORTIMÃO	18	205	1	2	89	16	204	1	2	91		
Mesa 23 SANTARÉM	33	501	12	6	298	28	491	10	7	313		
Mesa 24 SETÚBAL	15	486	7	5	439	14	484	7	4	443		
Mesa 25 T. VEDRAS	9	165	2	0	102	10	163	2	0	103		
Mesa 26 FUNCHAL	37	276	19	1	179	32	281	16	1	180		
Mesa 27 A.HEROÍSMO	11	78	1	1	40	10	77	0	1	41		
Mesa 28 HORTA	3	58	1	2	5	3	57	1	2	6		
Mesa 29 P. DELGADA	12	192	5	3	92	13	184	5	3	99		
TOTAIS	709	12 975	305	346	9 751	671	12 919	285	321	9 909		

II

Passamos a divulgar seguidamente os resultados das eleições para os Secretariados das Secções. São definitivos os resultados respeitantes às Secções de Empresa e à Secção de Interempresas. O apuramento oficial dos resultados das Secções Regionais será obtido após a recepção pela M. A. G. das actas das respectivas Mesas de Voto.

MAPA II

APURAMENTO PROVISÓRIO DOS VOTOS POR LISTA E SECRETARIADO

Secretariado	N.º de Lugares	Lista 1		Lista 2		Lista 3		Lista 4		Lista 5	
		Votos Válidos	Lug.	Votos Válidos	Lug.	Votos Válidos	Lug.	Votos Válidos	Lug.	Votos Válidos	Lug.
B.B.T.	5	444	4	60	1	216	1	84	1	—	—
B.E.S.C.L.	9	984	4	968	4	274	1	187	—	—	—
B.F.N.	6	180	2	119	1	332	2	—	—	—	—
B.F.B.	7	329	2	119	—	487	2	588	3	163	—
B.N.U.	9	774	4	134	—	639	3	505	2	—	—
B.P.S.M.	7	493	2	93	—	772	3	408	2	110	—
B.P.	7	293	1	413	2	158	1	560	3	—	—
B.P.A.	7	621	3	542	2	384	2	—	—	—	—
B.T.A.	7	452	2	687	3	502	2	—	—	—	—
U.B.P.	7	495	3	378	2	424	2	80	—	79	—
C.P.P.	5	384	2	210	1	337	2	—	—	—	—
C.G.D.	7	92	—	680	4	58	—	414	3	—	—
M.G.	5	73	1	70	1	49	—	13	—	219	3
INTEREMPRESAS	5	128	1	171	1	287	3	—	—	—	—
BEJA	5	138	3	116	2	—	—	—	—	—	—
C.BRANCO	5	160	5	—	—	—	—	—	—	—	—
COVILHÃ	5	128	3	85	2	—	—	—	—	—	—
EVORA	5	136	2	147	2	121	1	—	—	—	—
FARO	5	242	2	241	2	87	1	—	—	—	—
PORTALEGRE	5	132	2	143	3	—	—	—	—	—	—
PORTIMÃO	5	128	2	105	2	78	1	—	—	—	—
SANTARÉM	5	291	2	247	1	272	2	—	—	—	—
SETÚBAL	5	503	3	433	2	—	—	—	—	—	—
TORRES VEDRAS	5	199	5	—	—	—	—	—	—	—	—
FUNCHAL	5	208	2	297	3	—	—	—	—	—	—
A.HEROÍSMO	5	49	2	81	3	—	—	—	—	—	—
HORTA	5	21	1	50	4	—	—	—	—	—	—
P. DELGADA	5	151	2	154	3	—	—	—	—	—	—

MOTONIVELADORAS

COM TRANSMISSÃO A TODAS AS RODAS

A John Deere apresenta quatro novas Motoniveladoras, incluindo modelos com transmissão a todas as rodas e em duas classes de potência. Os modelos com transmissão a todas as rodas são o JD672-A de 125 HP SAE net (93,2 KW) e o JD772-A de 150 HP SAE net (111,8 KW). Eles mantêm a inclinação hidráulica das rodas da frente de 20.º para a direita ou esquerda, em quaisquer condições de operação. Cada roda dianteira dispõe dum motor hidrostático independente; os dois, em conjunto, proporcionam uma força de tracção extra de 2.721 kg. Sempre que as rodas de trás perdem tracção, um dispositivo electrónico incorporado regula, automaticamente, a combinação certa de velocidade e binário para as rodas da frente. Existe também um sistema directo comandado manualmente que faculto uma maior aceleração às rodas da frente, de que resulta uma melhor direcção e tracção em superfícies escorregadias ou com pesados esforços laterais.

Os modelos com transmissão a todas as rodas dispõem de diferencial às rodas da frente e de um interruptor automático para a transmissão



às rodas da frente, acima da 4.ª velocidade.

As duas novas Motoniveladoras JD670-A e JD770-A com transmissão ao tandem oferecem, respectivamente, 125 HP SAE net (93,2 KW) e 150 HP SAE net (111,8 KW).

Todas as cinco Motoniveladoras John Deere, incluindo a JD570-A de

85 HP SAE net (63,4 KW) apresentam as seguintes características: comando hidráulico da lâmina, transmissão «Power-Shift» com 8 velocidades, bloqueio e desbloqueio dos diferenciais e ainda direcção por «chassis» articulado, característica que foi introduzida, em 1967, pela John Deere.

III

Com base no número de sócios inscritos nos cadernos eleitorais (30 997) i.e. os sócios com capacidade eleitoral nos termos do n.º 1 do Art.º 61.º, e tendo em conta os votos entrados nas urnas, elaboramos o seguinte mapa-estatístico que reflecte o nível de participação dos bancários no acto eleitoral

MAPA III

APURAMENTO ESTATÍSTICO (PROVISÓRIO)

SECÇÕES	Eleitores Inscritos	Votos		Total	Percent
		Votos Válidos	Votos Inválidos		
- Banco Borges & Imínio	1 026	35	804	839	81,77%
- Banco Espírito Santo e Com. Lisboa	3 129	65	2393	2458	78,55%
- Banco Fomento Nacional	529	14	438	452	85,44%
- Banco Fomsecas & Burnay	2 134	48	1686	1734	81,25%
- Banco Nacional Ultramarino	2 781	18	2052	2110	75,87%
- Banco Pinto & Sotto Mayor	2 572	50	1873	1923	80,83%
- Banco de Portugal	1 871	30	1472	1504	81,75%
- Banco Português do Atlântico	2 072	18	1547	1605	79,18%
- Banco Totta & Azevedo	1 542	38	1641	1679	84,41%
- União de Bancos Portugueses	1 030	36	1456	1492	73,49%
- Crédito Predial Português	1 118	46	931	977	87,38%
- Caixa Geral de Depósitos	1 777	54	1244	1298	73,04%
- Montepio Geral	516	17	424	441	35,46%
- Interempresas	741	12	584	596	30,43%
- Beja	350	15	259	274	78,28%
- Castelo Branco	248	5	193	198	77,82%
- Covilhã	248	6	235	241	39,11%
- Évora	534	5	407	412	77,15%
- Faro	724	7	520	527	80,11%
- Portalegre	385	4	377	381	73,76%
- Portimão	432	7	314	321	74,30%
- Santarém	1 137	55	850	905	79,59%
- Setúbal	1 219	11	952	963	78,99%
- Torres Vedras	372	6	278	284	76,34%
- Funchal	675	10	560	570	75,55%
- Angra do Heroísmo	177	3	129	132	74,57%
- Horta	91	5	71	76	83,51%
- Ponta Delgada	409	4	365	369	75,55%
- TOTAIS	30 997	106	21 518	21 534	79,31%

IV

TOMADA DE POSSE

1 - A posse dos membros da Direcção, M. A. G. e do Conselho Geral é conferida pelo Presidente da M. A. G. em exercício, após o apuramento final dos votos.

2 - A posse dos Secretariados das Secções de Empresa e da Secção de Interempresas será igualmente conferida pelo Presidente da M. A. G. em exercício na próxima sexta-feira, dia 4-05-79 às 12 30 h. na SALA CINZENTA.

3 - O acto de posse dos Secretariados das Secções Regionais terá lugar após o apuramento final dos votos e em data e hora a comunicar.

Lisboa 30 de Abril de 1979.

Saudações Sindicais
Pel'a Mesa da Assembleia Geral
(Assinatura ilegível)

GOVERNO "POR UM FIO" • GOVERNO "POR UM FIO" • GOVERNO "POR UM FIO"

PCP anuncia para breve uma moção de censura

O PCP formalizou ontem de forma clara as suas propostas para a ultrapassagem da crise política aberta pelo IV Governo. A formação de um Governo de gestão, na impossibilidade de constituição de um executivo com base num acordo PS-PC ou a realização de eleições intercalares são as vias indicadas. Entretanto, independentemente do desenvolvimento político da crise, o grupo parlamentar do PCP apresentará em breve uma moção de censura. Esta iniciativa parece corresponder a uma antecipação, relativamente às intenções anunciadas ontem por Sá Carneiro na Assembleia da República.

Na última semana o Comité Central havia já apresentado uma nota em que propunha uma diligência coincidente ou conjunta das forças políticas interessadas em eleições intercalares junto do Presidente da República, caso não fosse possível chegar-se a acordo com o PS para a formação de um V Governo. Se não fosse viável a diligência proposta da Presidência da República, o PCP propunha o derrube do Governo, através dos mecanismos constitucionais e a realização de eleições 90 dias após a dissolução da Assembleia da República.

Na nota divulgada ontem, o PCP conclui que não existem condições para o estabelecimento de um acordo com o PS para a formação de um Governo que substituisse o de Mota Pinto, e avança as seguintes propostas: «Formação de um Governo de gestão até às eleições de 1980 ou até às eleições intercalares (um Governo de diálogo, de apaziguamento, de ordem democrática e de eficiência na gestão dos negócios correntes do Estado)». Neste caso, o PCP declara-se de imediato à disposição das entidades competentes para a análise desta possibilidade.

Como segunda possibilidade, o PCP propõe «a realização no mais curto prazo possível de eleições intercalares», mantendo-se a sua disponibilidade para o exame desta eventualidade.

Esta nota, de que citamos duas passagens, marca igual-

mente a posição do Partido Comunista face às comemorações do 1.º de Maio que «constituíram uma afirmação de imensa grandeza do movimento popular» e «evidenciaram uma vez mais a firme condenação popular do Governo Mota Pinto e da sua política antipopular, antidemocrática e antinacional». Esta convicção motiva o PCP a corresponder «à vontade expressa pelos trabalhadores da substituição do Governo Mota Pinto» e preparar para apresentação a curto prazo na Assembleia da República de uma moção de censura ao Governo.

COMEÇOU A DISCUSSÃO DAS TESES

Cerca de 300 quadros de organismos de direcção da ORL iniciaram no último sábado a discussão do projecto de teses para o IX Congresso do PCP, a realizar no Barreiro de 31 de Maio a 3 de Junho. A reunião, dirigida por Octávio Pato e Aboim Inglês, entre outros, debruçou-se sobre os aspectos inovadores das teses relativas à orientação do PCP e sobre a forma de eleição dos delegados e organização da discussão do projecto das teses, no sentido de assegurar uma ampla participação de todos os militantes no debate e elaboração das propostas de emendas individuais e colectivas. Só na região de Lisboa encontram-se marcadas cerca de 700 reuniões de trabalho.



Embora se confessando «privadamente pró-Sá Carneiro», o vice-centrista, Lucas Pires, foi o único parlamentar que contestou ontem na AR o ultimato do presidente do PSD a Mota Pinto, incluindo o seu recado para Eanes acerca das eleições intercalares



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Sá Carneiro: oito dias a Mota Pinto

Sá Carneiro deu ontem ao prof. Mota Pinto oito dias para informar os parlamentares se vai ou não apresentar uma moção de confiança na sequência do debate e votação do novo Orçamento. Caso o actual Primeiro-Ministro se furte à exigência colocada pelo líder do PSD, este partido estudará — frisou — no seu Conselho Nacional de 12 e 13 de Maio, próximo, «todas as possibilidades concretas para pôr fim a este Governo, podendo inclusivamente vir a apresentar uma moção de censura».

Numa sessão pontuada pelo «floreado» verbal que envolveu ainda o vice-presidente do CDS, Lucas Pires e o presidente do Grupo Parlamentar PS, Salgado Zenha, seriam igualmente notícia as intervenções de Lino Lima (sobre o «empreendedor» Silva Reis da Real Companhia Velha), de Francisco Vidal (PS) sobre a Empresa de Pescas de Viana e adiada, para hoje, eleição dos deputados para a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa.

Calmo, sorridente, distribuindo olhares afectuosos para a bancada PS e disfarçando um imponente charuto (placidamente saboreado após o «despique» com o seu «admirador» Lucas Pires), o presidente do PSD não visou apenas o chefe do Governo. A dada altura do seu improviso, e martelando bem as palavras, Sá Carneiro diria esperar que «com toda a frontalidade, a Assembleia da República possa dizer ao sr. Presidente da República num futuro próximo, que é ela a única representante de todos os cidadãos portugueses e que ela própria entende que é necessário a sua dissolução».

Outra nota curiosa da intervenção de Sá Carneiro acerca deste Executivo: «tirando as viagens e as deslocações de promoção da sua própria pessoa política, realizadas pelo sr. Primeiro-Ministro, tirando a actividade da máquina de propaganda, pouco ou mais o Governo faz».

Insistindo na alternativa de «eleições intercalares», o líder do PSD declararia a finalizar a sua intervenção que deveriam ser o próprio Governo e o general Eanes a «tirar as consequências políticas da sua (Governo) desautorização, da sua falta de prestígio e da sua incapacidade».

Lucas Pires que se confessou «privadamente pró-Sá Carneiro» mas divergente dele face à questão do Governo e do recente dis-

curso do PR diria (em clara alusão aos sistemáticos almoços e jantares político-militares de Sá Carneiro) ser «mais possível uma cumplicidade do que um entendimento» com o presidente do PSD.

E, no mesmo tom, acerca das propostas do PSD ao PS, o vice-presidente considerou que o CDS «não conspira e não considera as conversações uma meia etapa entre a conspiração e a declaração política», para acrescentar que o PSD é a nova «locomotiva do comboio antipolítico e não do comboio anti-PCP».

Salgado Zenha deu entretanto alguma ajuda a Sá Carneiro. A pretexto de algumas alusões do deputado do CDS ao seu partido, Zenha, após considerar, com ironia, que talvez Lucas Pires se tenha esquecido que a Constituição vigente é a de 1976 e não a de 1933, mostrou-se convicto que Eanes apresentou — no discurso de há dias — «a sua recandidatura às próximas eleições».

«Devia haver um pouco mais de prudência e não ir atrás da locomotiva de outros candidatos» — disse Salgado Zenha, acerca de pressa de Eanes para acrescentar igualmente com ironia que o PR português «não é o rei de Espanha» e, portanto, para continuar em Belém «terá de se recandidatar» na altura própria.

O EXEMPLO DA REAL COMPANHIA

Ainda no período anterior à ordem do dia Lino Lima (PCP) apresentou à câmara um exemplo concreto da actividade «patriótica» e «realista» do actual Executivo. Trata-se da Real Companhia Velha interveni-

devido ao seu passivo de 800 mil contos, mas que o Governo Nobre da Costa achou por bem colocar, de novo à disposição do «empreendedor» Silva Reis, principal responsável pela citada falência. Ora, conforme relatou aquele deputado, Silva Reis após despedir cerca de 60 trabalhadores e mover numerosos processos disciplinares (visando novos despedimentos) admitiu ao seu serviço vários ex-comandos da guerra colonial sob a direcção de um deles, Eduardo Conceição Gomes e que se dedica a espiar, perseguir e a agredir trabalhadores.

O caso mais recente de opressão ocorreu com o convite de Silva Reis a 200 franceses para se deslocarem ao Porto em dois aviões, com passeios em comboios especiais e caravanas de automóveis e oferecendo fastuosas recepções. Os trabalhadores despedidos elaboraram um comunicado para distribuir na gare de S. Bento aos franceses, expondo a situação em que se encontravam. Todavia, quando se preparavam para o fazer, uma força da PSP, acompanhada do ex-comando Eduardo Conceição Gomes, carregou brutalmente sobre os trabalhadores, perante o protesto e

RECENSEAMENTO

Actualização até 31

Começou ontem e prolonga-se até 31 do mês corrente o prazo da actualização anual do recenseamento.

Interessa a cidadãos com capacidade eleitoral e maiores de 18 anos, bem como aqueles que entretanto, e embora já recenseados, tenham mudado de residência: devem dirigir-se à junta de freguesia do local de residência para fazerem a sua inscrição ou a respectiva transferência.

O recenseamento, como se sabe, é obrigatório. O MAI lembra-o numa nota ontem emitida, salientando ainda que estão sujeitos a sanções legais aqueles que não tiverem a sua situação eleitoral legalizada. As multas vão de mil a dez mil escudos.

espanto de centenas de pessoas presentes na estação.

Denunciando a falta de base legal destas intervenções policiais, destinadas a «proteger os interesses particulares» de Silva Reis, Lino Lima, informou que o seu partido requereu ao Governo esclarecimentos sobre o caso, concluindo que o modo como a polícia interveio «não é a via pela qual se consolidará em Portugal a liberdade e a fraternidade democráticas».

Outro deputado Francisco Vidal (PS) falou da situação na Empresa de Pescas de Viana que o actual Governo quer encerrar, o que — a ocorrer — levaria 600 trabalhadores ao desemprego. O deputado socialista propôs a constituição de uma empresa de capitais mistos, sendo o Estado maioritário, como forma de garantir a sua viabilidade e os respectivos postos de trabalho.

Hoje na ordem do dia votar-se-á a representação parlamentar ao Conselho da Europa, adiada ontem pela polémica levantada pela intenção dos «independentes social-democratas» de serem contemplados na eleição.

E.A.

PARA DISCUTIR

AS ALTERNATIVAS POSSÍVEIS

Dirigentes do PS reúnem amanhã

O secretariado e a Comissão Directiva do Partido Socialista vão reunir-se amanhã em Lisboa, para definir a posição do partido sobre a actual situação política. O Secretariado, de manhã, preparará um documento de fundo sobre a situação política que, da parte da tarde, a partir das 17,30 será submetido à apreciação dos membros da Comissão Direc-

tiva. A ordem de trabalhos desta última reunião será preenchida por dois pontos, a saber, a análise da situação política e discussão das grandes linhas de acção do PS para o futuro próximo; e a organização do trabalho da CD e preparação da próxima reunião da Comissão Nacional, que provavelmente reunirá a 26 de Maio.

Entretanto foi desde já anunciado que a próxima reunião do «Bureau» da Internacional Socialista se realizará em Lisboa, no mês de Outubro.

A situação política na América Latina e na África Austral e problemas relacionados com a evasão fiscal e a transferência de capitais estarão na ordem do dia.

ALIANÇA PS/PSD

A constituição de um governo de gestão apoiado por um acordo de incidência governa-

mental PS/PSD e presidido por um primeiro-ministro independente foi defendida pelo deputado Eduardo Pereira, membro da Comissão Directiva do PS e antigo ministro da Habitação.

Segundo afirma aquele dirigente socialista em entrevista hoje publicada no semanário «Acção Socialista», os membros desse V governo deveriam ser recrutados nas áreas socialista e social-democrata e ele duraria até que se «desse satisfação aos desejos expressos pelo povo português na consulta pelas urnas de 1980».

Na entrevista, Eduardo Pereira critica violentamente o Executivo Mota Pinto, acusando-o nomeadamente de incompetência — «este governo tem vindo a navegar sem instrumentos, tem dado provas de lamentável e crescente desorientação» — afirmou o ex-ministro.

Mas o prato-forte das suas declarações para além da proposta de formação de um Governo, refere-se ao Presidente da República, cuja actuação é vista de forma muito crítica. Aquele dirigente do PS acusa Eanes de ter feito na A.R. um «discurso musculado» e de ser, de algum modo, responsável pela crise actual depois de ter demitido o II Governo Constitucional.

UEDS PROPÕE-SE PARA ELEIÇÕES A HAVER

"Polarizar toda a área do socialismo autogestionário"

Militantes e simpatizantes da União de Esquerda para a Democracia Socialista, UEDS, decidiram que esta organização deverá concorrer às próximas eleições apresentando-se autonomamente e procurando «polarizar em seu redor toda a área do socialismo autogestionário».

A decisão, que, evidentemente, terá de ser devidamente sancionada na altura própria pelos órgãos competentes da organização, remonta às Jornadas para a Democracia Socialista que se realizaram recentemente em Coimbra e em que participaram, além de numerosos dirigentes de Lisboa e Coimbra, os professores Orlando de Carvalho e Paulo Quintela.

Dum texto divulgado depois

dos trabalhos consta a definição sumária do reclamado socialismo autogestionário em termos segundo os quais se trata da superação dos impasses da social-democracia, por um lado, e, por outro, do socialismo burocrático de Estado. O socialismo autogestionário, para a UEDS, é «uma necessidade histórica que, na conjuntura portuguesa, assume carácter de urgência».

O texto da UEDS critica o PR e o PS, o primeiro por pretender «interpretar a vontade do povo português», quando tal função cabe ao Parlamento; e o segundo por manter, perante o Governo Mota Pinto, uma posição de «radicalismo verbal», quando, na realidade, o partido não se encontra em posição de poder derrubá-lo.

CONSELHO DE MINISTROS

Lei da defesa nacional no parlamento, com urgência

O Conselho de Ministros aprovou ontem numa proposta de lei sobre a Organização da Defesa Nacional. O texto deve ser hoje entregue na Assembleia da República pelo ministro da Defesa, tenente-coronel Loureiro dos Santos, com requerimento de urgência para o respectivo processamento no hemiciclo. De acordo com o comunicado emitido ontem no final do plenário governamental, a proposta de lei em questão, «a ser aprovada, além de preencher uma lacuna que, a perspetiva, aumentaria os graves perigos que ameaçam a nossa independência e a consolidação das instituições democráticas portuguesas» e visa, entre outros, dois objectivos.

O primeiro é — citamos o comunicado do CM — o «aprofundamento da subordinação efectiva da força militar ao poder político civil legitimado pelo sufrágio popular, dentro dos condicionamentos impostos pela Constituição da República»; o segundo, o «estabelecimento de órgãos e mecanismos que permitam definir e executar uma política de defesa nacional, coordenando eficazmente todos os vectores que para ele concorram, incluindo o vector militar».

TRABALHO

Das restantes resoluções aprovadas ontem em S. Bento ressaltam uma respeitante à legislação de trabalho e outra à política global de emprego. Na primeira, trata-se de um conjunto de projectos de diplomas visando a clarificação e o equilíbrio das relações laborais; os diplomas começaram a ser apreciados e deverão ser divulgados brevemente. No segundo caso, trata-se de um decreto-lei criando «estímulos à mobilidade geográfica dos trabalhadores», segundo o comunicado final: — «os trabalhadores desempregados e inscritos em centros de emprego beneficiarão de subsídios de permanência, de deslocação e de instalação, caso aceitem que importe mudança de residência habitual».

OUTRAS

Das demais resoluções destaque-se um diploma visando apoio às pequenas e médias empresas. O comunicado final fala de incentivos fiscais a empresas que se organizem, com apoio do IAPMEI, em conformidade com as orientações dos Ministérios do Trabalho e da Indústria e Tecnologia.

Outra resolução assinalável: a criação de uma estrutura administrativa para tratar da integração euro-económica de Portugal, compreendendo vários órgãos sob a orientação superior de um Conselho de Ministros restrito para a integração europeia.

Interessa aos desalojados: o titular do MAS apresentou ontem ao CM uma exposição sobre 2200 retornados que ainda se encontram sem alojamento nem integração social, no Vale do Jamor, na Quinta da Graça e em Peniche, vivendo de um subsídio estatal de 7 mil escudos. Vai ser posta rapidamente em execução um plano destinado à integração efectiva deles na estrutura produtiva da sociedade — promete o comunicado final.

HEMODIÁLISE

Ainda segundo o comunicado

emitido no final da reunião: o titular do MAS apresentou ao Conselho o resultado das recentes acções tendentes a cobrir as necessidades do País no que se refere ao tratamento de insuficientes renais através da hemodiálise.

Números no presente ano, foram já integrados na rede nacional de hemodiálise 88 insuficientes renais, dos quais 26 correspondem a casos novos e 62 a doentes que se encontravam em tratamento no estrangeiro.

Os restantes 49 insuficientes que se encontram em tratamento em Espanha, serão integrados na rede nacional até fins do próximo mês de Junho.

Otelo

ainda não foi castigado

Ao contrário do que afirmava um semanário hoje publicado em Lisboa, não se encontra ainda concluído o processo disciplinar levantado contra Otelo.

Segundo um informador militar citado pela ANOP, não existe ainda nenhum despacho do chefe do Estado-Maior-General do Exército, general Pedro Cardoso a punir com 20 dias de prisão disciplinar uma possível viagem de Otelo ao estrangeiro, sem estar devidamente autorizado pelas autoridades militares.

Ao mesmo tempo um porta-voz oficial do EME adiantava que «os assuntos de natureza disciplinar são do âmbito interno do Exército».

Indústrias ibéricas estudam integração na CEE

Era esperada ao fim da manhã em Lisboa uma delegação da Confederação Espanhola das Organizações Empresariais (CEOE) para debater vários problemas com representantes da sua congénere portuguesa, a Confederação da Indústria Portuguesa — CIP.

Duas reuniões, uma esta tarde e outra amanhã de manhã, nas instalações da CIP, constituem a agenda de trabalhos.

Os representantes dos industriais de Portugal e Espanha deverão analisar o projecto de democratização dos dois países, o projecto de democratização da entrada de ambas na CEE, bem como deverão efectuar um estudo comparado das estruturas da CIP e da CEOE e fazer o ponto da situação do acordo entre Portugal e Espanha.

Este encontro em Lisboa sucede-se a um outro efectuado em Madrid, em Junho do ano passado, tendo então sido criada a comissão paritária que hoje e amanhã se reunirá nas instalações da CIP.

O regresso da delegação espanhola ao seu país está previsto para amanhã, às 17 horas.

JS promove colóquio

A Juventude Socialista promove esta noite no ISEL (Instituto Superior de Engenharia de Lisboa) um colóquio sobre o tema: «Como criar emprego». Moderado por Lúcia Leitão, o colóquio tem a participação de Manuela Silva, Vítor Constâncio, Henrique de Barros e Marcelo Curto.

Ministro polaco dos Negócios Estrangeiros visita a Lisnave

Depois de um encontro com o seu homólogo português, e um almoço íntimo, o ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular da Polónia visitou ao princípio da tarde os estaleiros navais da Lisnave e inaugura às 18 e 30, na Fundação Gulbenkian, uma exposição de escultura polaca contemporânea.

Emil Wojtaszek, que ontem chegou a Portugal para uma visita oficial de três dias, sublinhou aos jornalistas a sua esperança de que esta viagem seja «frutífera», permita o aprofundamento de relações bilaterais e contribua «para a atmosfera de desanuviamento e de cooperação na Europa».

O ministro polaco espera também que a sua viagem permita traçar uma panorâmica das rela-

ções entre os dois países e dos «problemas essenciais da cena internacional».

À noite, Freitas Cruz, ministro português dos Negócios Estrangeiros oferece ao seu colega polaco um banquete durante o qual serão proferidos discursos.

Do programa de amanhã destacam-se o encontro com o Primeiro-Ministro de S. Bento, a continuação das conversações no Ministério dos Negócios Estrangeiros, a audiência com o Presidente da República, um encontro com o Presidente da Assembleia da República, um encontro com a Comissão dos Negócios Estrangeiros da Assembleia da República e um banquete oferecido pelo visitante ao ministro dos Negócios Estrangeiros português.

Delegação do MDP/CDE recebida em S. Bento

Uma delegação do MDP/CDE composta por José Tengarrinha, Helena Cidade Moura e Levy Baptista, foi recebida esta manhã a seu pedido pelo presidente da Assembleia da República.

Na audiência a delegação expôs a posição do MDP/CDE sobre a actual crise política, frisando que quando um Governo não tem o apoio da maioria da Assembleia da República é ele que se deve demitir ou ser demiti-

tido, e nunca esta, visto ser a AR o único órgão eleito onde se encontram representadas as principais correntes de opinião de todos os portugueses.

A delegação exprimiu também ao presidente da AR a preocupação do MDP/CDE pelas tentativas de subalternização daquele órgão de soberania, o que, contrariando a Constituição da República, põe em causa o indispensável equilíbrio das instituições democráticas.

AFRICA

Países da linha da frente esperam uma posição independente de Portugal

«Os países da linha da frente esperam que Portugal assuma no Conselho de Segurança uma posição de independência em relação às grandes potências ocidentais», declarou o secretário Executivo do Comité Internacional contra o Apartheid, e membro da Presidência do Conselho Português para a Paz e Cooperação, Silas Cerqueira, ao regressar a Lisboa, vindo de Lusaka, onde participou nos trabalhos da Conferência de Solidariedade com os Povos da África Austral.

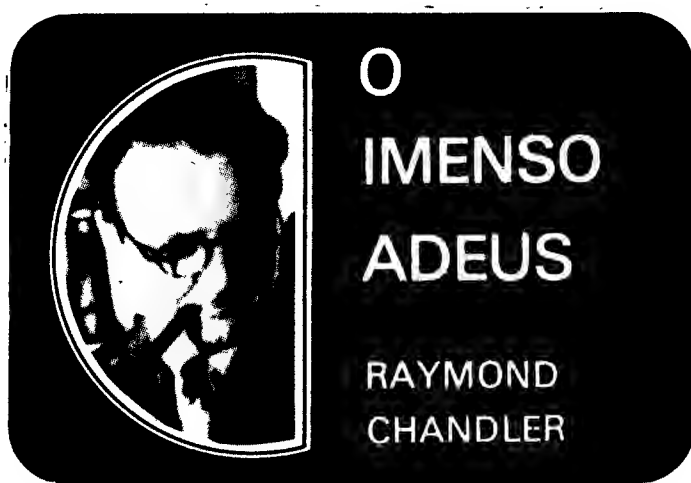
«Uma posição independente — prosseguiu Silas Cerqueira — é considerada a única consentânea com a defesa da paz, com os princípios que deverão nortear a cooperação entre Portugal e os países africanos e com uma efectiva solidariedade com os movimentos de libertação da África austral».

Silas Cerqueira esteve na Zâmbia, Tanzânia, Angola e Moçambique. Em Lusaka teve encontros com Joshua Nkomo e Robert Mugabe, os dois dirigentes da Frente de Libertação do Zimbábue, e com Oliver Tambo, presidente do Congresso Nacional Africano da África do Sul. No Maputo, Silas Cerqueira foi recebido pelo presidente Samora Machel e por Joaquim Chissano, e teve um encontro com Marcelino dos Santos, ministro do Plano.

Sobre a recente rotura das negociações entre Portugal e Moçambique, Silas Cerqueira disse ter saído das conversa-

ções profundamente convencido de que as actuais divergências entre Portugal e Moçambique serão superadas e que se caminhará para uma cooperação estável entre os dois Estados e os dois países. «O presidente Samora Machel reiterou-me a amizade do povo moçambicano pelo povo português e afirmou-me a sua confiança na vitalidade da democracia portuguesa» sublinhou aquele membro do Conselho da Paz, que considera que «as negociações entre Portugal e Moçambique deverão recomençar a partir do zero, sem condições prévias. O importante é que seja definida uma vontade comum, tal como os presidentes Ramalho Eanes e Agostinho Neto fizeram em Bissau».

Silas Cerqueira participou também como membro do Conselho Português para a Paz e Cooperação nas comemorações do 25 de Abril em Angola, promovidas por uma comissão de progressistas portugueses, com o apoio do MPLA-Partido do Trabalho. Foram as mais importantes promovidas por portugueses radicados no estrangeiro e estenderam-se ao Huambo, Lubango, Benguela, e naturalmente a Luanda, onde decorreu a cerimónia principal, com uma sessão realizada no cinema Karl Marx, em que usaram da palavra o pintor António Domingues, Silas Cerqueira e José Eduardo dos Santos, membro do Bureau Político do MPLA-Partido do Trabalho.



© — Livros do Brasil/College Trustees

O quetrem acutar é de cumplicidade. Você levou o Lennox a um sítio qualquer, não é verdade?

Eu não respondi. Deixei cair o cigarro sem gosto sobre o chão e apaguei-o com o pé. O Endicott encolheu novamente os ombros e franziu as sobrancelhas.

—Mas supondo que você o levou. Para o acusarem de cumplicidade eles têm de provar que existiu intenção. Neste caso isso quereria dizer que você sabia que se cometera um crime e também que o Lennox era um fugitivo. Mesmo assim ainda se pode obter uma fiança. Claro, o que você é realmente é uma testemunha. Mas neste estado só se pode manter uma testemunha na prisão por ordem do tribunal. Só depois de o juiz o ordenar. Mas os tipos que ajudam a cumprir as leis arranjam sempre maneira de fazerem o que querem.

—É isso mesmo—respondi.—Um detective chamado Dayton esmurrou-me. Um capitão da secção de homicídio chamado Gregorius deu-me uma chávena de café à cara, bateu-me no pescoço com tanta força que me rebentou uma artéria, ainda pode ver-se o sítio. E quando o comissário da polícia, o Allbright, telefonou e fez com que o Gregorius não me deitasse aos lobos, ele de raiva cuspiu-me na cara. O senhor tem toda a razão. Os tipos que mentem a lei conseguem sempre fazer o que querem.

Ele olhou para o relógio de pulso.

—Você quer ou não sair sob fiança?

—Obrigado, mas acho que não quero. Um tipo que sai sob fiança aos olhos do público já é meio culpado. E se sai só daí a uns tempos foi porque teve um advogado esperto.

—Isso é uma parvoíce—disse com impaciência.

—Está bem, é uma parvoíce. E eu sou um parvo ou não estaria aqui. Se o senhor está em contacto com o Lennox diga-lhe que não se preocupe mais comigo. Eu não estou aqui por ele. Estou por mim. E não me queixo. Faz parte da vida. Tenho uma profissão que implica eu ser procurado

49

**VENDE-SE
ANDAR**

3 assoalhadas, alcantifadas, com roupeiro e arrecadação. Sete-Rios — Telef. 78 59 62 depois das 18.00 H.

Diário de Lisboa

vende-se

na TABACARIA

João E. Silva
Praça do Município,
n.º 7 COVILHÃ



**Sindicato dos
Ferroviários do Sul**

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no artigo 71 dos Estatutos, convoco todos os associados deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a Assembleia Geral Extraordinária a realizar na sede sindical, Rua Almirante Reis, 68, Barreiro, no dia 17 de Maio de 1979, pelas 18 horas com a seguinte:

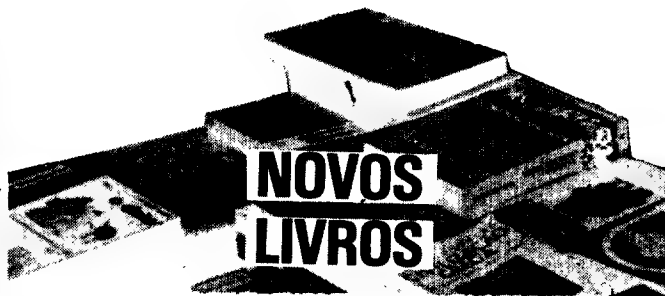
ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Alteração de Estatutos

O Presidente da Mesa da AG



© - Livros do Brasil/College Trustees



"Cântico e Eucalipto", de Aureliano Lima

O nome de Aureliano Lima não é certamente fácil de referência para a generalidade dos leitores, mesmo aqueles que estão mais familiarizados com os nomes da poesia portuguesa de hoje. Talvez por isso valha a pena dizer, muito rapidamente, alguma coisa a seu respeito.

Trata-se de um poeta que aparece pelos fins de 40, princípios de 50, publicando pela primeira vez em revistas de poesia desse tempo. O seu primeiro livro individual, «Rio subjacente», aparece somente em 61, e - será talvez interessante assinalar - quando o poeta já tem pouco mais ou menos quarenta e cinco anos de idade (já que nasceu em 1916). Mais: entre o primeiro livro e o segundo há um espaço de treze anos: «Os Círculos e os Sinais» foi publicado em 74. Um ano depois, em 75, Aureliano Lima publica o seu terceiro livro, «Tempo de Dentro-Fora», e, finalmente, em 1978 e numa colecção da Inova, aparece, embora ainda apenas fragmentado, «Cântico e Eucalipto». Recentemente, a Brasília Editora, do Porto, publicou-lhe o texto integral. Os três primeiros livros foram edições do autor em tiragens reduzidas e lançadas numa distribuição escassa. Tiveram, portanto, pouca circulação, o que em parte justifica talvez o relativo desconhecimento que se terá desta obra e do nome do autor (que entretanto outros co-

nhecerão de preferência como artista, escultor, nomeadamente). E já nos esqueçamos de referir que Aureliano Lima publicou ainda, em 75, e em idêntica e modestíssima edição de autor, uma narrativa em prosa: «O Homem Cinzento ou a Alquimia dos Números» (tem um prefácio de Fernando Guimarães).

Um relance ligeiro pela obra poética toda de Aureliano Lima publicada até este «Cântico...» faz-nos anotar que se trata dum trabalho poético altamente valioso. Em mais pormenor: um labor verbal concentrado privilegiadamente nos processos da metáfora e sobretudo da imagem, uma escrita hábil e agilmente conseguida com o sentido nas exigências construtivas do texto e do discurso; uma poética pessoal animada por uma sensorialidade (principalmente uma visualidade) intensa (daí a predominância das imagens no processo metafórico), e afectada (no bom sentido, evidentemente) pelas exigências de rigor - textual, discursivo, formal, às vezes, mas nunca formalista.

Aqui há um ano lemos, na edição da Inova, fragmentos de «Cântico...» e anotámos, neste jornal, entre outras coisas: «uma ciente selecção lexical, revelando desde logo um saber-estar-à-vontade em certas zonas, as potencialmente mais ricas, de uma língua»; (...) «um cuidado extremo posto na distribuição

das metáforas e das imagens no dinamismo semântico do poema»; (...) «uma minuciosa elaboração local destas figuras»; (...) «um trabalho excelentemente servido por uma grande destreza sintáctica, articulatória, aplicada na conjugação verbal desses elementos, predominantemente substantivos», etc. Releve-se-nos a imodéstia da autocitação.

Agora, perante o texto todo de «Cântico...» - e embora pareça que há aqui alguns deslizes verbais, e principalmente sintácticos, que ocorriam menos nos livros de 74 e 75 («O Círculo...» e «Tempo...») - deve-se talvez acrescentar a impressão de unidade que a leitura, na íntegra, nos deixa.

Um poema (ou fragmento do poema), um pouco ao acaso, na pág. 55:

«Estou escrevendo hieróglifos/na tua sombra: estou observando/as pombas de água/no mapa de teus olhos//Certamente/que os meus anos se acumulam/nos ossos de meus dias/na argila/ainda enamorada//Certamente/que os pássaros voam para longe/na folhagem dos mitos/nos poços/na voragem//E contudo é meio-dia/no luar das cicatrizes/mas o teu rosto/é uma cortina/na silaba e um lenço//TALVEZ NO GUARDA-VENTO/ talvez no precipício/da oração de um verso».

L.M.R.

Introdução à Psicologia

NA Introdução, M. A. Boche-reau, explica a quem se destina o livro: «A nossa primeira intenção vai para as alunas de enfermagem, como testemunho do prazer que descobrimos ao longo de vários anos em que nos foi dado participar da animação da escola, em vermos nascer e prosperar o entusiasmo e a generosidade colectivos.»

E acrescenta: «Seja-nos permitido mencionar que nos dirigimos também aos enfermeiros...». Definido o público a que o livro é dedicado, M. A. Boche-reau convida o público «profano» a partilhar da reflexão que ao longo de duzentas páginas iniciará o leitor em temas como: As principais fases do desenvolvimento da personalidade; As perturbações afectivas; A comunicação; As relações de grupo; As reacções perante a doença; O lugar da enfermeira na equipa terapêutica; Os diversos sectores de cuidados de enfermagem; A imagem da enfermeira; A enfermeira e a psiquiatria quotidiana;

A enfermeira e a morte. Na breve conclusão que escreveu para o volume, M. A. Boche-reau não conclui. Levanta novos problemas. Designadamente às enfermeiras. Edição da ESTAMPA. Tradução de Maria Helena Costa Dias.



por muita gente metida em grandes sarilhos. Uns sarilhos são maiores do que os outros, mas sempre de um género que não é para a polícia oficial. Você acha que continuariam a procurar-me se eu não fosse capaz de me haver com os «chuis» e me assustasse ao primeiro ataque?

— Compreendo o seu problema—respondeu-me lentamente.—Mas deixe que o corrija num ponto. Eu não estou em contacto com o Lennox. Mal o conheço. Sou um oficial do tribunal, como o são todos os advogados. Se soubesse onde parava o Lennox não poderia deixar de informar o Delegado. O mais que poderia fazer seria entregá-lo somente depois de uma conferência prévia, num local e a uma hora determinados.

—Mais ninguém se daria ao trabalho de o enviar para que me ajudasse.

—Você está a chamar-me um mentiroso?—Levou a mão à parte de baixo do tampo da mesa para aí apagar a ponta do cigarro.

—Se não estou errado o sr. Endicott é da Virgínia e neste país existe como que uma mania histórica acerca dos oriundos desta região. Considerámo-los a fina flor do cavalheirismo e da honra do sul.

Ele sorriu.

—O que o senhor acaba de dizer é muito bonito e só gostava que fosse verdade. Mas está a perder o seu tempo. Se você tivesse o mínimo bom senso teria dito à polícia que não via o Lennox há uma semana. E não era necessário que fosse verdade. Quando fosse do julgamento poderia então contar a história como se passou. Não há qualquer lei que nos impeça de mentir a um polícia. E eles esperam que se minta. Gostam muito mais de ser aldrabados do que não se lhes diga nada. Ficar calado representa um desafio directo à sua autoridade. Que espera você ganhar com isso?

Eu não respondi. Nem precisava de responder. Ele levantou-se, pegou no chapéu, fechou a cigarreira e meteu-a na algibeira.

50

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo 8/64 180, do arquivo 9101, para o estabelecimento na freguesia de Almoite, concelho de Santarém, de uma linha aérea a 15 kV, com cerca de 266 metros, entre o apoio n.º 7 da linha para o posto de transformação n.º 172 (Louriceira) e o posto de transformação n.º 50 C de Henrique Cândido dos Santos Palma, na Quinta da Manga.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Abril de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Castro Verde em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Zona Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/63 350, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de S. Marcos da Ataboeira, concelho de Castro Verde, de linha aérea a 15kV, com 5791 metros, do poste n.º 67 da linha para S. Marcos de Ataboeira ao Posto de Transformação do Lugar de Salto.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Abril de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Direcção Distribuição Tejo - Zona Lisboa, a que se refere o processo 8/63 695, arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de linha aérea a 30 kV n.º 110/R-20, com 20 metros, do apoio n.º 1-A da linha n.º 110/R-3, ao Posto de Transformação n.º 2379-C, da firma «SAGEM»-Sociedade Mineira, Ld.ª, em Matacães.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Abril de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Direcção Distribuição Tejo - Zona Lisboa, a que se refere o processo 8/63 042, arquivo 14, para o estabelecimento na freguesia de Cadafais, concelho de Alenquer, de linha aérea a 10 kV, n.º 1183/R-18, com 64 metros, do apoio n.º 2 da linha 1183/R-3, ao Posto de Transformação n.º 4846, no Casal de Grilo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Abril de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

— Caminhos de Ferro Portugueses, EP. AVISO AO PÚBLICO CONCURSO

Até às 17 horas do dia 16 de Maio de 1979, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Mercês.

A anuidade mínima a oferecer é de 30 000\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 5000\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais.

- Mercês
- Cacém
- Sintra
- Lisboa (Rossio)
- Serviço Comercial da Região Centro Lisboa (Santa Apolónia)
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar — LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, 1196 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito o seguinte:

Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Mercês.

EUROPA

ELEIÇÕES NA GRÃ-BRETANHA

Os liberais de novo árbitros?

Mais de 40 milhões de britânicos votam hoje um novo Governo.

Os eleitores vão escolher 635 deputados entre 2 mil e 400 candidatos à Câmara dos Comuns, onde há cerca de um mês os trabalhistas foram postos em minoria por uma moção de censura que forçou o Executivo a demitir-se e à convocação de eleições antecipadas.

Nenhum dos dois grandes partidos que dominam rotativamente a cena política inglesa, está certo de conseguir a maioria dos lugares. Os Institutos de

sondagens revelaram na última quinzena uma quebra gradual dos conservadores que, mesmo assim, manteriam uma vantagem de cerca de 2,5 por cento em relação ao «labour».

O estado do tempo favorece também os conservadores cujos eleitores se mostram tradicionalmente mais dispostos a enfrentar as intempéries para votar no seu partido. Com efeito, na madrugada de hoje registaram-se neves, alguns deles fortes, na Escócia e Norte de Inglaterra e geada em Londres. As tempestades que asso-

lam o país são as piores registadas, nesta altura do ano, desde 1931.

Mas, de qualquer modo, uma eventual vitória dos «tories» será sempre escassa margem.

É por isso que o Partido Liberal, a que as sondagens atribuem 13 por cento dos votos, pode vir a ser o árbitro da situação através do seu apoio condicional à formação política mais votada.

Dois esclarecedores de última hora são esclarecedores sobre o ânimo de dois sectores do eleitorado britânico.

Os TUC, apesar de maltrata-

dos pelo último Governo trabalhista, denunciaram a anunciada reforma sindical de Margaret Thatcher como uma tentativa de limitar o direito de greve. Por sua vez feministas de esquerda manifestaram-se ontem contra a dirigente conservadora gritando «queremos direitos das mulheres e não mulheres direitistas».

ITALIA

Comando ataca sede da DC

Teriam morrido três pessoas durante o ataque levado a cabo esta manhã por um comando de cerca de dez pessoas contra a sede local da Democracia-Cristã em Roma, segundo informações chegadas ao centro de informações dos bombeiros.

Os mortos teriam sido vítimas da explosão de dois engenhos dentro do edifício onde uma parte do comando parece ter penetrado.

Depois das explosões, os atacantes pertencentes às «Brigadas Vermelhas» tiveram uma troca de tiros com as forças da ordem.



Callaghan



Thatcher

Quem são os dirigentes dos três principais partidos

Os dirigentes dos três principais partidos ingleses são bem diferentes uns dos outros. James Callaghan tem 67 anos, conhece todos os «dossiers» e conserva um grande trunfo para os trabalhadores: mantém sempre, mesmo nas piores situações, o mesmo ar tranquilo e despreocupado. Não esconde trunfos nenhuns. Toda a gente conhece a sua carreira. Eleito deputado por Cardiff em 1945 durante a grande vaga de êxitos dos trabalhistas ocupou em doze anos os três grandes cargos de chanceler do Tesouro, ministro do Interior e dos Negócios Estrangeiros antes de ocupar a residência de Downing Street em 1976, a seguir à demissão de Harold Wilson.

Face a James Callaghan, uma mulher disputa pela primeira vez a chefia do Governo britânico. Margaret Thatcher, de 53 anos, dirigente conservadora, prepara-se para este cargo

desde Fevereiro de 1975, data em que conquistou a liderança dos conservadores a Edward Heath. Ocupou uma vez o cargo de ministro da Educação de 1970 a 1974. De espírito combativo, «self made woman», originária da pequena burguesia, como lhe chamam, conduz uma campanha à americana. Aconselhada por uma grande agência publicitária, «Maggie» adoeceu a voz aguda e agressiva que a caracterizava e percorreu infatigavelmente o país para obter os sufrágios, tendo como tema a renovação da nação.

O árbitro do duelo Callaghan-Thatcher é o jovem chefe do Partido Liberal, David Steel, de 41 anos. Durante muito tempo foi o benjamim da Câmara dos Comuns. Sucedeu em Julho de 1976 a Jeremy Thorpe, implicado num escândalo de costumes, na chefia da terceira formação política britânica.

O Papa e os dois bispos difíceis

Dois bispos de posições bem diferentes, dão actualmente mais cuidados a João Paulo II que os 4 mil que estão recenseados no «anuário pontifício». Trata-se de monsenhor Hilarión Capucci, bispo titular de Cesarea, da Palestina, e membro do Conselho Nacional Palestiniano e monsenhor Marcel Lefebvre, director do seminário tradicionalista de Econe.

Monsenhor Capucci foi vigário patriarcal greco-católico de Jerusalém antes de ter cumprido os 39 meses de prisão a que foi condenado pelas autoridades israelitas por tráfico de armas e por ter contactos com os palestinos. Libertado sob condição de

não mais voltar ao Médio Oriente, abandonou a América Latina sem ter pedido autorização à Santa Sé para se deslocar a Damasco. Festejado por todo o mundo árabe visitou recentemente o Ayatollah Khomeiny em Teerão.

O bispo de Cesarea continuou fiel ao magistério espiritual de Paulo VI e dos seus sucessores. Contesta, não sem alguma razão, a decisão de Roma de o afastar de Jerusalém considerando que esta sede pertence de direito ao seu sínodo. Afirma também que o Vaticano terá prometido a Israel que iria impedir o seu regresso definitivo ao Médio Oriente.

Ao contrário de monsenhor Capucci, Marcel Lefebvre opôs-se publicamente ao magistério de Paulo VI. João Paulo I, durante o seu breve reinado, teve tempo de pronunciar palavras bastante duras contra o bispo integrista. João Paulo II tem-se mostrado muito mais discreto.

Embora o papa se tenha reclamado já por várias vezes de Paulo VI e do Concílio do Vaticano II, numerosos documentos seus sobre a restauração da fé e da disciplina eclesialística agradam certamente ao bispo que foi suspenso «Ad Divinis» (privado do direito de administrar os sacramentos).

RFA

Terrorista condenada a prisão perpétua

O tribunal de Hamburgo condenou hoje a prisão perpétua Christine Kuby, acusada de actos terroristas.

Membro da «Facção do Exército Vermelho», Christine Kuby, de 22 anos, foi reconhecida culpada de tentativa de homicídio em relação a dois polícias que lhe deram voz de prisão quando

tentava adquirir numa farmácia uma substancial quantidade de calmantes mediante receitas falsificadas.

Ao ser presa em Hamburgo Christine Kuby era já objecto de um mandado de captura por suspeita de participação num atentado à bomba contra o palácio da justiça de Zweibrücken.

AMÉRICA LATINA

Altamirano expulso do PS chileno

O ex-secretário-geral do Partido Socialista Chileno, (PSC) Carlos Altamirano, foi expulso desta organização política sob a acusação de tentativa de fracionamento do Partido, anunciou o Comité Director Socialista no Exílio num comunicado divulgado em Paris.

Altamirano reagiu imediatamente, fazendo sair outro comunicado, no qual convoca uma Assembleia Geral de Socialistas Chilenos e pede a formação de uma comissão encarregada de reunificar o Partido.

As divergências no seio do PSC surgiram na sequência de uma reunião de socialistas no interior do Chile, que aprovou como linha táctica a tentativa de criação de uma frente política oposicionista na qual participassem socialistas, democratas-cristãos e comunistas.

Esta reunificação dos partidos políticos chilenos não teria sido aprovada por Altamirano, que, segundo os membros do seu partido, é partidário das acções violentas e simpatizante dos movimentos extremistas armados.

Além de ter rejeitado a linha política traçada pela reunião de socialistas do interior, Altamirano recusou-se também a abandonar o cargo de secretário-geral, que passou a ser ocupado por um dirigente do interior, numa tentativa de reafirmar a sua autoridade sobre o partido que dirigia há dez anos.

Esta atitude originou a acusação de «conduta irresponsável» e de tentativa de criação de uma direcção bastarda e ilegítima e provocação da divisão no seio do partido» emanada do Comité Director no exílio.

DESARMAMENTO

Negociações SALT poderão terminar hoje

Negociadores soviéticos e norte-americanos mostram-se optimistas de se estar prestes a concluir um novo Tratado sobre Limitação de Armas Estratégicas (SALT) e de que se poderia chegar, durante as conversações de hoje, ao almejado acordo final, afirmam funcionários de Washington.

O secretário de Estado, Cyrus Vance, e o embaixador soviético Anatoly Dobrynin deverão encontrar-se pela 23.ª vez, desde Janeiro, e ambos afirmaram estar confiantes em que o tratado seria concluído muito em breve.

Um comunicado oficial acerca do tratado e de uma cimeira entre os Estados Unidos e a URSS deverá ser provavelmente emitido, na próxima semana, disseram os funcionários.

O acordo concluiria seis anos e meio de negociações SALT.

Embora os funcionários notem que o acordo poderia ficar completo nas conversações de hoje, tem havido tantas demoras e afirmações dessas, nos últimos 18 meses, que advertiram contra o excesso de optimismo.

AUXÍLIO ECONÓMICO

Dez países — cinco dos quais latino-americanos — poderão ser privados do apoio económico americano na sequência duma votação e duma recomendação

da comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado americano.

Esses dez países são Panamá, Nicarágua, Salvador, Guatemala, Paraguai, Paquistão, Afeganistão, Etiópia, Império Centro-Africano e Haiti.

A comissão, com efeito, reduziu em 212 milhões de dólares — quase 10 por cento — o montante dos fundos pedidos pela Administração Carter para o financiamento do apoio ao estrangeiro.

Esta decisão foi acompanhada por uma recomendação da comissão, ligando explicitamente a assistência económica à política externa dos Estados Unidos, e, em particular, ao respeito dos direitos do homem, à não proliferação nuclear e à luta contra a corrupção.

Contudo, o porta-voz do Departamento de Estado indicou que a Administração pode conceder o auxílio, não sendo obrigada a seguir a recomendação do Senado.

EUA-JAPÃO

O presidente norte-americano, James Carter, e o primeiro-ministro japonês, Na-sayoshi Ohira, concordaram ontem, no final das suas conversações na Casa Branca, em equilibrar a balança comercial entre os respectivos países.

Os dois estadistas aprovaram uma série de medidas, destina-

das a harmonizar o comércio externo nos próximos anos, expressas num comunicado conjunto.

CRIMES NAZIS

A comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes aprovou na quarta-feira, uma moção em que o Congresso dos Estados Unidos insista com a República Federal da Alemanha para que adie a data limite fixada para o envio a

juízo dos criminosos de guerra nazis.

Já deram o seu aval a esta moção cento e vinte membros da Câmara, revelou o democrata representante de Nova Iorque, Elisabeth Holtzman, para quem «nenhuma data limite arbitrária deveria impedir o julgamento dos responsáveis do holocausto».

A Alemanha Federal tinha fixado para 31 de Dezembro de 1979 a data limite, passando a vigorar a prescrição depois dela.

A Polónia e Israel já pediram à RFA que protelesse este limite.

MÉDIO ORIENTE

Incidentes na Cisjordânia

Incidentes na Universidade de Birzeit, na margem ocidental do rio Jordão, assinalaram a manifestação de protesto contra o Dia da Independência de Israel ontem levada a cabo por estudantes daquela Universidade.

Um dos manifestantes foi alvejado a tiro por indivíduos que passavam de automóvel, ficando ferido sem gravidade.

Fontes oficiais israelitas informaram que os estudantes empunharam bandeiras palestinianas na sua marcha através da cidade e bloquearam a passagem a diversas viaturas.

Entretanto, o presidente Car-

ter acaba de transmitir ao Senado uma emenda para o próximo orçamento dos Estados Unidos com o objectivo de dotar o Sultanato de Oman e o Sudão com uma assistência militar extraordinária.

Por último, a China, a URSS e a Coreia do Norte são os principais fornecedores de armamento da Organização de Libertação da Palestina (OLP), revelou na quarta-feira o chefe do departamento da OLP no Irão, Hani El Hassan, numa entrevista à revista iraniana «Djavan» (progressista).

ALCÁTIFA PELO ALTO E ARGOLINHA

198.00

SUPER POUPANÇA
DA PRIMAVERA

Lojas dos Armazéns

CONDE BARÃO

ASIA

IRÃO

Um milhão de pessoas no funeral do "ayatollah" assassinado

Centenas de milhares de pessoas de luto, gritando «Morte ao Comunismo», incorporaram-se hoje no préstito que acompanhava até à última morada o corpo do «ayatollah» Morteza Motahhari, o chefe revolucionário assassinado, que ficou sepultado na cidade santa de Qom.

Segundo cálculos não oficiais a multidão aproximou-se de um milhão de pessoas quando o cortejo fúnebre saiu da capital e se dirigiu para o sul.

O caixão simples, com o corpo do chefe espiritual muçulmano revestido de pano negro e tendo em cima o seu turbante de «mulah», partiu das instalações da Universidade de Teerão.

Pessoas correram para a frente numa tentativa para furar o cordão de soldados da Força Aérea e de agentes da Polícia e tocaram no caixão.

A multidão, intensamente anticomunista, ignorou as palavras de ordem dos dirigentes «Vitória do Islão, Abaixo os Desordeiros» e gritou, em vez delas, «Morte ao Comunismo».

Militantes ainda adolescentes, armados com carabinas «M-16» e metralhadoras ligeiras, fizeram sair milhares de pessoas dos terrenos da universidade.

As suas armas tinham enfiadas nos canos cravos vermelhos

— símbolo da Revolução.

A maioria das mulheres na multidão usava o «chador», a túnica negra tradicional muçulmana. Viam-se também dezenas de «mullahs», com as suas túnicas características e grandes barbas.

Quando o caixão foi transferido para um armão no Palácio de Mármore do antigo xá deposto, milhares de pessoas gritaram «O Comunismo foi Destruído e o Islão venceu».

Gritaram ainda em coro «Khomeiny é o chefe da Revolução e Motahhari o seu mártir».

Entre a multidão via-se ainda o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ibrahim Yazdi.

Os seus guardas-costas, fortemente armados, gritaram: «Mataremos aquele que matou o nosso irmão».

Muitas pessoas que acompanharam o corpo afirmaram a repórteres pensar que comunistas eram responsáveis pelo assassinio de Motahhari, mas não especificaram qual das diversas facções marxistas do Irão acusavam.

Num díctico acusava-se o Partido Tudeh (comunista) e o grupo de guerrilheiros fedaines marxistas-leninistas de serem «os parasitas da sociedade».

INCIDENTE NUMA PRISÃO

Forte tiroteio registou-se ontem à volta de uma prisão situada na Baixa de Teerão, quando os detidos do dia anterior tinham tentado evadir-se conseguiram o controlo de algumas zonas do estabelecimento prisional — informou em Teerão um porta-voz policial.

O porta-voz acrescentou que

os presos, que anteontem mantiveram durante algum tempo várias guardas como reféns, posteriormente libertados, parecem estar na posse das armas dos guardas prisionais.

O porta-voz policial afirmou ainda que esta prisão tinha uma população de 200 a 300 detidos e que pareciam ser membros da antiga polícia política do xá, SAVAK, presos imediatamente após a Revolução de Fevereiro.

China recua nas modernizações

Os dirigentes chineses parecem ter alterado o seu ambicioso programa de modernização, numa iniciativa que poderá ter importantes repercussões políticas e económicas para este país.

O presidente Hua Guofeng, num encontro realizado com o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, anunciou a tomada de decisões numa recente reunião secreta do Politburo do Partido Comunista.

«A partir de 1979, centramos o nosso trabalho num programa de modificação (de objectivos económicos) e a China precisa de um clima internacional de paz para construir o país», declarou Hua a Waldheim.

Embora não especificasse o

significado da «modificação» no âmbito da campanha de modernização, a declaração de Hua coincidiu com um editorial nos principais jornais de Beijing sublinhando o princípio económico de «recuar primeiro, avançar depois».

Por outro lado, dois dos mais conhecidos activistas do movimento «Primavera de Pequim», Wei Jingsheng e Ren Wanding foram encarcerados, sendo acusados de «contra-revolucionários», segundo anunciou a revista «Paralelo» de Pequim.

Por último, o embaixador chinês no Koweit reafirmou o apoio do seu país à OLP e à luta do povo palestino para a criação de um Estado independente, e disse que a China não estabelecerá, pelo menos por agora, relações diplomáticas com Israel.

PETRÓLEO E CEREAIS

As duas companhias francesas de petróleo controladas pelo Estado anunciaram hoje ter-lhes sido adjudicado pela China um contrato para a realização de estudos geofísicos no mar Amarelo. O primeiro passo para a exploração de petróleo chinês pelo Ocidente.

A tarefa cometida em conjunto à ELF — Aquitaine e à Compagnie Française des Pétroles representa o primeiro contrato firmado pelo Governo chinês com uma entidade petrolífera estrangeira. Até agora, os chineses tinham apenas assinado cartas de intenção.

Enquanto isto, a CIA prevê que a China deve vir a comprar aos Estados Unidos a quantidade recorde de 5,5 milhões de toneladas de cereais este ano.

Waldheim defende reunificação da Coreia

Os dirigentes da Coreia do Norte declararam hoje ao secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, que «lutam com vigor pela causa da reunificação nacional», contando com o auxílio das Nações Unidas.

Waldheim afirmou por seu lado que «as Nações Unidas apoiam amplamente todos os esforços no sentido de uma unidade pacífica na Coreia» acrescentando que «este objectivo tem de ser alcançado pelo próprio povo coreano».

O secretário-geral das Nações Unidas reuniu-se hoje com o presidente Kim Il Sung, da Coreia do Norte, passará a noite em Tóquio e continuará viagem para Seul amanhã.

AFRICA

RODÉSIA

Novo ataque da guerrilha

Guerrilheiros da Frente Patriótica do Zimbabwe atacaram com morteiros um luxuoso hotel nas montanhas e um armazém próximo na região oriental da Rodésia.

O ataque verificou-se ontem à noite sendo repellido por pessoal do hotel e por hóspedes — de acordo com a versão dada pela polícia.

Entretanto, em Salisbúria, o Supremo Tribunal decretou que os condenados à morte por tribunais marciais poderão passar a pedir clemência ao presidente.

Até agora estas condenações apenas podiam ser examinadas e revistas por comissões especiais nomeadas pelos militares.

Na medida em que o presidente deverá actuar depois de consultar o Conselho Executivo e que este inclui, além do primeiro-ministro Ian Smith, os

três nacionalistas negros que com ele assinaram o chamado «acordo interno» estes, passam a partir de agora a ser responsáveis pelos enforcamentos feitos ao abrigo da lei marcial.

Os três nacionalistas negros do conselho, o bispo Abel Muzorewa, recentemente eleito primeiro-ministro, o reverendo Ndabaningi Sithole e o chefe tribal Jeremiah Chirah mostraram-se relutantes em assumir esse papel que reconhecem ser extremamente impopular.

As pessoas julgadas em tribunais militares são invariavelmente militantes da Frente Patriótica, a organização nacionalista que dirige a luta armada de libertação nacional na Rodésia e que está excluída do acordo interno promovido por Smith.

Angola e Brasil assinam acordo

O Brasil e Angola assinaram ontem um acordo de princípio, nos termos do qual a antiga colónia portuguesa se tornará num «vital abastecedor de petróleo», em troca de tecnologia e produtos manufacturados brasileiros.

O protocolo foi assinado na sequência das conversações mantidas entre o ministro angolano do petróleo, Jorge Morais, o ministro brasileiro das minas e energia, Cesar Cals e o presidente João Baptista Figueiredo.

O ministro angolano especificou que a quota actual de 20 mil barris diários de petróleo «poderá ser substancialmente ampliada».

Na opinião dos peritos brasileiros, Angola poderá fornecer diariamente ao Brasil 60 mil barris de ramas, «a um preço livre».

dado que Luanda não é membro da «OPEP».

«Isto não quer dizer que o petróleo angolano seja mais barato, mas significa que o Brasil terá alternativas para pagar o combustível com tecnologia e artigos industriais», esclareceu um membro da empresa estatal petrolífera «Petrobras».

Segundo círculos políticos de Brasília, a actual visita a esta capital do ministro angolano constitui o primeiro passo da ofensiva comercial brasileira, na África Negra, nomeadamente nas repúblicas de Angola, Gabão e Nigéria.

Brasília pretende penetrar comercialmente nesses estados, apoiado pelo aval financeiro da sucursal do Banco do Brasil, que será inaugurada, na próxima semana, na Costa do Marfim.

Cinco negros enforcados em Pretória

Foram enforcados, na madrugada de ontem, em Pretória, cinco negros anteriormente condenados à morte.

Quatro dos enforcados tinham sido condenados à pena capital por terem morto dois brancos. O comunicado oficial limita-se a mencionar o nome do quinto suplicado, sem revelar os motivos da sua condenação.

Estas execuções surgem após o enforcamento, a 6 de Abril último, de Solomon Mahlangu, antigo estudante de Soweto, condenado após a morte a tiro de dois brancos, em Junho de 1977, no centro de Joanesburgo.

LIBERALIZAÇÃO OS APARTHEID?

O governo sul-africano, de minoria branca, aceitou hoje «em princípio» todas as recomendações de uma comissão nomeada pelo governo para por termo a três décadas de discriminação racial no trabalho.

A decisão do executivo sul-africano foi anunciada em conferência de imprensa pelo ministro do Trabalho, Fanie Botha. O ministro revelou que a administração aprovou o conceito da «livre associação», no âmbito do qual os sindicatos negros poderão participar pela primeira vez em

negociações colectivas na África do Sul.

Foi igualmente aceite a abolição da reserva de trabalho — que reserva aos brancos os trabalhos especializados.

Prisões em massa na Namíbia

A Organização das Nações Unidas difundiu ontem um protesto contra a prisão de mais de 40 dirigentes da Namíbia que se opõem à cooperação com a África do Sul.

Uma declaração do Conselho das Nações Unidas para a Namíbia tornou público que as prisões, registadas por todo o país, coincidiram com as tentativas da África do Sul «para instalar na região um regime fantoche de racistas que defendem o «apartheid»».

O Conselho para a Namíbia, criado em 1967 para providenciar à independência do território, nunca pode desempenhar as suas funções devido à oposição da África do Sul.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latian e Reuter

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Direcção Distribuição Tejo — Zona Lisboa, a que se refere o processo 8/62 660, arquivo 14, para o estabelecimento na freguesia de Terrugem, concelho de Sintra, de linha mista a 10 kV, n.º 1136/R-9, com o comprimento total de 91 metros (parte aérea com 61 metros e parte subterrânea com 30 metros), do apoio n.º 1 da linha 1136/R-4, ao Posto de Transformação n.º 2350-C, da «VIGOPOR» — Materiais de Construção, Ld.ª, em Terrugem.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 18 de Abril de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S.  R.

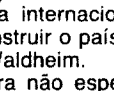
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Direcção Distribuição Tejo - Zona Lisboa, a que se refere o processo 8/63 694, arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Matra, de linha mista a 10 kV, n.º 1281/R-15, com o comprimento total de 274 metros (parte aérea com 144 metros, e parte subterrânea, com 130 metros) para alumentar o Posto de Transformação n.º 2361-C, da firma «CERAS JOHNSON DE PORTUGAL», em Vale da Guarda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Abril de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Portel em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Zona Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/64 008, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de S. Bartolomeu do Outeiro, concelho de Portel, de linha aérea a 15kV, com 1091 metros, do poste n.º 22 da linha para S. Bartolomeu do Outeiro ao Posto de Transformação da Quina do Barão

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Abril de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Canal da Crítica

O mistério das armas que ninguém quer

MÁRIO CASTRIM

O grupo é israelita, ganhou o festival da Eurovisão a cantar a «Aleluia» e chama-se «Leite e Mel», certamente porque a milénaria sabedoria de seus antepassados lhe ensinou que com vinagre não se apara...

O grupo foi anunciado, melhor, foi trombeteado à boa maneira de Jericó, não sei que entrevista com o Thilo, não sei que Letria faria a tradução. Afinal? Afinal o grupito cantou duas coisas, houve uma perseguição com tradução sobreposta, o que complicou grandemente as coisas, aliás sem grande importância, perguntas e respostas equivaliam-se, depois já passava e muito da meia-noite, toca a andar, que é preciso fechar a loja.

Isto passou-se no segundo programa, depois de uma longa entrevista com Edmundo Pedro e depois de várias peripécias que introduzem na Televisão uma dimensão surrealista. Como é o caso da entrevista telefonada de Londres entre Mortimore encavalado de súbito com a marcação do golo do Benfica em directo; como é o caso da discussão sobre armas e contrabando interrompida para falar de futebol com Mário Wilson.

Na **Informação-2**, como na **Informação-1**, realce absoluto para as intervenções, na Assembleia da República do PPD, do CDS e do PS. Se bem me lembro, mais alguém existe na dita Assembleia, com direito pleno a fazer-se ouvir na RTP.

Mas é evidente que a RTP não tem obrigação de conhecer tudo o que se passa na Assembleia da República.

Bom. O prato forte do segundo programa terá sido a entrevista com Edmundo Pedro. Não se diz que seja um assunto paipante, mas os Pais os assuntos morrem tão asinha...

A entrevista terá valido quanto mais não seja para denunciar os processos... sensacionalistas e pouco escrupulosos de certa imprensa. Pensou bem o representante de um semanário quando sugeriu que aquele encontro parecia um julgamento de um tipo de Informação. Só que não parecia: era mesmo.

Edmundo Pedro não recusa nem nega a sua anterior actividade de contrabandista. Foi contrabandista, sim senhor, nos anos 50. De tabaco e coisas assim. Pessoalmente eu preferia os electrodomésticos, pelo menos não prejudicam a saúde.

Dessa actividade doutros tempos viria ele a fazer relatório ao seu actual partido e ao general Eanes. Aponta quem o ajudou na elaboração desse relatório: Proença de Carvalho. Curiosamente, por esse crime ninguém o levou a tribunal!

Certamente muito ficou por esclarecer da vida e das actividades de Edmundo Pedro. Mas não restam dúvidas de que a ferocidade dos ataques contra ele desenvolvidos em certa imprensa levavam o sinal da destruição, do descrédito — e não apenas de um homem...

Afastada a palha da coscuvilhice, restou como principal elemento de interesse a questão das armas. Ai permanecem as dúvidas, as ambiguidades, as confusões.

Edmundo Pedro conta como as G-3 lhe foram entregues no 25 de Novembro. A democracia estava em perigo e vai então responsáveis das Forças Armadas, como a situação era difícil, resolveram distribuir G-3 a civis de sua confiança. Edmundo Pedro era um deles.

Que faz Edmundo Pedro? Distribuiu as armas por aí, por esse País fora. Por acaso até lhes perdeu o tino, coisa bem de espantar em homem tão amigo da organização.

Já se sabe o sarilho das G-3. Mas, para provar a legitimidade da posse das armas, recorda que cinco amigos a quem distribuiu G-3 comunicaram ao juiz que estavam dispostos a entregar aqueles simpáticos instrumentos, mas o juiz respondeu que não tinha nada com isso, acção que Edmundo Pedro não acha correcta.

Só que as entidades militares também se desinteressaram do assunto e a coisa complica-se porque, recapitulando:

a) o juiz diz que não é com ele;
b) Edmundo Pedro diz que não se está para meter em novas alhadas;
c) a entidade militar não mexe uma palha para reaver os «brinquedos», pelo que os «brinquedos» continuam por aí.

Certamente a recolha das armas não me compete a mim, nem a ti, leitor. Pelos modos não compete a ninguém.

Ou então trata-se de um por menor tão ao gosto das óperas cómicas: as G-3 não seriam verdadeiras armas, de bom aço germânico em trânsito para a NATO, mas de cartão prensado. Pelo que nem licença exigiriam.

Também pode acontecer que se trate de armas tão ultrapassadas que a posse delas não represente nenhum perigo sério. Sabe-se como, nesse aspecto, a tecnologia progride dia a dia. Eu cá, por exemplo, ainda na outra semana comprei uma fígua e o homem da loja pregou-me uma gargalhada nas bochechas (nas minhas, claro que nisto de bochechas ninguém tira patente) quando perguntei se era preciso registar.

Pode ainda, sei lá... Pode ainda acontecer que haja quem não considere a democracia bem defendida e ache importante que as cinco G-3 continuem em boas mãos. Cinco G-3, estão a ver? Ta-ta-ta-ta-ta e a democracia está salva.

Seja como for, permanece inteiro o mistério das cinco G-3. Poirot, precisa-se ou Maigret.

Ou, em alternativa, um grande humorista.

Hoje



Uma imagem de «Jean Christophe»

I PROGRAMA

- 18.30 **Sumário** — resumo do noticiário nacional e internacional
- 18.35 **O Clube do Rato Mickey** — um programa para os mais pequenos
- 19.05 **País, País** — a actualidade regional vista e analisada por uma equipa de jornalistas da Informação/1
- 19.25 **A falar é que a gente se entende**
- 19.55 **Manuel e Beatriz**
- 20.00 **Jornal RTP/1**
- 20.30 **O Astro** — mais um episódio da telenovela produzida pela Rede Globo de Televisão
- 21.10 **O Tempo** — informação meteorológica
- 21.15 **Ópera — Così Fan Tutti** — de Wolfgang Amadeus Mozart. Produção de Adrian Slack. Maestro John Pritchard. Intérpretes principais: Franz Petri, Aslan Austin, Thomas Allen, Helena Dose e Sylvie Lindenotrand
- 23.45 **24 Horas** — último serviço noticioso do dia e fecho.

II PROGRAMA

- 18.45 **Ano Propedéutico**
- 20.30 **Aqui Jazz** com Toots Thielmans
- 22.00 **Informação/2**
- 22.30 **Série Dramática** — 9.º episódio de «Jean Christophe» com interpretações de Klaus-Maria Brandauer, Diane Maulin e Catherine Creton
- 23.00 **Fecho**

FESTA DA AMIZADE

4-5-6 DE MAIO-ALMADA

NA UNIDADE A AMIZADE É UMA FESTA

3 Dias de Colóquios, Exposições, Cinema Teatro, Festival desportivo, Comers e Bebés, Divertimentos.

Espectáculos com

TROVANTE
BROGADA VITOR JARA
CARLOS ALBERTO MONIZ E MARIA DO AMPARO
J.C. ARY DOS SANTOS
CARLOS PAREDES E FERNANDO ALVIM
JOSÉ JORGE LETRIA
CARLOS PAULO
ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA

E mais uma centena de artistas em palco

DIA 6 — DOMINGO — às 18 horas
GRANDIOSO COMÍCIO COM OS CAMARADAS
ÁLVARO CUNHAL — Sec.-Geral do PCP
JAIME SERRA — Membro da Comissão Política do CC do PCP

ORGANIZAÇÃO DA COMISSÃO CONCELHIA DE ALMADA
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



S. R.

Direcção-Geral das Alfândegas

José de Jesus Vences Cordeiro, 1.º Verificador do Quadro Técnico-Aduaneiro, faz saber que corre trâmites na Direcção-Geral das Alfândegas um processo administrativo para importação com isenção de direitos da viatura ligeira carrinha, Marca OM Tipo aberta Modelo 40/35 Matrícula MLJ-36-23 Cor laranja 2 Portas 3 Lugares procedente da ex-colónia de Moçambique, de cuja propriedade, desde 1975, se arroga Manuel José Dinis residente que foi em Madragoa-Limpopo

(Caixa-Postal n.º 16) e que actualmente reside em 5160 Moncorvo, Largo da Corredoura.

Convidam-se, pelo presente edital, todos aqueles que disponham de elementos de impugnação de tal direito a que, no prazo de (15) quinze dias, deles deem conhecimento.

Direcção-Geral das Alfândegas, em 3 de Maio de 1976

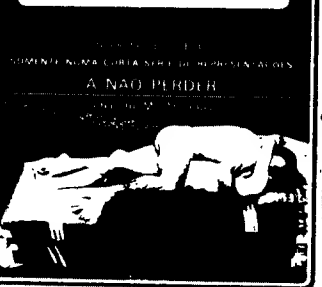
O 1.º Verificador do Quadro Técnico-Aduaneiro
José de Jesus Vences Cordeiro

na COMUNA
SEIVA TRUPE
apresenta

PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

DIAMANTE AS 21.45 H
DOMINGOS AS 16 H

PRACA DE ESPANHA — METRO PALHAVA
MARCAÇÕES PELO TEL 762624



14.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

Proc. N.º 2611/A

3.ª Secção

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz saber que por este Juízo e 3.ª secção, nos autos de Ex. Sentença em que são Exequente-Cipomóvel Importador de Automóveis e Acessórios, SARL e Executados-João da Silva Matias e mulher residentes em Almodôvar, comarca de Ourique, correm editos de vinte dias contados da 2.ª e última publicação deste anúncio citando os credores desconhecidos dos executados referidos para, no prazo de 10 dias, findo o dos editos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados.

Lisboa, 17 de Abril de 1979

O Juiz,

a) J. Cruz Rodrigues

Pel'O Escrivão de Direito,

a) Emílio Mesquita

GTH

GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA

Tr S Vicente 11 875626

IVONE SILVA

«FELIZ NATAL AVOZINHA»

DE GILBERT LEAUTIER
ENCENAÇÃO DE CARLOS FERNANDO

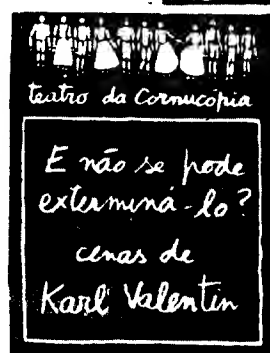
«Um belo e indispensável espectáculo»

Carlos Porto — «DL»

TODAS AS NOITES ÀS 22.00 H
MATINÉES AOS SÁBADOS ÀS 16.00 H
DOMINGOS SÓ ÀS 16.00 H
FOLGA ÀS 2.ªs-Feiras

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

SÓ ATÉ DIA 6

Rua Tenente
R. Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Tel. 661515teatro
do barro
alto

CURTA CARREIRA

2.ª e ÚLTIMO MÉS
3.ª e sáb. às 21.30
Dom. só às 17.30

«E que belo espectáculo, Senhor!» — R.D., O Jornal

Subedito SEC e INST. ALEMÃO.
Desconto EST. e SIND. graças apoio
F. Gulbenkian.

NO EXÉRCITO PASSA-SE REVISTA AOS SOLDADOS! NÓS REPRESENTAMO-LA

ADOCQUE

TEL. 87 44 78

2.ªs, 3.ªs e 5.ªs às 21.45

6.ªs e sábados
2 sessões
20.30 e 22.45

Com
ERMELINDA DUARTE
ESMERALDA AMOEDO
FRANCISCO NICHOLSON
HENRIQUE VIANA
MAGDA CARDOSO

Domingos Tarde
às 16 horas
Noite às 21.45

1926
NOVES TOROUROS!

**NÃO
BATAM
MAIS
NOS CEGUINHOS!**



CELSE SACAVÉM NO GUITARRADAS DE OUVIDO

SOLILÓQUIO

Praça de touros de Vila Franca de Xira. Quinta-feira, 25 de Abril de 1979. Touros de Palha para Parreirita Cigano, Fernando Pessoa e Vítor Mendes.

O terceiro Palha acaba de regressar aos curros. À volta da arena de Vila Franca, recolhendo o entusiasmo da gente da sua terra, caminha um jovem toureiro, vestido de azul e ouro. Leva na mão erguida um ramo de cravos vermelhos, cravos de Abril, cravos que neste Dia da Liberdade sabem a esperança.

Na velha praça Palha Blanco, na tarde de 25 de Abril, houve uma esperança chamada Vítor Mendes: esperança que Vila Franca vá ter mais um matador de touros, dos verdadeiros, dos que não são para trazer por casa, dos que a Espanha fala, como José Júlio dos Miuras em Sevilha, e o José Falcão da valentia até à morte. Lembrei a surpresa que tive, numa noite de há três anos no Campo Pequeno, quando vi aparecer esse bandarilheiro quase imberbe, que trocara a brancura da farda da banda do Ateneu pelo traje de luzes, vestido com tanto garbo, e mais do que o garbo aquela facilidade de pegar no capote e de levantar os braços nas bandarilhas, e mais do que isso aquela maneira de estar na arena, assim, tão naturalmente. Escrevi então, de Vítor Mendes: «Guardem o nome». E o nome aí está, sem precisar mais de ser guardado, capaz de voar para qualquer praça de touros do planeta, sem distinção de país ou de categoria. Neste Abril de Vila Franca mostrou o seu direito à liberdade, diante duns Palhas que eram touros mesmo: desses que, para usar expressão dum aficionado da sua terra, chamado Alves Redol, «aprendem depressa, numa viagem de ida, o que hão-de fazer na viagem de volta.»

Um parêntesis. Se o mundo é pequeno, também o é Vila Franca. Apesar do serrote nas hastes, os Palhas fizeram a tarde negra aos peões, metidos em



**CRÓNICA
DE TOUROS**

Abril em Vila Franca

apuros que no caso do experiente Jorge Marques, cravando uma bandarilha de cada vez, em fuga, roçaram o pavor. E, salvo um bom par a quarteiro do Jacinto Fernandes, a excepção do brilho foi para Dário Venâncio, que sempre atento e colocado, fez dois quites oportuníssimos. Pois este bandarilheiro, sendo irmão de José Júlio, é sobrinho-neto dum pegador de touros que se chamou Luís Venâncio, o qual por sua vez era tio de Alves Redol. Assim o conta o grande escritor, em prosa assinada no ano de 1960, em Sevilha, onde acompanhara José Júlio, que iria alternar com Manolo Vasquez e Antonio Ordoñez: prosa que Redol dirigia a Federico, ao Garcia Lorca que foi o poeta das suas dores maiores.

O Abril de Vila Franca não chegou, infelizmente, para que a corrida se pudesse aproximar da definição de Lorca: «La muerte, rodeada de la más deslumbradora belleza». Foi pena que os Palhas, bonitos, com tipo e poder, tenham ido morrer ao matadouro; e pena, também, que tivessem sido desportados. Depois de saírem com pata, e de se arrancarem com força nas bandarilhas, quase todos chegaram broncos à muleta; mas, se os não afogavam nem ensinavam, tinham casta para ser toureada. E nas varas quando colocados no terreno certo, arrancaram-se sem grandes tardanças; salvo o

segundo, que saiu aos pinotes do encontro inicial com o picador, os restantes cumpriram, embora sem se empregarem demasiado. O quinto derrubou o cavalo, na querença natural, antes de ser colocado. Foi no conjunto uma corrida que se via ser de touros, mostrando ao longo da lide esse «picante» que, se impede grandes luzimentos, para o aficionado é motivo de interesse, e para o público fonte dessa sensação de perigo sem a qual a Festa se torna passatempo sem sentido.

Não regateando o mérito de se encaramem com estes touros, de mais poder e dificuldades que muito daqueles que em Espanha largam a certas figuras, a quase todas, a corrida não foi de esperança para Parreirita e Pessoa;

sem as tacuidades de Vítor Mendes, faltou-lhes esse «placeamento» não só do sítio, também do psico, que se ganha ao calor inconfundível das arenas de Espanha.

Para Parreirita, de rosa-pálido e ouro, pálida como o traje foi a tarde. No seu primeiro, que chegou apagado à muleta, porfiou um curto, metendo-lhe o trapo na cara, sem encontrar a distância justa a que o touro acometia. No quarto, depois de lancear aliviado, mostrando que continua vulgar com o capote, buscou o luzimento pelo luzimento, defeito bem demonstrado naquela vez que levou o touro ao picador e rematou saindo em ar de desplane, sem cuidar que o Palha acabara por ficar de costas para o cavalo, teve um peão de ir colocá-lo. Também este inimigo lhe chegou quedado à muleta, e Parreirita expôs, valente, mas sem sossego, deixando que as ganas lhe descompusessem a figura lhe dessem um ar de caricatura de toureiro cigano, sem que se adivinhasse que aquela mão esquerda é capaz de bordar o toureiro.

Pessoa desiludiu. De toureiro, hove a cor do vestido, de tabaco e ouro, e pouco mais. É certo que no quinto da tarde, embora também com o defeito de estar demasiado em cima do touro, e com a muleta atrasada, sem espaço para ir buscar o inimigo, o da Golegã se quis sobrepor à

Continua na pág. 19

2 GLOBOS DE OURO

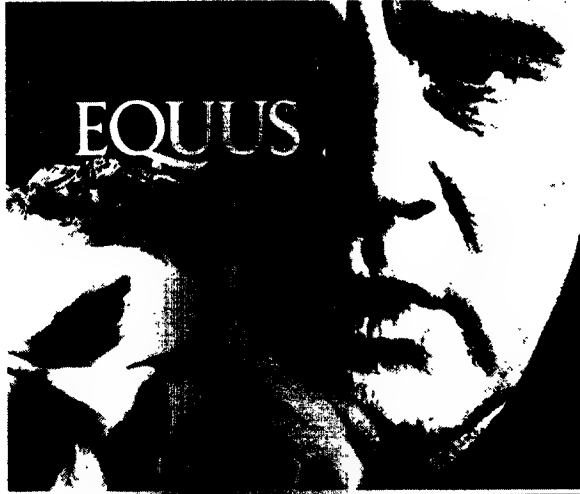
DA ASSOCIAÇÃO DE IMPRENSA ESTRANGEIRA DE HOLLYWOOD

MELHOR ACTOR!

RICHARD BURTON

MELHOR ACTOR SECUNDÁRIO!

PETER FIRTH



EQUUS

EQUUS

O FILME! O DRAMA!

SÃO JORGE

HOJE ÀS 21.30
ESTREIA

CINEMA ESPECTÁCULO CINEMA QUALIDADE!

argumento PETER SHAFFER · baseado na peça de PETER SHAFFER
realizador SIDNEY LUMET

COLORIDO · NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

United Artists

Qualquer semelhança com as nossas "caixas" é pura e simples coincidência... (?)



VENHAM DIVERTIR-SE
A GRANDE COM

**O
PARTEIRO
DA CAIXA**

(IL GINECOLO DELLA MUTUA)

*Ele não tinha... "mãos"... a medir...
mesmo fora da caixa...*

RENZO MONTAGNANI

PAOLA SENATORE · MASSIMO SERATO · MARIO CAROTENUTO

Artistas convidados

ISABELLA BIAGINI · ALDO FABRIZI

Musica RENATO SERIO

UM FILME DE JOE D'AMATO

MUNDIAL FILMES

Interdito a men. 18 anos

2.ª semana **POLITEAMA**

EXPLOSIVO!

O
Inesquecível
clássico de
JOHN STURGES

EXCLUSIVO
MUNDIAL FILMES



**A
GRANDE
EVASÃO**

THE GREAT ESCAPE

STEVE McQUEEN CHARLES BRONSON JAMES COBURN

JAMES GARNER · RICHARD ATTENBOROUGH

TECHNICOLOR PANAVISION

Amanhã Estreia **CITY E VOX**

Não aconselhável a menores de 13 anos

Diário de Lisboa

a notícia e a opinião
o dia-a-dia do País
a explicação das coisas
o porque das coisas
o porque dos acontecimentos
cada coisa com seu porque

Crónica de touros

Continuação da pág. 18

própria frieza, parou os pés, reagiu com valor a uma colhida de que saiu com um «puntazo» no nariz. Mas a tarde foi para ele sem pena nem glória, a dureza e poder dos Palhas não podem justificar aquela abstenção total no primeiro tercio, deixando à quadrilha a colocação do touro para as varas. Ninguém poderia encontrar, naquela figura triste, como que impotente, a imagem de um novilheiro na hora decisiva em que se vai para diante ou será tarde de mais.

Para diante vai Vitor Mendes. Sabem como é: quando chega a vez de um toureiro que pode, logo parece mais brando o vento que levanta a muleta dos outros, não os deixa tourear confiados. Ele sim, sempre. Foi o seu capote que mandou na arena, de pé ou de joelhos recolheu os touros, e se adornou com eles, e galeou para os colocar no terreno por si escolhido para as varas, e os tirou do castigo. Na sua muleta houve a segurança, o sítio, a distância, a faena construída sem acasos, como a do touro que fechou praça, que pesou quase meia tonelada e que avisava que só por um toureiro se deixaria tourear. Teve de simular com uma bandarilha a sorte suprema, e não como merecia o brinde ao velho Palha: mas teve beleza a forma de perfilar-se, de entrar por direito, apontando à cruz. Isto tudo para que não pareça que o seu futuro são as bandarilhas, onde é um fora de série. Não é só a facilidade de aguentar arrancadas poderosas em qualquer terreno, citando das tábuas com o touro nos médios, ou dos médios com o touro nas tábuas, ou nas tábuas fechados os dois. Não é só aquela forma de ganhar a cara dos touros, de levantar os braços, de reunir os ferros, de cravá-los com firmeza, a cintura metida dentro da córnea — é principalmente o tempo que aí permanece, como se fizesse

parar o relógio por uns instantes, para que todos vejam como é verdade, que o toureiro está ali, e dali vai sair, sem voltar as costas, oferecendo o peito ao derrote final. Um bandarilheiro de assombro. E um toureiro em toda a lide, na forma de estar e de andar com os touros, até de brindar, com sabor a toureiro clássico, sério, dominador, que não pretende inventar coisas novas, contenta-se em pôr as antigas no lugar devido. Onde poderá chegar Vitor Mendes, depois de aprender tanta coisa que ainda lhe falta?

Faltou uma lembrança, à banda do Ateneu Vilafrancesense, quando na arena fez o seu habitual desfile, antes do passeio das quadrilhas: tocar a «Grândola, vila morena», como era próprio do dia que também Vila Franca celebrava, terra onde os touros e a liberdade mostraram não ser, contra os que alguns querem insinuar por palavras, ou demonstrar por obras, coisas incompatíveis. Mas naquela arena, por obra e graça do toureiro da terra, os cravos vermelhos floriram em suas mãos, e o 25 de Abril foi outra vez dia de esperança, que oxalá os touros, e os homens, não deixem morrer.

HOJE NA RDP

"A linguagem e o mito na música portuguesa"

Nas duas próximas emissões do programa «A Linguagem e o Mito na Música Portuguesa» que irão para o ar, como habitualmente às 22 horas, no dia 3 e 10

Festival açoriano da Canção

ANGRA DO HEROÍSMO — Promover o gosto pela música e poesia, fazendo aparecer novos intérpretes é o principal objectivo do «Festival da Canção Açoriana», concurso organizado pela comissão das festas de S. João na Ilha Terceira.

O festival aparece também para enriquecer as festividades terceirenses e, sublinha-se numa nota distribuída, não se orienta por «espírito competitivo».

No regulamento já publicado exige-se que todo o concorrente apresente canções cujos temas se relacionem com os Açores e as músicas devem ser «inéditas e originais».

O júri do concurso, cujo prazo de entrega de composições termina a 15 de Maio próximo, vai ser constituído por um representante de cada freguesia da Ilha Terceira, a designar pela Junta de Freguesia ou Casa do Povo.

de Maio, será apresentada a obra da grande intérprete da canção popular dos anos vinte e trinta, **Maria Alice**.

Sendo um nome que logrou granjear uma enorme aceitação popular, tanto a um nível radiofónico como até mesmo na imprensa escrita da época, Maria Alice veria o seu nome ser conotado como um dos nomes dos artistas mais em destaque desde meados dos anos vinte, altura em que se estreou no «Éden Teatro» até aos anos cinquenta, em que principiou a sua retirada do grande contacto com o grande público.

Muitos dos seus discos — que apenas se encontrarão (em termos de documentos históricos) como álbuns bem antigos de 78 r.p.m. e difíceis de encontrar — ouvidos hoje, constituem um vivo



Maria Alice

repositório das canções que agradavam numa época determinada. Quem se lembrar de outras grandes intérpretes da canção popular portuguesa dos anos trinta como Ercília Costa (a quem foi dedicado, ultimamente um ciclo de dois programas), Teresa Gomes ou Corina Freire, constatará, sem dificuldade, que a graciosidade de Maria Alice a imporia, sem dificuldade, como um nome de prestígio e de inalcançável valor para então. Daí que, na época de uma Judy Garland ou de uma Ginger Rogers, ter uma Maria Alice, para o nosso meio, já era algo de prestigioso a ter em conta. «A Linguagem e o Mito na Música Portuguesa» é da responsabilidade de Manuel Cadafaz de Matos, e vai para o ar através da RDP — Rádio Comercial (FM - Stereo).

Em Portimão
será sempre bem servido
no

RESTAURANTE-SNACK-BAR

COVA FUNDA

O prato do dia e os grelhados de peixe são especialidades que
você vai gostar

Av. S. João de Deus, 60 - Tel. 24394 - Portimão

"SUPERMAN" é um espanto,
o tipo de entretenimento
que pode ser saboreado
vezes sem fim.

Rona Barrett-ABC TV

Eu adoro este filme, é
para jovens de todas
as idades.

Liz Smith
Syndicate Columnist

"SUPERMAN" - o filme -
sabe bem. Apetece.

Lauro Antonio
Diário de Notícias

Uma fantástica mistura de
herói mítico e fabulosa
comédia. As pessoas inter-
rogam-se se as sequências
de voo parecem reais. A res-
posta é não, são melhores
que reais!

Gary Arnold
The Washington Post

Vale a pena ser bom chefe
de família e levar os
filhos, aproveitando para
ver também, pois os seus
heróis, os seus mitos, são
para todas as idades.

Jose Vaz Pereira
A Capital

Um tremendo inferno,
perseguidores Nazis
e um guia Basco
que se torna
um
gigante
entre os
homens!

Hamdale

and Passage Films Inc. presents
on behalf of The General Film Company Limited

ANTHONY QUINN JAMES MASON MALCOLM McDOWELL

A PASSAGEM

Starring PATRICIA NEAL KAY LENZ MICHAEL LONSDALE • MARCEL BOZZUFFI

Introducing PAUL CLEMENS and ROBERT RYNS and starring CHRISTOPHER LEE as THE GYPSY

Based on the book "Perilous Passage" by BRUCE NICOLAYSEN • Screenplay by BRUCE NICOLAYSEN • Music Composed by MICHAEL LLEWIS

Executive Producers JOHN DALY and DEREK DAWSON • Produced by JOHN QUESTED in association with MAURICE BINDER and LESTER GOLDSMITH

red. J. LEE-THOMPSON "THE PASSAGE" A LESTER GOLDSMITH - MAURICE BINDER

Amanhã - sensacional estreia simultânea!

AVIS * EDEN * ROMA * COLISEU DO PORTO

Uma superprodução emocionante e espectacular!

FILMES
UNIMUNDUS

APRESENTADO EM PORTUGAL POR
MUNDIAL FILMES

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES
DE 13 ANOS

7.ª
SEMANA

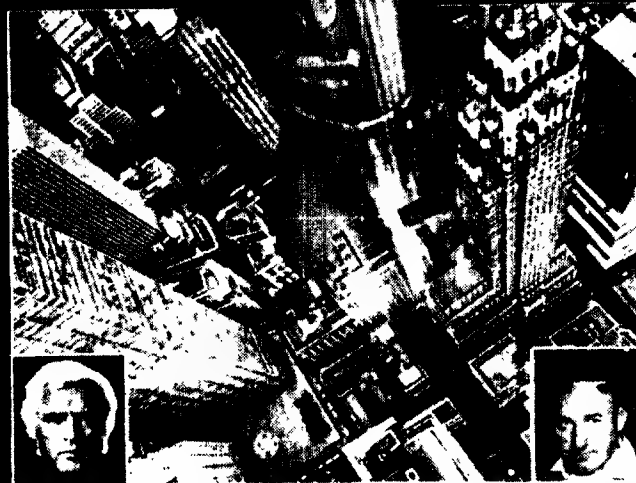
O MAIOR FILME DO ANO!

P.ª IMPÉRIO

3 SESSÕES

15.15, 18.30 e 21.30

IMPÉRIO
CINEMA



ALEXANDER SALKIND APRESENTA MARLON BRANDO
GENE HACKMAN NO FILME DE RICHARD DONNER

SUPERMAN

CHRISTOPHER REEVE • NED BEATTY • JACKIE COOPER
GLENN FORD • TREVOR HOWARD • MARIA SCHELL
MARGOT KIDDER • VALERIE PERRINE • TERENCE STAMP
PHYLLIS THAXTER • SUSANNAH YORK

Argumento de MARIO PUZO • DAVID NEWMAN • LESLIE NEWMAN e ROBERT BENTON
Consulta criativa: TOM MANKIEWICZ • Produtores executivos: ILYA SALKIND e PIERRE SPENGLER
TECHNICOLOR — PANAVISION • Produção de ALEXANDER e ILYA SALKIND

Basquetebol: Sporting contra Federação

Em carta enviada à Federação Portuguesa de Basquetebol (FPB), a direcção do Sporting toma posição quanto à marcação do recente Barreirense-Benfica para o pavilhão do Montijo, exigindo que seja reposta a igualdade de condições para todos (...), ou seja, que todos os jogos do F.C. Barreirense sejam disputados no pavilhão do Montijo.

Não pode ignorar essa Federação (diz a carta) que tais iniciativas desvirtuam o sentido desportivo das provas, o qual assenta na igualdade de condições para todos.

Menos pode ignorar (prosegue) que uma prova é um certame indivisível entre os seus concorrentes e que não é lícito, sequer, admitir, muito menos fomentar, que alguns desses concorrentes estabeleçam entre si condicionais especiais que, necessariamente, prejudicam os restantes.

Depois de salientar que a disputa do referido jogo num recinto que não é o do Barreirense, nem sequer no Barreiro, é a mostra de parcialidade e leviandade que o nosso clube não pode deixar passar sem o maior protesto, o Sporting exige, desde já, que lhe sejam proporcionadas as mesmas condições.

Lamenta, depois, que a FPB movida por objectivos e razões que nada têm que ver com os interesses da modalidade e com o prestígio desportivo e moral que lhe incumbe defender, tome parte em manobras deste tipo, ofendendo a consciência dos desportistas e dando margem à ideia de que está a pactuar com alguns contra outros.

A Direcção «leonina» termina a carta com o desejo de que a Federação Portuguesa de Basquetebol abandone semelhantes práticas e, por agora, faça a reparação devida, ao repor a igualdade de condições para todos, custe o que custar (...).



Adelino Teixeira

Belmiro Silva

Pedalar para a paz

A Comissão Técnica da Federação Portuguesa de Ciclismo divulgou a lista dos ciclistas portugueses que vão participar na Corrida da Paz (Praga-Varsóvia-Berlim), de 8 a 24 do corrente mês.

Os corredores designados foram Adelino Teixeira (do FC Porto), Alexandre Rua, Alfredo Gouveia e Luís Teixeira (da Coelima), Belmiro Silva (do Coimbrões) e Marco Chagas (do Lousa) estando como suplente Floriano Mendes (do Sanga-lhos).

A caravana portuguesa, que parte no dia 7, inclui ainda Mário Ferreira (presidente da Federação da modalidade), Mário Miranda (técnico), Francisco Araújo (mecânico) e Jorge Oliveira (massagista).

O regresso está previsto para 27 do corrente.

«VUELTA»

A classificação geral da «Vuelta» a Espanha, está assim ordenada: 1.º — Christian Levavasseur, França, 39 h 59 m 56 s; 2.º — Joop Zoetemelk, Holanda, 39-59-58; 3.º — Felipe Vanez, Espanha, 40-01-35; 4.º — Francisco Galdós, Espanha, 40-01-58; 5.º — Alphons de Wolf, Bélgica, 40-02-01; 6.º — Manuel Eparza, Espanha, 40-02-17; 7.º — Pedro Torres, Espanha, 40-02-19; 8.º — Lucien Van Impe, Bélgica, 40-02-23; 9.º — Miguel Maria Lasa, Espanha, 40-02-26; 10 — Michel Pollantier, Bélgica, 40-02-27.

S. Miguel tem «Volta»

Organizado pelo Grupo Desportivo Comercial disputa-se, de 29 de Junho a 1 de Julho próximo, a XIV Volta à Ilha de São Miguel, em automóvel, cuja apresentação decorreu, ontem na Casa dos Açores, em Lisboa.

A prova será pontuável para o campeonato nacional de ralies de 1979 e terá três etapas, num total de 884 quilómetros, dos quais cerca de 330 serão percorridos em 34 classificativas.

Foram convidadas dezassete equipas do continente e estarão presentes

sas, uma alemã, três das Canárias e, possivelmente, uma italiana.

A organização, recebeu, também, um pedido de inscrição da equipa feminina francesa que ficou em 26.º lugar no último Rallye de Portugal, composta por Natacha e Berthe.

Prevê-se que assista à competição um observador da Federação Internacional de Automobilismo para a possibilidade da prova vir a ser integrada no Campeonato Europeu de Ral-

MODALIDADES EM DESFILE

XADREZ

Os soviéticos Mikhail Tal e Anatoly Karpov empataram ontem, na partida correspondente à 16.ª jornada do torneio de xadrez «O Homem e o Seu Mundo», que decorre em Montreal.

Ao contrário do que sucedeu na primeira volta, a partida de ontem não foi uma mera cortesia ditada pelo facto de Tal ter sido o principal colaborador de Karpov

Durão: 3.º em Benidorm

Joaquim Durão classificou-se no terceiro lugar, «ex-aequo» com mais quatro concorrentes, no terceiro torneio internacional aberto Cidade de Benidorm.

O torneio, disputado por sistema suíço (em oito jornadas), foi ganho pelo «grande mestre» espanhol Juan Bellon, que totalizou sete pontos. No segundo lugar classificou-se o «mestre internacional» espanhol Javier Sanz com 6,5 pontos. Com seis pontos, classificaram-se (no terceiro lugar), Joaquim Durão, William Hartston (de Inglaterra), Angel Martin, Nieto e Lopez Colon (todos de Espanha). Participaram no torneio 78 xadrezistas de 14 países.

Joaquim Durão realizou depois, em Tormelloso, uma simultânea, a 30 tabuleiros, com uma selecção da zona centro da Mancha, com jogadores de Ciudad Real e Albacete, tendo conseguido 22 vitórias, quatro empates e sofrido quatro derrotas.

na final do Mundial disputado em Bagio, nas Filipinas. Karpov, com brancas, exerceu forte pressão sobre a ala de dama mas Tal defendeu-se cuidadosamente e só muito tarde foi acordado o empate.

As restantes quatro partidas da jornada foram suspensas.

Mikhail Tal comanda (com 11 pontos) seguido de Karpov (com 10,5). O húngaro Lajos Postisch é terceiro (com 9 pontos) e menos uma partida.

TÉNIS

A Selecção Portuguesa de Ténis venceu a da Formosa (por 2-1) na primeira jornada da fase de consolidação da Taça da Federação, para seleções femininas, disputada em Madrid. Leonor Peralta perdeu a primeira partida de singulares frente a Shiu Chung-Wen (por 2-6, 6-7), mas Deborah Fiuza igualou ao bater Chiu Mei-Ho (por 6-4, 6-4). Na partida de pares, a dupla portuguesa Deborah Fiuza-Manuela Lencastre derrotou as formosinas Chuang-Wen e Mei-Ho (por 3-6, 7-5, 6-3).

Noutras partidas da fase de consolidação verificaram-se os seguintes resultados: Argentina-Hungria, 3-0; Espanha-Noruega, 2-1; Dinamarca-Indonésia, 2-1; Tailândia-Irlanda, 2-1 e México-Israel, 2-1.

Nos oitavos-de-final da competição, de que se disputaram apenas quatro jogos, ganharam as equipas favoritas. Resultados: Checoslováquia-Suécia,

2-1; Suíça-Roménia, 2-1; Grã-Bretanha-Bélgica, 3-0 e União Soviética-Luxemburgo, 3-0.

TIRO AO ARCO

Em tiro ao arco, seis recordes nacionais de categorias foram batidos em Tomar, no decorrer da prova «Nabão», reservada aos escalões mais jovens e disputada no Estádio Municipal daquela cidade, com a presença de 61 participantes.

Rui Simão, da Companhia Nacional de Navegação, foi o atirador mais em evidência, batendo três máximos da categoria de robins. No total conseguiu 390 pontos, tendo batido igualmente os recordes por distâncias ao obter 185 pontos nos 20 metros e 205 nos 15 metros. Nesta categoria, a equipa do Clube de Jovens da Azambujeira, estabeleceu novo máximo da categoria com um total de 1045 pontos.

Na categoria de plumas, o Arco Clube das Caldas estabeleceu novo máximo nacional da categoria com um total de 650 pontos. Os seus representantes Manuel Marques (219 pontos), Carla Alexandra (217) e Ana Luisa Manta (214) ocuparam os três primeiros lugares na prova.

Em flechas, o Benfica (com um total de 896 pontos) obteve novo máximo nacional da categoria: Alexandra Ramos (Benfica) com 323 pontos, classificou-se em primeiro lugar, seguida de Lucinda Coelho (Grupo de Jovens da Azambujeira) com 322.

FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL

Alemanha sai da casca

A Alemanha Federal saiu de uma letargia de dez meses para derrotar ontem, em Wrexham, o País de Gales (2-0) e recordar aos seus detractores que a equipa ex-campeã do Mundo e da Europa é ainda uma força tremendamente importante no panorama futebolístico europeu.

Depois de empatarem «fora» (sem golos) frente a Malta e à Turquia, os alemães necessitavam urgentemente de uma vitória. Agora sob as ordens de Jupp Derwall, os teutónicos venceram e convenceram, com dois golos marcados de cabeça por Zimmermann e Fischer (um em cada meio tempo) assumindo novamente a posição de favoritos no grupo 7.

No grupo 1, a Irlanda do Norte manteve a sua vantagem de dois pontos sobre a Inglaterra ao derrotar a Bulgária (2-0) em Belfast, enquanto do outro lado da fronteira, em Dublin, a República da Irlanda batia a Dinamarca pelo mesmo «score».

A classificação está equilibrada neste grupo: a Irlanda do Norte tem sete pontos em cinco jogos, enquanto Inglaterra e Irlanda têm cinco, com três e quatro jogos disputados, respectivamente.

A Holanda fez a deslocação à Polónia com o belo «palmarés» de quatro triunfos em quatro jogos: mas os polacos não permitiram a continuação da série vitoriosa e ganharam convincentemente, por dois golos sem resposta. Os vice-campeões mundiais somam oito pontos em cinco jogos, contra seis da Polónia em quatro partidas. A República Democrática Alemã, possível «outsider», tem quatro pontos em três partidas.

A Grécia mostrou, uma vez mais, a sua melhoria a nível internacional, ao empatar sem golos com a Hungria, em Budapeste.

Os gregos têm cinco pontos em cinco jogos e os húngaros parecem afastados da corrida para o primeiro lugar no grupo, pelo que a União Soviética, com dois pontos em dois jogos, se perfila agora como o maior adversário dos gregos.

Outro empate sem golos verificou-se em Viena onde a Áustria não conseguiu ultrapassar a sólida defesa belga. O vencedor real deste jogo do grupo 2 foi Portugal, porque muito embora a Áustria tenha assumido o comando da série (com seis pontos em cinco jogos) os rejuvenescidos portugueses têm um ponto menos, mas igualmente menos dois jogos.

Tanto a Áustria como a Bélgica jogaram uma partida inferior ao que se aguardava e o empate é o castigo para a sua má exibição, já que nenhuma merecia ganhar.

Os austríacos dominaram o meio-campo, mas mostraram-se demasiado lentos para ultrapassarem a defensiva belga. Mesmo assim, a selecção austríaca desfrutou de algumas oportunidades de marcar, sobretudo no primeiro tempo, por intermédio de Schachner e Krankl.

Na parte final desse período, foi a Bélgica que se lançou abertamente no ataque, obrigando os austríacos a reforçar a sua defesa.

No tempo complementar, a Áustria dominou, mas sem conseguir concretizar em golos esse domínio. Já perto do fim do encontro, o técnico austríaco substituiu Prohaska por Gasselich e Kreuz por Hintermaier, mas estes jogadores também não lograram desfeitar o guardaio belga.

Preud'Homme realizou uma boa exibição, tendo efectuado algumas difíceis defesas.

Sob a direcção do árbitro Hilmi Ok (da Turquia), as equipas alinharam:

Áustria: Koncilia, Robert Sara, Obermayer, Pezzey, Mirnegg;

Prohaska (Gasselich — 73 minutos), Hattenberger, Baumeister, Schachner, Kreuz (Hintermaier 79 min) e Krankl.

Bélgica: Preud'Homme, Gerets, Meewws, Broos e Renquin, Cools, Van Der Elst e Vandereycken, Vercauteren, Jacobs (Dardenne — 86 minutos) e Janssens.

A classificação do grupo 2 do campeonato europeu de futebol é agora a seguinte:

	J.V.E.D.	G.	P.
Áustria	5 2 2 1	7-5	6
Portugal	3 2 1 0	4-2	5
Bélgica	4 0 4 0	3-3	4
Escócia	3 1 0 2	5-6	2
Noruega	3 0 1 2	3-6	1

Próximo jogo no dia 9: Noruega-Portugal

ESPERANÇAS

A selecção de esperanças da Hungria venceu a Turquia (5-0) em jogo de futebol disputado em Zalaegerszeg (na Hungria Ocidental), a contar para o campeonato europeu da categoria. Os golos foram marcados por Tepszics (14 minutos), Schmidt (19, 58 e 62) e Nagy (90).

COM OLHOS NAS OLIMPIADAS

A selecção olímpica de Itália bateu ontem a sua congénere grega (4-0) passando à fase seguinte do torneio de apuramento para os Jogos Olímpicos de Moscovo. No primeiro encontro entre as duas equipas, a vitória tinha pertencido à Grécia (1-0).

Os italianos discutirão a qualificação para Moscovo com a Jugoslávia e mais uma vez com a Grécia.

As seleções da Holanda e da Espanha empataram (1-1) em jogo a contar para o grupo três do torneio de qualificação para os Jogos Olímpicos de Moscovo. Rubio (aos 36 minutos) marcou o golo da selecção espanhola e Graafland (aos 43 minutos) restabeleceu a igualdade.

«TAÇA DO REI»

Resultados dos jogos da primeira «mão» dos quartos de final da «Taça do Rei»: Alavés-Vallência, 0-1; Sevilha-Racing Santander, 2-1; Valladolid-Osasuna, 2-0. O Real Madrid-Saragoça disputa-se no domingo, dia 6. A segunda «mão» será disputada no dia 10.

CAMPEONATO BRITÂNICO

Resultados dos jogos ontem disputados a contar para o campeonato inglês de futebol da pri-

meira divisão: Aston Villa-Ipswich, 2-2; Nottingham Forest-Southampton, 1-0. Segunda divisão: Sheffield United-Blackburn, 0-1; Newcastle-Bristol Rovers, 3-0.

O Liverpool, campeão em 1977, assegurou praticamente o título para 1979. Contando 7 pontos de avanço sobre o 2.º classificado (West Bromwich), faltam-lhe 4 jogos para disputar enquanto que ao seu perseguidor faltam cinco. Assim, com um máximo de pontos a perder, em número de 8, o Liverpool quase se torna campeão com a sua vitória no Balton.

FESTA MILANESA

O estádio milanês de San Siro vestirá, no próximo domingo, as suas melhores galas, quando os adeptos do Milão festejarem o que consideram o seguro triunfo da sua equipa no campeonato italiano de futebol da primeira divisão.

O Milão, que leva quatro pontos de vantagem a duas jornadas do fim, receberá o Bolonha, uma das equipas mais seriamente ameaçadas pela descida de divisão e até os críticos mais prudentes consideram que não terá problemas para obter o ponto de que necessita para conquistar o título.

Na segunda-feira foram postas à venda as entradas para o Milão-Bolonha e hoje, a lotação já se encontra esgotada, ante os enormes pedidos dos adeptos milaneses, dispostos a assistir, em massa, à consagração da sua equipa.

BEIRA-MAR PERDE EM FRANÇA

Derrota (0-2) do Beira-Mar num jogo particular efectuado em França, com o Gogugnon.

MARÍTIMO VENCE

No Funchal, em embate particular, o Marítimo levou de vencida o União de Lamas (2-1).

ENTRE MARISTAS

Mais de cem jovens com idade inferior a dez anos participaram no torneio de futebol juvenil, promovido pelo Colégio Marista de Carcavelos, no âmbito das comemorações do Ano Internacional da Criança. O torneio foi ganho pela equipa «A» do Colégio Marista, a qual derrotou (1-0) na final a turma «B» do mesmo estabelecimento de ensino.

Participam também no torneio equipas das Escolas Primárias Eduarda Maria, Luisa Ligea, 31 de Janeiro e Bairro Mariana e dos Externatos «O Pinheirinho» e «O Cantinho».

Os senhores árbitros

O austríaco Erich Linemayer arbitrar a final da Taça dos Campeões Europeus a disputar entre o Nottingham Forest (Grã-Bretanha) e o Malmö (Suécia) em Munique, na República Federal Alemã, em 30 do corrente, anunciou a UEFA (União Europeia de Futebol).

Karoly Palotai (Hungria) será o árbitro da final da Taça de Vencedores de Taças, em que o Fortuna de Dusseldorf (RFA) defron-

tará o Barcelona (Espanha) em Basileia, na Suíça, em 16 deste mês.

O escocês Ian Foote será o juiz da primeira «mão» da final da Taça UEFA, em Belgrado, em nove próximo, entre o Estrela Vermelha (Jugoslávia) e o Borussia Moenchengladbach (RFA). O árbitro do jogo da segunda «mão», a efectuar em Dusseldorf, em 23 deste mês, não foi ainda nomeado.

Mundial em Carcavelos: golos em colóquio

A Sociedade Recreativa Musical de Carcavelos promove, hoje, na sua sede em Carcavelos, a partir das 21 horas, a projecção da final do campeonato do mundo da Argentina, entre a Holanda e a equipa anfitriã, além da exibição dos melhores golos da competição.

Seguidamente, terá lugar um colóquio em que participarão o treinador do Belenenses (António Medeiros) e o jornalista Neves de Sousa, nosso camarada de Redacção.

FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL

SELECÇÃO É PRÁTICA E ECONÓMICA

Golo do costume lá vai chegando

A selecção portuguesa de futebol venceu a equipa holandesa do Feyenoord, por 1-0, no jogo de preparação para o Campeonato da Europa, ontem disputado no Estádio da Luz em Lisboa. O golo foi apontado por Alves, na transformação de uma grande penalidade, aos 56 minutos de jogo. Assistiram à partida 30.000 espectadores que deixaram na bilheteira cerca de 1500 contos.

Portugal venceu pela segunda vez, no espaço de uma semana, pelo mesmo resultado, a turma do Feyenoord, segunda classifi-

A turma holandesa jogou o futebol, que mais convinha a Portugal num jogo-treino. Remeteu-se à defesa, cobrindo com acerto os avançados, num misto de marcação à zona e ao homem, tentando o golo apenas em contra-ataque.

A selecção portuguesa cedo demonstrou uma tática vinicamente atacante, com três homens metidos na defesa contrária (Oliveira, Gomes e Nené) e com os defesas laterais (Bastos Lopes e Alberto) a acompanhar de perto o trio do meio-campo (Alves, Pietra e Costa).

Como os holandeses cobriam

bem os avançados contrários, os portugueses recorreram a remates de longe para criar embaraços ao guarda-redes Treytel.

O primeiro sinal de perigo ocorreu aos 10 minutos, mas o remate (forte) de Pietra, saiu por sobre a barra. Dois minutos depois foi a vez de Nené disparar à figura do guardião holandês.

Aos 25 minutos de jogo, o árbitro António Garrido perdoou uma grande penalidade aos holandeses, quando Stafleu rasteirou Costa dentro da grande área.

Após o intervalo, o futebol dos portugueses perdeu clarividência, já não se assistindo aos

mesmos passes e triangulações nem às mesmas situações de perigo, exceptuando um remate de Gomes, que Wyalvstekers salvou dentro da pequena área e uma perda de Nené, a passe de Oliveira.

O golo de Portugal, obtido na transformação de uma grande penalidade, foi contestado pelos holandeses, mas Garrido, desta vez, resolveu sancionar a falta de Stafleu sobre Oliveira.

Constituição das equipas:
PORTUGAL: Bento; Bastos Lopes (Artur, aos 56 m), Humberto, Eurico e Alberto; Pietra, Alves e Costa (Chalana, aos 77 m); Oliveira, Gomes e Nené.

FEYENOORD: Trytel; Wyalvstekers, Stafleu, Riderhof e Von Deiksen; Troost, Ivotten, Budding e Van Der Lem (Melis, aos 45 m); Petersson e de Leeuw.

Árbitro: António Garrido (Portugal).

Por banda do grupo nacional, destaques para Alves, Oliveira, Eurico, Costa, Humberto e Alberto. Aplausos especiais (da plateia) para a entrada de Artur e Chalana. Pequenas lesões em Oliveira, Costa, Bastos Lopes e Pietra, mas nada de grave porque (segundo o dr. Camacho Vieira) «estarão em condição de poder actuar em Oslo, na próxima semana.»

Luis Filipe, 13 anos, menino de côr

Um petiz de 13 anos, mocinho de cor que dá uns pontapés na bola entre os iniciados do Povoense e teve a honra de vestir a camisola da selecção no embate de 1 de Maio, com a turma tricolor da categoria, pode gabar-se de já andar nas palminhas das mãos de importantes dirigentes clubistas.

Quase que a despedir-se do bibe e dos calções, o menino Luis Filipe sente-se pessoa mais que importante, um precoce verdadeiro «vip» no conturbado e enevoado sub-mundo das repticias promessas e das serpenteadas tentações que fazem de estudantes mais ou menos aplicados futuros profissionais de futebol e, uma dúzia de anos decorrida, marginais do aplauso e da ovação, bolso vazio e olhar sem brilho, meta ultrapassada em carreira louca que fenece ao sol que derrete as estatuetas de neve.

Luis Filipe é extremo. Ponta-direita cheio de habilidade. Benfica e Sporting, Sporting e Benfica, já andam doidos pelo menino: tal como aconteceu, ciclicamente, com outros meninos que poderiam não ser Luis nem Filipe mas, de certeza, também davam dois pontapés com jeito na esferinha de couro.

Luis Filipe (repita-se: 13 anos) já colocou a assinatura num compromisso com o Sporting. Mas o vizinho-rival-de-peito veio da Luz para explicar ao garotinho que essa assinatura não vale nada e que, se os papás derem um jeito (\$\$\$) Luisinho poderá ir para a Luz. Uma assinatura não vale nada.

O pequeno parece ponderado: quer, por enquanto, que lhe paguem os estudos, as passagens e uns trocados como prémios de jogos, provavelmente para uma fatiota à Travolta. Não é exigente, não sabe ainda abrir a boca: tem uma vida à sua frente para precisar de luvas muito antes do Inverno. Apenas o que não se pode adivinhar é se, pelo tempo fora, muitas outras assinaturas suas valerão tanto como papel branco, se a mala da escola vai tornar a ser aberta, se o Outono chegará ainda antes de ele poder ir de automóvel para um estádio.

NEVES DE SOUSA



Alves: luvas prestas com a bola

cada do campeonato holandês da primeira divisão. Depois de um triunfo (por 1-0) com golo de Oliveira, ocorrido na última 4.ª feira, em Roterdão, a selecção de Portugal voltou a repetir a vitória, agora com tento de Alves. Ambos os jogos se englobavam nos trabalhos de preparação da turma portuguesa, com vista ao encontro com a Noruega, marcado para o próximo dia 9 em Oslo.

Ao invés do que sucedeu em Roterdão, onde Portugal jogou numa toada de contra-ataque, o jogo de Lisboa revelou uma turma nacional totalmente virada para o ataque, criando várias situações de golo: mas a falta de talento dos avançados, sobretudo de Nené, impediu que o triunfo fosse mais dilatado.



Em cima: Eurico, Bento, Alberto, Bastos Lopes, Oliveira e Humberto Coelho. Ajoelhados: Nené, Gomes, Pietra, Alves e Costa



Nené e Oliveira: infrutífero disparo do benfiquista

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 37, DE 6 MAIO 79

Boa Nova, 1x2 111 211 212x; A Comarca de Arganil, 122 11x 21x 112x; Cavalgada do Ritmo, 112 111 211 2121; Rádio Totonbola, 1x2 1x1 x11 x121; Correio de Coimbra, 1x1 111 211 21x1; Correio do Vouga, 122 1x1 211 1121; Diário de Coimbra, 112 111 211 11x1; Diário de Lisboa, 122 11x 211 xx21; Correio da Manhã, x22 11x 211 xx21; Ecos de Cacia, 11x 111 121 1121; Estrela da Manhã, 112 11x 211 x12x; Eu Sei Tudo, 111 111 2x1 x12x; Jornal de Gaia, 11x x11 x11 x121; Folha do Domingo, 1x2 11x x11 11xx; Gazeta das Caldas, 1x1 11x212 11x2; Jornal da Beira, 1x2 111 211 1121; O Jornal de Felgueiras, 1x2 111 211 x121; Jornal de Sintra, 1x1 111 2x1 1122; O Jornal da Lixa, 1x2

111 211 x1xx; Linhas de Elvas, 1x1 111 21x x1x2; Litoral, 11x 11x x11 11x1; Maria da Fonte, 1x2 11x 211 x1x1; Mundo Desportivo, 112 111 xx1 1x21; Notícias de Évora, x1x 111 x11 x121; Notícias de Felgueiras, 1xx 1xx 111 xxx1; Notícias de Gouveia, x11 21x 121 1111; Notícias de Guimarães, 122 111 111 x12x; A Ordem, 11x 212 x11 1x22; Reconquista, 122 11x x11 1x2x; RDP-Seção Desportiva, 1x2 11x x11 x121; Grafonola Ideal, 1x2 x1x 21x 112x; A Voz do Domingo, 1xx 111 211 1121; Voz de Lamego, x12 1x1 1x1 1122; A Voz de Palmela, 12x 1x1 121 x111; Alvo Desportivo, xx2 x1x x11 x12x; Auto Rádio, 122 22x 1x2 2221; O Comércio do Porto, 1xx 111 x11 1121; Estúdio 64,

112 212 122 1121; Manchete Desportiva, 122 111 111 1121; Penalt, 12x 111 x11 1211; Placard Desportivo, 1x2 222 122 1221; O Primeiro de Janeiro, x22 11x x11 x121; Rádio Alvo, 1xx 211 211 2xx1; Panorama, 212 2x2 222 22xx; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Rádio Sports, 11x 111 x11 x121; Repórter do Dia, 1x2 111 211 11x1; O Diabo, 112 111 211 1111; O Comércio de Leixões, 122 111 x11 x12x; Jornal da Graça, 111 111 211 1122; Programa Sem Nome, 212 1x1 21x 11xx; Quadrante Desportivo, 1x2 211 211 x122; Quadrante Norte, x2x 21x x11 1121; Resenha Desportiva, 1x2 xx1 x11 11x2; A Voz dos Ridículos, 1x1 1xx x11 x12x; Defesa de Espinho, 112 x11 111 12x1.

	RESUMO			BOLAS		(a)
	1	X	2	1	2	
1. SALGUEIROS - LOUROSA	48	7	1	10	1	
2. CHAVES - FAFE	20	23	13	4	3	
3. A. LORDELO - RIOPELE	9	13	34	2	7	
4. ALBA - ÁGUEDA	42	5	9	9	2	
5. U. COIMBRA - COVILHA	45	9	2	9	1	
6. PORTALEGRENSE - FEIRENSE	34	18	4	7	1	
7. PENICHE - U. LEIRIA	12	18	26	2	0	
8. O. BAIRRO - U. TOMAR	45	5	6	10	1	
9. C. U. F. - "O ELVAS"	47	4	5	10	1	
10. FARENSE - MONTIJO	29	21	6	6	1	
11. ALMADA - SACAVENENSE	44	7	5	9	1	
12. SEIXAL - PORTIMONENSE	5	16	35	1	0	
13. S. RILHENSE - OLHANENSE	34	13	29	7	0	

a) Nos termos do Art.º 149, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica...

1x2 111 211 1121

ROTEIRO CULTURAL

Não faltam coisas a ver e a ouvir, neste momento, em Lisboa. No sector das belas-artistas, por exemplo, nada mais nada menos do que duas exposições de obras de Nadir Afonso a quem este Roteiro já fez numerosas referências. Na S. Mamede, agora ampliada e melhorada (tal como está, esta galeria é uma das melhores da península) continuam em exposição as últimas telas deste pintor de Chaves que trabalhou com Corbusier e com Niemeyer antes de se dedicar definitivamente à pintura. Como era de esperar, a exposição tem sido visitada por centenas de pessoas e a litografia posta à venda para comemorar o acontecimento tem-se vendido «como pão quente» (que os leitores deste Roteiro perdoem a expressão, que reconhecemos não ser muito ortodoxa...). Na Tempo, outra exposição de Nadir Afonso, esta constituída por obras mais antigas deste pintor. Embora entendamos que o ambiente português ainda não justifica que se efectuem duas exposições simultâneas do mesmo pintor — quem sabe se isto não será, até, prejudicial? — julgamos que os amantes de pintura têm tudo a ganhar em comparar as telas expostas na Tempo às expostas na S. Mamede para fazerem uma ideia da evolução de Nadir

Afonso. Esta evolução é de tal forma evidente que dispensa comentários...

Lisboa, com os seus telhados, as suas vielas e o seu casario, continua a fascinar os artistas que «vivem a cidade». A última conquista de Lisboa chama-se Janina Slater, é inglesa e trabalha na Embaixada de Inglaterra. Aquarelas e desenhos à pena de Janina Slater estão em ex-

cuja existência ninguém se apercebera. Tal como Bote-lho, Janina Slater foi conquistada por certos aspectos da cidade e os seus desenhos transmitem o clima de uma Lisboa que, aqui e ali, ainda é diferente das restantes cidades europeias. É muito difícil — reconhecemo-lo — traçar as fronteiras que separam o «desenho citadino obra de arte» do desenho «souvenir de cidade visitada». As centenas de desenhos de Lisboa



A «Carruagem Solar» do escultor polaco Vladislav Hasior

posição na Galeria de «O País» e quem lá vai não pode deixar de ficar expantado ao deparar com a obra de uma artista «madura» e sensível de

que se vendem nas casas de fado e nas lojas de «recordações» demonstram o que pretendemos dizer, já que exploram sistemática e estereoti-

padamente o pitoresco turístico sem aprofundarem aquilo que distingue as cidades umas das outras: o seu clima humano. Curiosamente, Janina Slater escapa a esta pecha e os seus desenhos não têm nada de «turístico». Antes pelo contrário: ultrapassam o superficial e o pitoresco para nos darem uma visão real de Lisboa, mesmo quando o tema é um detalhe da cidade. Dedicada à divulgação de artistas de qualidade ainda desconhecidos do grande público, a Galeria de «O País», que Mário de Oliveira dirige, acaba de prestar mais um serviço com esta exposição de Janina Slater.

O acontecimento do dia, no sector das belas-artistas, é, sem sombra de dúvida, a inauguração da exposição de escultura polaca contemporânea na Galeria de Exposições Temporárias da Gulbenkian. Figuras nesta exposição 146 obras de 16 dos artistas mais representativos da Polónia. Trata-se de um acontecimento que ninguém deverá perder e que vai, certamente, contribuir para que o público português conheça melhor a arte de um país milenário cuja arte é das mais ricas da Europa Central. Da exposição faz parte uma panorâmica fotográfica da moderna escultura polaca.

Rui Mário Gonçalves estará hoje na Quadrum para iniciar um ciclo de quatro palestras sobre o tema «Olhar e ver, comunicação e expressão, a linha, a cor, a forma, o espaço, a figura, o signo e outros elementos da lingua-

gem pictórica. O problema do abstraccionismo.» Parece-nos inútil referir o interesse desta série de conferências certamente destinadas a encherem a Quadrum de gente interessada. Mais uma iniciativa de uma galeria que não se tem poupado a esforços para enriquecer a vida artística da cidade.

No sector teatral, há muitas coisas a registar. Para começar, a chegada, a Lisboa, da peça «15 rolos de moedas de prata», de Gunther Weisenborn, que tem andado em digressão pelo País e que o Centro Cultural de Évora levou a Madrid. Mário Barradas, que encenou esta peça, diz que a mesma foi um pretexto para um exercício de que a companhia precisava, o que é, certamente, correcto.

A forma como ela tem sido acolhida em toda a parte revela, por outro lado, que o País também precisava deste exercício.

Outro acontecimento teatral previsto para hoje, é a projecção do filme «A Promessa», de António Macedo, na Sociedade Portuguesa de Autores. Trata-se de um filme sobre a peça que Bernardo Santareno escreveu em 1957 (devíamos, para ser rigorosos, dizer «a magnífica peça que Bernardo Santareno escreveu em 1957») e que é um marco na história do teatro moderno português. A exibição integra-se no ciclo «Teatro Português no Celulóide» que SPA tem em curso.

É de admitir que estreie amanhã, na Casa da Comé-

dia, a peça «Faz Tudo», que Filipe La Faria escreveu a partir de «Augusto, Augusto, Augusto», de Pavel Kohout. José Cardoso Pires regressou a Londres depois de uma estadia (curta) em Lisboa, que aproveitou para assistir a ensaios da sua peça «O Corpo-Delito na Sala de Espelhos», cuja estreia está prevista para o dia 15, no Teatro Aberto. Começam hoje os testes para os figurantes do «Hamlet» que subirá à cena no S. Luís.

Charles Duforr, presidente da Assembleia dos Directores dos Institutos Universitários de Tecnologia, profere hoje, às 15.30, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, uma conferência intitulada «O ensino superior de curta duração em França».

O professor Mahmud Sobhe profere hoje uma conferência sobre «O Drama Palestino através da literatura árabe», na Casa do Algarve, às 21.30. Em Coimbra, o professor da Universidade de Rennes, Jean Thoraval, falará, às 21.30, nas instalações da Aliance Française, sobre a evolução do romance francês.

Para terminar o nosso Roteiro de hoje, uma notícia sobre música. Para começar, Alberto Lysy (violino) e Helena Costa (piano) dão um concerto hoje, às 18.30, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. Serão interpretadas obras de Bach, Cesar Frank, Ernest Bloch, Manuel de Falla, Ravel e Smetana.



Guilherme Augusto Leone Soutello

MISSA 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Mulher e filhas participam que amanhã, dia 4, pelas 19.30H, na Igreja de S. Domingos de Benfica, será celebrada missa de sufrágio. Desde já agradecemos reconhecidamente a todas as pessoas que se dignarem assistir, e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à última morada, ou que de qualquer modo manifestaram o seu pesar.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado e o vento era fraco ou moderado de Norte

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	8°
VILA REAL	11°
PORTO	10°
P. DOURADAS	7°
COIMBRA	10°
PORTALEGRE	13°
LISBOA	13°
ÉVORA	13°
SINES	12°
BEJA	12°
SAGRES	14°
FARO	17°
P. DELGADA	15°
FUNCHAL	15°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.53 3,1 m	1.03 1,7 m
20.18 3,2 m	13.19 1,8 m
DIA 4	
9.02 3,0 m	2.15 1,8 m
21.31 3,1 m	14.37 1,9 m
DIA 5	
10.19 3,0 m	3.39 1,8 m
22.45 3,2 m	16.02 1,9 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado, vento fraco ou moderado de Norte.



NASCE ÀS 6.36
OCASO ÀS 20.31



rádio

1.º PROGRAMA

17.00: «Trajectória» (Programa de juventude); 19.00: Música Portuguesa; 19.30: «Jornal da Noite»; 20.00: Música Variada; 21.00: 27.º episódio do Folhetim «A Passagem», original de Judite Navarro; 21.20: «Programa da Noite»; 22.30: «Forma e Conteúdo» (Quotidiano das artes e das letras); 24.00: «Último Jornal»; 00.00: «Vida na Noite» (RDP/NORTE)

2.º PROGRAMA

16.00: «Cenas do Fausto de Goethe», de Schumann; 18.05: Música de vanguarda: obras de Penderecki — Capricho para violino e orquestra; — «Emancipação», por Naipes de Cordas da Orquestra Sinfónica da Rádio Polaca, dir. pelo autor — Partita para cravo e orquestra; 18.45: Duas sonatas do padre António Solar; 19.00: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20.00: Música de Bailado: Concerto Grosso em Sol Menor, op. 6 n.º 6, de Handel — «O Burgo fidalgo», op. 60, de Strauss; 21.00: Efeméride: a 3 de Maio de 1856, morre em Paris Adolphe Adam — Seleção do Bailado «Giselle»; 21.48: «Canto a Sevilha», de Turina; 22.30: O pianista Aldo Ciccolini interpreta obras de Erik Satie; 23.00: «Te Deum» op. 22, de Berlioz; 23.55: a pianista Martha Argerich — Sonata em si menor, de Liszt — Concerto em sol p/piano e orquestra, de Ravel; 00.45: Seis danças alemãs K. 600, de Mozart; 01.00: Fecho.

RÁDIO COMERCIAL - (290m)

17.03: Contacto; 17.40: «Contacto com a música»; 18.45: «O Mundo da Fórmula 1»; 19.10: «Retrospectiva»; 19.45: «Teatro Trágico» (com: Paroquianos de Lisboa); 20.00: Quando o telefone toca; 20.33: Cartaz; 21.00: Mensagens bíblicas; 21.20: Diálogo; 21.33: Quando o telefone toca; 22.33: O tema é...; 23.00: Projectão; 23.30: Jornal Notícias.

EMISSION ESTEREOFÓNICA

15.03: Rock em stock; 18.03: Hora de ponta; 19.00: Em órbita; 21.03: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

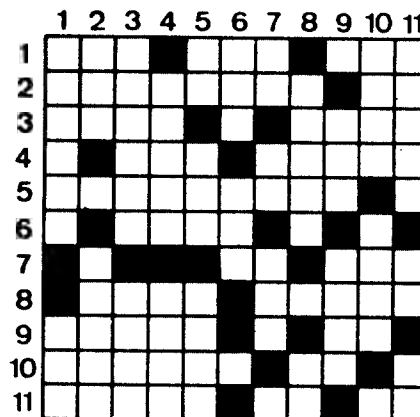
18.08: Apelos; 18.15: Igreja em notícia — Palavra do dia; 18.30: Transmissão do Terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de RR; 20.00: Objectivo; 20.53: Apelos; 21.05: Espaço musical; 21.30: Ao encontro da Grande Música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas Vivos; 23.55: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 326

HORIZONTAIS:

- 1 Graça. Bondoso. Possui.
- 2 Prevenira. O lado do vento.
- 3 Ramalhete. Tempo do verbo ser. Épocas.
- 4 Interjeição usada para obrigar os distraídos e os teimosos a tirar o chapéu nos teatros. Pecado.
- 5 Despertaria.
- 6 Artigo definido. Sadios.
- 7 Prefixo de negação. Pronome relativo.
- 8 Cada uma das pessoas da SS Trindade. Tolera.
- 9 Tépidio. Em partes iguais.
- 10 Loucos. Plural.
- 11 Moves os remos. Boro (sq). Oferece.



VERTICAIS:

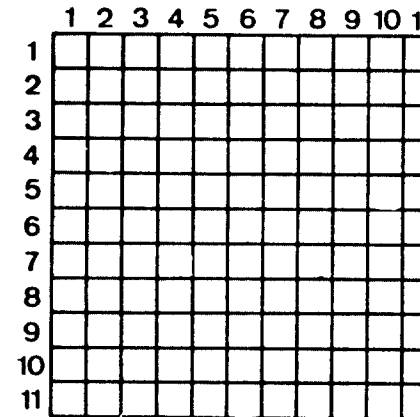
- 1 O mesmo que azinheira (planta). Maior.
- 2 Antiga capital da Birmânia. Venera.
- 3 Asseados. Estavam.
- 4 Costumara. Besunta.
- 5 Bário (sq). Graúdo. Ecoes.
- 6 Rezo. Agarra.
- 7 Miriare. Crómio (sq). Conjunção.
- 8 Sensata. Rio de Itália.
- 9 Estero. Pronome relativo.
- 10 Prendem com elos. Transparente.
- 11 Jornalista brasileiro fundador com Irineu Marinho de O Globo (1925), exerceu a presidência da Associação Brasileira de Imprensa de 1931 a 1963. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Em a.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8386

HORIZONTAIS:

- 1 Botequim. Asa do nariz.
- 2 Superfície plana delimitada. Anual.
- 3 Fora para fora. Fio de latão.
- 4 Língua do grupo voltaico (do Sudão e da Guiné) espalhada entre Sansanné-Mango e Sokodé. Ruim. Estimar.
- 5 Guarneciu de asas. Minara.
- 6 Freguesia do concelho de Loulé.
- 7 Trituravas.
- 8 Solitário. Item. Serra de Portugal.
- 9 Classe de tropa. Chega.
- 10 Alternativa. Corais.
- 11 Cures. Vá para fora.



VERTICAIS:

- 1 Bordão. Brotas.
- 2 Lavrais. Maior.
- 3 Que tem reima. Maior.
- 4 Clima. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ahl oh! Cidade da Alemanha.
- 5 Antes do meio dia. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
- 6 Nota musical. Ver.
- 7 Eial Caminhar. Solitários.
- 8 Falhas. Capital do Tibete, à beira do Quixú.
- 9 Requite ou cordão metálico que guarnecia, pela frente, uma peça de vestuário, de um lado a outro da abotoadura. Filtra.
- 10 Oceano. Gastava.
- 11 Realizar. Chefe etíope.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 325

- #### HORIZONTAIS:
- 1 CADA. QUAL. É.
 - 2 Cabo. Reunio.
 - 3 Cota. Airi.
 - 4 Onram. Aco.
 - 5 Má. Rias. Ao.
 - 6 Torras. Ar.
 - 7 Bataga. Cré.
 - 8 Dama. Pó.
 - 9 Enara. Garlo.
 - 10 Riscases.
 - 11 AAA. Azo.

- #### VERTICAIS:
- 1 COMO. DEUS.
 - 2 Acora. Bar.
 - 3 Data. Tâmara.
 - 4 Abarrotaria.
 - 5 O. Aire. Asa.
 - 6 Amargo.
 - 7 Uri. Saá. Gaz.
 - 8 Área. Pás.
 - 9 Luisa. Corsa.
 - 10 Coar. FEZ.
 - 11 Eco. Recoso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8385

- #### HORIZONTAIS:
- 1 Avis. Irás.
 - 2 Coro. Airada.
 - 3 Amamar. Es.
 - 4 Grá. Mor.
 - 5 Ia. Cia. Zara.
 - 6 Passa.
 - 7 Cortávamos.
 - 8 Morta. Anoso.
 - 9 Latada. Irás.
 - 10 Rogos. Má.
 - 11 Vaso. Amiga.

- #### VERTICAIS:
- 1 Ac. Giz. Mi.
 - 2 Voara. Coara.
 - 3 Irra! Portos.
 - 4 Som. Cartago.
 - 5 Alistado.
 - 6 Iam. Asa. Asa.
 - 7 Riam. Ava.
 - 8 Arroz. Animo.
 - 9 Sa. Rá. Moral.
 - 10 De. Osa.
 - 11 Pasta. Soia.

Provérbio: CADA QUAL É COMO DEUS O FEZ.

Lisboa

Permanente

PINTO - Rua de Campolide, 11 (Amoreiras - Campolide); **IDEAL** - Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (Areeiro - Apeadeiro); **ALVES DE CARVALHO** - Rua Vale St.º António, 7-9 (Caminhos de Ferro); **TANARA** - Rua Rodrigo Reinel, 3-A (Encosta Restelo - Moínhos); **CAPUCHOS** - Rua Luciano Cordeiro, 2-A (Hospital Capuchos); **INFANTE SANTO** - Rua Olival, 290 (Pampulha); **SAO BENTO** - Rua Poais de S. Bento, 73 (Poço dos Negros); **SALDANHA** - Av. Praia da Vitória, 53-55 (Saldanha); **ROMANO BATISTA** - Rua Passos Manuel, 6-10 (Santa Bárbara); **CANTO** - Est. Laranjeiras, 202-B (Sete Rios); **MONSERRE** - Rua Guilherme G. Fernandes, 31-A (Odivelas); **PONTINHA** - Est. Santo Elói, 4 lote SE (Pontinha).

Reforço

ARNALI - Rua Escolas Gerais, 88-A (Alfama); **TAPADA** - Calçada da Tapada, 83-A (Alto Santo Amaro); **BELO** - Av. Roma, 53-A (Alvalade); **PROGRESSO** - Est. A-da-Maia, 64-C (Benfica - Port. de Benfica); **NEOTERAPIA** - Campo Grande, 138-140 (Campo Grande); **FINDOR** - Rua D. Maria Pia, 514-516 (Campo de Ourique); **VITALIS** - Rua Morais Soares, 69-C (Chile - Alto S. João); **JANEIRO** - Av. Alvaros Cabral, 96-100 (Liceu Pedro Nunes); **ANTUNES ROSAS** - Praça Cidade do Luso-Lote 199 (Olivais Sul); **SOC. HIGILUX** - Rua Pedrouços, 50-52 (Pedrouços); **MARLUZ** - Calçada da Picheleira, 140-B-C (Picheleira); **ESTACIO** - Rossio 60-63 (Rossio); **TAVARES DE MATOS** - Rua 8 lote 308 (Branda); **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro, 6-A (Barraca); **NOVA** - Rua Acores, 11-A (Olivar Basto); **MATOS** - Trav. Prioras (Viv. Morgadinho) (Prior Velho).

Outra Banda

ALMADA - Galeão - R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2780665); **COVA DA PADEIRA** - Carqueja Afonso - P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 2750254); **LARANJEIRO** - A. Araújo - Laranjeiro de Fora; **COSTA DA CAPARICA** - Higienica - Av. da República, 23 (Telef. 2400020); **SEMIPIRA** - Lote - Av. da Liberdade, 13 (Telef. 2233471); **BARREIRO** - Avenida - Av. Alfredo Silva, 88 (Telef. 2073212); **SEXAL** - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560); **AMORA** - Matos Lopes - R. 1.º de Maio, lote 401 (Telef. 2215355); **MONTUJO** - Diogo - R. Almirante Reis, 50 (Telef. 2310032); **MOITA** - União Moitense - Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 2390255); **ALHOS VEDROS** - Guarnição - R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020); **ALCOCHETE** - Gameiro - L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100).

Linha de Cascais

ALGÉS - Miramar - R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 2112048); **ALCABIDECHÉ** - Carvalho - Até às 21 horas;

PORTO SALVO - Ferreira Bastos Até às 21 horas; **CAXIAS** - Nova R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Telef. 242839). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS** - Central - Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS** - Vilar - Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Sabóia, 29-B (Telef. 260085). Até às 21 horas; **OEIRAS** - Alcântara Guerreiro - P. Residencial Dr. Augusto Castro, lote 10 (Telef. 2430691). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS** - Leal - Até às 21 horas; **PAEDE** - Brandão - Av. da República, 77-C (Telef. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAEDE** - Junqueiro-Mendes - Até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - (Telef. 262313-267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL** - Ostende - R. de Espinho, 1 (Telef. 260391). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS** - Marginal - Av. Marginal (Telef. 280078). Até às 21 horas; **Nova** - Est. Alvide-Fontainhas (Telef. 281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA - Nova - R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530). Permanente - **Cavaca** - R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019). Até às 22 horas; **DAMAIA** - Demais - P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523); **QUELUZ** - Zeller - R. da República, 83 (Telef. 950045); **CAMARATE** - Batalha - R. Avelino S. Oliv., 5 (Telef. 2518669); **CACÉM** - Garcia - Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181); **MEN MARTINS** - Miranda Garcia - Est. Mem Martins, 173-B (Telef. 2914103). Até às 24 horas; **AGUALVA** - Cacém - Mira Sintra-P. N. Torre, 310. Até às 20.30 horas; **MERCES** - Claro Russo - Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro - Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Telef. 2960194). Permanente; **SINTRA** - R. Mendes Estefânia (Telef. 2930632). Permanente; **COLARES** - Abrejo (Telef. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CANAVARRO - Rua da Restauração, 53. Tel. 60754; **CONSTITUÇÃO** - Rua da Constituição, 93. Tel. 490813; **FEREIRA DE CARVALHO** - Rua do Bonjardim, 354. Tel. 27640; **PADRÃO** - Rua de Santo Ildelfonso, 342. Tel. 52149; **RAMOS** - Praça do Exército Libertador, 91. Tel. 64935; **PARENTE** - Rua das Flores, 114. Tel. 21611; **SANIL** - Rua do Paraíso, 214. Tel. 23935; **MOURA** - Rua do Bomfim, 582-A e B.

(De dia e toda a noite)

FIGUEIREDO Ld - Rua de Cedofeita, 125. Tel. 21620; **BOUSA SOARES** - Rua de Santa Catarina, 141. Tel. 22145; **VITÓRIA** - Rua de S. Roque da Lameira, 756. Tel. 52225.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

UNIVERSAL - Praça 8 de Maio, 35. Tel. 22744.

abcINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A - 18 ANOS
14.30-16.30-18.30 21.30 e 23.45h
A INVASÃO DOS VIOLADORES
c/Donald Sutherland

SALA B
14.45-17-19-21.30 e 23.45h
O REGRESSO DOS HERÓIS
N. ac. men. 13 a.

ALVALADE 897480

Av. de Roma

AMARGURA DE DUAS ALMAS
Com: Shammí Kapoor, Hema Malini, Rajes Khanna, Simmi Garewal
Não acons. men. de 13 anos
Sessões às 15, 18, e 21 Horas

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James
Manson em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias
às 23.30 horas
N. ac. men. 13 anos
AMERICAN GRAFFITI

AVIS 547163

Av. Duque D'Avila, 45

As 15.30, 18.30, 21.30
N. ac. men. 18 anos
Um grito de revolta que a violência do
cativoiro abafou!
SEMENTE NEGRA
com Darko Damevski
e Aco Javanovski

BERNA 776098

Av. Marques de Tomar

As 13.30, 16.15, 19.00 e 21.30 h
Robert Powell, Anne Bancroft e Ernest
Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
Primeira parte
Um filme de Franco Zeffirelli
Para todos - Colorido

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30
Para todos
QUE SE LIXE A TAÇA
Colorido
um filme de Michel Ritchie

CASTIL 580194

Rua Castilho

15.30, 18.30 e 21.30 h
Juntos Conseguiram o Impossível
CASTELOS DE GELO
uma comvente história de amor de
Donald Wrye
(não acons. men. 13 anos)

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B

Int. men. 18 anos
As 12.30, 14.30, 16.45, 19, 21.30 h
A nova dimensão do romantismo na
história íntima de uma mulher
«A HISTÓRIA DE JOANA»
Pornográfico

As 24 h. Não acons. men. 18 anos
OPERAÇÃO SELVAGEM

CINE CAMÕES 324194

Rua de Loreto, 15

As 14.15, 16.30 e 21.30
A VINGANÇA DE UMA IRMÃ
Não acons. men. 13 anos
As 18.45
Int. men. 18 anos
DOCES PENETRAÇÕES

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19, 21.30
Um filme sensacional!
«OS DESERTORES»
com Russ Thacher - Brad Sullivan
Int. men. 18 anos

As 23.45
O LADRÃO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19, 21.30 h
Int. m. 13 anos
A revelação do ano
Farrah Fawcett-Masac
ALGUÉM MATOU O MARIDO DELA
Ou a pior maneira de começar a amar!

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés

As 15.30 18 e 21.30 h
INTRODUÇÕES
Int. men. de 18 anos

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial - Damais

Hoje às 21.15
O HOMEM DA JAMAICA
Int. men. 13 anos

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30
N. ac. men. 18 anos
MANNAJA
O CAVALheiro SOLITARIO
Um filme de Sergio Martino
Eastmancolor

ESTÚDIO 555134/5

Av. Afonso Henriques, 35

15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
O GENERAL DI AMIN DADA
era... o maior chefe de Estado do
Mundo (1,96m e 110kg)
Um filme de Barbet Schroeder
Amanhã não há espectáculos

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83

15.30, 18.30, 21.30
Int. men. 13 anos
ALGUÉM MATOU O MARIDO DELA
com Jeff Bridges e John Wood
(O filme começa 5 minutos após o início
da sessão)

EUROPA 551016

R. Almeida e Sousa, 35

2 sessões 15.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
No drama e no desespero, o encontro
com a vida!
AMARGURA DE DUAS ALMAS
Shammí Kapoor e Hema Malini
As 18.15 Horas
QUINTA-FEIRA À TARDE
Não acons. men. 15 anos
Breve encontro com Sofia Loren e Ri-
chard Burton

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15 18.30, 21.30
Não conc. men. 13 anos
O mais espectacular acontecimento da
história do cinema - Marlon Brando
Gene Hackman e Christopher Reeve
SUPERMAN
11m filme de Richard Donner
Amanhã não há espectáculos

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Estreia às 21.30
Não acons. men. 18 anos
O AMOR VIOLADO
Colorido

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Hoje e amanhã
3 sessões às 15.15, 18.15 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
UMA VIDA UM DESTINO
Jeetendra, Sanjeev Kumar
e Reena Roy

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

As 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O MISTÉRIO DE AGATHA
Hustin Heifan
e Vanessa Redgrave

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
AS HORAS DE MARIA
Um filme de António de Macedo

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7

15.15 e 21.30 Um filme de guerra em-
polgante
CAÇA ZERO TERROR NO PACIFICO
Com: Hiroshi Fujioka e Tetsuro Tamba
Não acons. men. 13 anos

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 e 20

As 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
AMANTE MUITO LOUCA
Um filme brasileiro com os ídolos da TV
Teresa Rachel, Setpan Nercessian e
Jo Soares
4.ª semana

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14.45, 16.30, 18.45 e 21.30
N. ac. men. 18 anos
OS COMANDOS DA MORTE
7.ª semana

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º Antão

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
O PORTEIRO DA CAIXA
Um filme de Joe D'Amato

QUARTETO 771378

R. Flores do Lima, 18

SALA 1
As 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30
N. ac. men. 18 anos
SEGUNDA DIMENSÃO
SALA 2
As 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30
Int. men. 13 anos
O XERIFE
SALA 3
As 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30
N. ac. men. 18 anos
CAVALHEIROS DO ASFALTO
SALA 4
As 15, 17, 19, 21, 23 h
Int. men. 13 anos
DUAS MULHERES EM NEW YORK

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

As 15.30 e 21.30h
ENFERMEIRA DE GRITOS
Não acons. men. 18 anos

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB

As 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. m/18 anos
Uma aventura explosiva!
OS RAPAZES DA COMPANHIA C
O verdadeiro Vietnam!
3.ª semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Sessões às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
MANNAJA
O CAVALheiro SOLITARIO
Um filme de Sergio Martino
Eastmancolor
Não Aconselhável a Menores de 18
anos

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

Hoje às 21.30 estreia
Não acons. men. 18 anos
EQUUS
de Sidney Lumet
2 Globos de Ouro
As 15.15 e 18.30
Últimas exhibições
A INVASÃO DOS VIOLADORES

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões: As 15.00, 17.00, 19.00,
21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Jean Renoir
A REGRA DO JOGO
Marcel Dario, Nora Grégor e Roland,
Toutain
Um filme de qualidade 2.ª semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 14.30, 16.45, 19 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
a melhor comédia do ano!
A GRANDE CARRAPATA
15.ª semana
co Pierre Richard

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. ac. men. 13 anos
CALIFORNIA SUITE
A mais fabulosa comédia do ano
5.ª semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Michel Piccoli, Claudia Cardinale,
Jacques Perrin
PAIXÕES ESCALDANTES
Um filme de Étienne Périer
Eastmancolor
Interdito men. 13 anos
Sessões às 14.00 16.30 19.00 21.30

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879

14.15, 16.30, 19 e 21.45
Louis de Funès no seu melhor filme!
O GENDARME E OS EXTRATERRESTRES
Não acons. men. 13 anos

ZODÍACO 570151

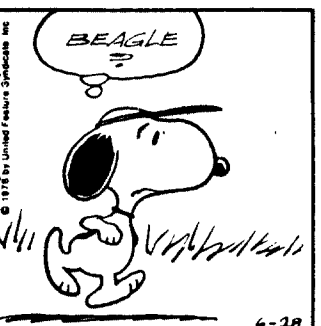
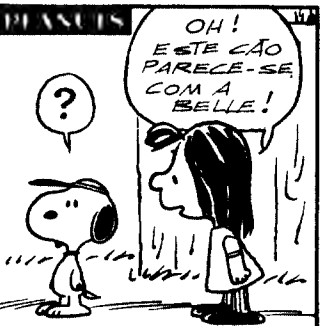
Rua Conde de Redondo, 5

Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 h
ESTRADA DO AMANHÃ
com Paul Sorvino, Tony Lo Blanco
e Richard Gere
Int. a men. de 13 anos
8.ª semana

lubrificantes

GALP

a máquina é exigente





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 • ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1 •
 TELEFONES 554371-2-3
 • REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS:
 RUA LUI SORIANO, 44 •
 TELEFONES 371154-5, 178771-2-3, 378229, 377-81 •
 PUBLICIDADE: 364147
 • SERVIÇO NOTAS: 378115-145-211
 PORTUGAL 171154
 MENSAGENS GRAVADAS 378279
 • ENDEREÇO TELEFONILLO DÍGUA: TELER 17363
 LISBOA PORTUGAL
 • DELEGACÃO DO PORTO:
 RUA DO ALMADA, 10-2 • TELEFONES 20954-5

Tesoureiro do ACP dá um "golpe" de dois mil contos

O Brasil foi o país escolhido pelo sr. Mário Fragoso, tesoureiro do Automóvel Clube de Portugal, depois de ter dado um "golpe" de cerca de dois mil contos nas finanças do Clube.

O caso tornou-se conhecido quando, na última sessão da Assembleia do ACP, no passado dia 30, um dos presentes interrogou a mesa sobre um desfalque...

Na circunstância foi explicado que, enfim, o tesoureiro se havia aproveitado da confiança ilimitada que merecia da direcção para "arrecadar" 2 125 963 escudos, tendo no entanto reposto, através de terceira pessoa, a importância de 467 953\$00. Feitas as contas, o desfalque ficou reduzido a 1 658 010 escudos.

Pela sua parte, a Polícia Judiciária confirma a existência de uma queixa apresentada pelo ACP contra o seu tesoureiro.

IV GOVERNO "CAIU" ONTEM

Continuação da pág. 1

deverá encerrar os seus trabalhos a 15 de Junho, obrigando assim o PSD a apresentá-la antes do dia 15 deste mês. Contudo, a nota do PCP parece retirar a Sá Carneiro a iniciativa. Ao referir a apresentação da sua moção de rejeição «a curto prazo», o PCP deixa perceber que o princípio do fim do IV Governo será da sua responsabilidade, como satisfação do desejo expresso pelos trabalhadores, uma vez mais, no 1.º de Maio.

Mota Pinto sabe que as chaves do seu carro vão ser precisas. O professor regressará a Coimbra.

(Hoje 28 páginas)

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

- 1.º PRÉMIO - 45 382 - 24 000 CONTOS
- 2.º PRÉMIO - 54 336 - 4 800 CONTOS
- 3.º PRÉMIO - 35 361 - 1 800 CONTOS

Consulte a lista oficial e habilite-se para a próxima extracção nos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA, PORTO, COIMBRA, BRAGA, SETÚBAL.

Inquérito ao desastre de Sines: Diversas entidades responsáveis

Foram principalmente causas técnicas que estiveram na origem da destruição do molhe de Sines durante o temporal de Fevereiro de 1978. Segundo o relatório da comissão de inquérito o que ressaltou, durante o desenvolvimento das averiguações, como causa preponderante, foi a fragilidade dos «dolos» (blocos) face às diversas forças que os solicitam, embora se reconheçam também outras causas, de âmbito mais geral, relacionadas com a elaboração e organização do projecto e com a capacidade de organização da entidade a quem coube conduzir todo o processo, ou seja o Gabinete da Área de Sines.

Estas conclusões não apontam no entanto para uma responsabilização civil dos técnicos do gabinete da Área de Sines, uma vez que o assessor jurídico da comissão de inquérito fez prevalecer a sua opinião de que «os factos imputáveis a dirigentes e técnicos do gabinete não se situam no domínio do ilícito disciplinar».

Para a averiguação das eventuais responsabilidades neste acidente ocorrido numa obra de engenharia marítima que classifica de «características invulgarizadas» e «uma das maiores do mundo do seu género», a comissão de inquérito afirma ter seguido pistas relacionadas com o projecto, a execução das obras e a sua condução e fiscalização.

Quanto à elaboração do projecto são apontadas algumas deficiências como tendo tido influência no acidente, designadamente a insuficiência de

dados colhidos para uma definição correcta do clima de agitação marítima, insuficiente avaliação das alturas da onda significativas nas proximidades da obra e inexistência de planos de ondulação, como é norma em projectos desta natureza.

OUTRAS ENTIDADES RESPONSABILIZADAS

Além dos técnicos da GAZ responsáveis pela fiscalização e condução da obra, que foram apontados como não estando à altura da importância dos problemas que ela punha, a comissão de inquérito atribui responsabilidades a outras entidades envolvidas no projecto da obra de Sines: o agrupamento projectista BCL e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

A principal crítica feita ao BCL aponta deficiências no projecto, nomeadamente a que só por si contribuiu para a ruína do quebra-mar, e que foi a aceitação passiva do «Dolo» elemento da obra «em que se acreditava sem reservas mas que sofre de muitos inconvenientes. «Outro aspecto da responsabilidade deste grupo refere-se» à avaliação inexacta do clima de agitação marítima».

O Laboratório de Engenharia Civil também não teve uma actuação isenta de críticas. A comissão de inquérito aponta o facto de, durante os ensaios, «não ter estado presente ninguém com experiência bastante para reflectir sobre os problemas de resistência mecânica que os

dolos de trinta toneladas podem levantar».

A parte final do relatório da comissão de inquérito contempla a opinião do assessor jurídico e admite «a possibilidade da ocorrência no local da obra de fenómenos de concentração de energia de ondas que podiam, por si só ter causado a ruína da estrutura».

DISCUTIDA A REFORMULAÇÃO DO PROJECTO

Alguns dos membros da comissão de inquérito, entre os quais o eng. Mário Fernandes, fazem parte também da Junta de Consultores que vai submeter ao Governo um parecer sobre o projecto de reformulação do molhe de Sines.

Esta Junta reuniu-se ontem no Conselho Superior de Obras Públicas e Transportes participando na reunião diversos especialistas portugueses e técnicos estrangeiros. A Junta de Consultores vai estabelecer contactos com as entidades ligadas ao projecto do quebra-mar de Sines.

Entretanto, recorde-se que, embora o custo inicial previsto para a construção do molhe de Sines fosse apenas de 3 milhões de contos, a obra acabou por orçar em oito milhões.

LISBOA, VERBO AMAR A carta

Estava eu a dizer-lhes ontem, deixem ver. Ah, já sei. Estava a dizer que durante duas horas por semana ando em liberdade por Campolide. Aproveito para isto, para aquilo, mandar fazer umas chaves, comprar calçado, lâmpadas, cromos para a colecção do miúdo, coisas assim. Ou então aproveito para não fazer nada, principalmente depois do banho de água fria quando se tentou comprar alguma coisa. Do género:

— Quanto custa aquela plantinha?

— Cinco contos e oitocentos.

Chapéu!

Acontece que durante muito tempo me apetececeram torresmos. Parecia agudo. E de repente, em Campolide, na República Popular de Campolide como dizia o Raul (lembras-te?) numa loja de mil cheiros, sobre o balcão, uma roda espessa como o torção de alicante. É pra já!

Enquanto espero a minha vez, uma vizinha conta para as vizinhas uma história que deixa as vizinhas de cara à banda.

— Pode ler, vizinha — diz para a vizinha mais próxima — pode ler, a ver se não é verdade.

— Não posso, estou sem óculos.

— Este senhor aqui leia se faz favor.

A carta era mais ou menos isto: pois Adelaide, tenho recebido daí de Portugal uma data de cartas anónimas a dizer que não te portas bem. Só te quero avisar que tiro vancanças para a Páscoa e se for mentira sou o homem mais feliz do mundo, mas se for verdade escuso de te dizer mais nada. Muitos beijos deste que se assina Francisco.

— Mas é vizinha — diz uma vizinha — isso não é nada com a vizinha.

— Pois não. Veja aí no envelope: Adelaide Ferreira, não é? E eu sou Adelaide Correia. Já corri por aí tudo e ninguém me sabe dar conta da tal Ferreira. Ora a minha vida!

A outra, muito dona de casa, muito cuidadosa do seu saco de compras e dos seus trocos:

— Ainda bem que não é nada consigo.

Adelaide dobra a carta até poder guardá-la no porta-moedas preto, de estalinho.

— Ora, ora, tomara eu que fosse. Entre mortos e feridos alguém havia de escapar...

Cada qual com o seu saco familiar, cada qual com o seu embrulho de torresmos, cada qual com os seus sonhos. A vida é assim.

MÁRIO CASTRIM

FACE A AMEAÇA DO "ESQUADRAO INCENDIARIO"

Bombeiros da zona Centro reúnem-se hoje no Buçaco

Todos os comandantes de bombeiros da zona Centro do país se reúnem esta tarde, cerca das 15 horas, no Buçaco. A reunião estarão ainda presentes os responsáveis pelos Serviços Florestais. Trata-se de debater a segurança das matas portuguesas numa altura em que um auto-denominado «Esquadrão Incendiário» ameaça devastar pelo fogo as florestas de Castelo Branco.

O dito «Esquadrão» apresentou-se recentemente ao Comandante dos Bombeiros de

Castelo Branco através de uma carta subscrita por três assinaturas ilegíveis. Ali se exige que o Ministério da Educação e Cultura conte «a todos os professores do Ensino Primário e Secundário todo o tempo de serviço para efeito de concurso. O «Esquadrão» vai mais longe e exige ainda a contagem de todo o tempo de serviço para efeito de reforma.

Registe-se, por curiosidade, que a carta foi expedida de Coimbra (facto confirmado pelo carimbo dos Correios) e terá sido

redigida com caneta de ponta de feltro.

Na circunstância, a Assembleia de Combate a Fogos nas Florestas de Castelo Branco decidiu alertar toda a população e autoridades para a gravidade do conteúdo da carta.

Outra decisão da Assembleia foi a de pedir à população que comunique às autoridades qualquer movimentação suspeita e avise os bombeiros mais próximos caso venha a detectar focos de incêndio.

ANIVERSARIO DA GNR

De "polícia rural"

ao "prolongamento do Exército"

A Guarda Nacional Republicana (GNR) completa amanhã 68 anos de existência, já que foi a 4 de Maio de 1911 que foi publicada uma lei criando aquela corporação «como parte integrante das forças militares da República».

Com efeito, com a implantação da República, foram extintas as guardas municipais de Lisboa

e do Porto, criadas no século passado, e que durante quase cem anos, segundo o instrumento legal que lhes deu forma, tiveram por missão «velar que o sossego e ordem públicos» fosse «mantidos de dia como de noite».

Aliás, também o documento que criou a GNR afirma, no seu artigo primeiro, sensivelmente o

mesmo, ao dizer que «é organizado um corpo especial de tropas para velar pela segurança pública, manutenção da ordem e protecção das propriedades públicas e particulares em todo o país».

A razão então encontrada para a criação da GNR está justificada no preâmbulo da referida lei, onde se pode ler que «datam de longe as reclamações dos povos por falta de uma polícia rural que lhes assegure o livre trânsito das estradas e caminhos e lhes proteja as propriedades contra os frequentes assaltos de vagabundos e malfetores, que lhes saqueiam os frutos e danificam as culturas».

Entretanto, com o decorrer dos anos, a GNR foi conhecendo «sucessivas reformas» como se pode ler no folheto editado pela corporação, a propósito do seu 68.º aniversário.

Dentro dessas reformas, a GNR é considerada como «prolongamento do Exército» e «organismo militar votado à causa da segurança e ordem públicas».

Só uma proposta

para compra de "O Século"

Termina amanhã o prazo para apresentação de propostas para a compra do património da ex-Sociedade Nacional de Tipografia «O Século».

Até ao momento, segundo a Anop, só deu entrada uma proposta do advogado Furtado Coelho, que representa um grupo económico.

Terminado o prazo, a admi-

nistração da empresa fará um relatório que será enviado ao ministro da Comunicação Social.

Entretanto, ontem, como vem noticiado noutro local, o Sindicato dos Jornalistas requereu ao Presidente da Assembleia da República, Teófilo Carvalho dos Santos, que levante o problema da inconstitucionalidade da venda de «O Século».

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

LISBOA-PORTO

O jornal e o avião são, nas suas diversas expressões, os grandes agentes da velocidade e da emoção do século. A partir de hoje, o «Diário de Lisboa» estará mais perto do Porto. Num voo relâmpago, nos aviões da Companhia de Transportes Aéreos, o nosso jornal aparece nas ruas da capital do Norte à mesma hora que em Lisboa. Para esse efeito, faremos uma edição especial destinada ao Norte do país, com a mesma fisionomia, densidade de noticiário, nacional e estrangeiro, informações, crónicas, etc.

Trata-se de um empreendimento que vem animar a vida jornalística do país. Devemos dizer que o «Diário de Lisboa» é há muito um jornal português. Há vinte e cinco anos que a gloriosa cidade nos adoptou, num ambiente de simpatia que, sinceramente, nos desvanece. Nascidos em Lisboa, somos também do Porto, como somos, afinal, de todo o país, numa organização nacional que, com o tempo, se tem desenvolvido e aperfeiçoado. Mantemos, porém, entre as duas capitais um fulgurante traço de união, que, já agora, consideramos indelevel. Ahaz, temos sempre mantido, através de todas as circunstâncias, por transporte ferroviário ou de automóvel, uma ligação ininterrupta com a grande cidade nortenha.

Simplemente, os tempos mudam. A velocidade é um conceito real do nosso tempo. Dantes, procurava-se ganhar uma hora; agora, são minutos, amanhã, segundos, para dar ao leitor, onde quer que se encontre, a notícia em primeira mão, ainda com o zumbido dos fios telegráficos ou telefónicos e já vertida nos caracteres prateados das linotypes. Eis por que o «Diário de Lisboa» passa desde hoje a ser levado nos aparelhos da Companhia de Transportes Aéreos. Lisboa e o Porto terão, assim, duas edições e as duas capitais ficarão mais próximas, mais ligadas, mais fraternais.

Aliás, o Porto é para todos os portugueses, através da sua história, do seu trabalho e da honestidade dos seus habitantes, um padrão votivo de admiração e de respeito. Foi ali que começou Portugal. Daí advém como que princípios intuitivos, que nos esclarecem, porque lavrados no granito de que é feito o velho e heroico burgo, eles resistem sempre e, com o tempo, mais vivos parecem ainda. É o Porto de 1820; o Porto de D. Pedro IV; o Porto de Camilo; o Porto do 31 de Janeiro; o Porto da burguesia operosa, nobilíssima nos seus pergaminhos de trabalho, cujas palavras valem ouro de dignidade e de honradez, o Porto dos seus operários de inigualável maestria; dos cais e dos trapiches, das fabricas e dos ateliers, dos mercados e das ruas, esta mais casquinha, onde o comércio tem sempre uma nota inedita, aquela mais sombria e pobrezinha que parece um carvão de Abel Salazar — o Porto, ilustre, progressivo, liberal, independente, generoso, que sabe erguer a voz e afirmar sempre os seus direitos de legítimo e ativo portuguêsismo.

O Porto fica, assim, mais perto do nosso coração; ou nós dele.

Está apurado que Goering foi quem ordenou o incêndio do Reichstag para impressionar Hindenburgo



VAN DER LUBBE
o homem que foi decapitado como
incendiário do Reichstag

BERLIM, 3.—Foram as instruções
pessoais de Goering que levaram o
holandês Markus Van der Lubbe a

a pôr fogo ao Reichstag, em 27 de fevereiro de 1933, tendo depois Goering feito grande alarde, junto de Hitler, do seu enorme sucesso em organizar tão inteligentemente tal incêndio.

A polícia de Goering prendeu, na mesma noite do incêndio, van der Lubbe, conservando-o na prisão durante 9 meses, depois do que foi sentenciado à morte. A execução teve lugar em dezembro, sob o falso testemunho apresentado por alguns nazis pouco escrupulosos e pelo próprio Goering.

Os documentos contendo tais depoimentos falsos estão agora em poder dos Aliados e provam directa e insofismavelmente que foi Goering o responsável pelo referido incêndio.

Com o auxílio dos nazis, da sua própria polícia e do chefe dos serviços de incêndio de Berlim, Goering serviu-se do incêndio do Reichstag para arrancar ao senil Hindenburgo, um decreto de emergência.

Segundo o depoimento apresentado pelo chefe da Gestapo alemã, Rolf Fieis, os planos de Goering foram tão bem organizados e executados tão suavemente que não levou muitas horas para que a polícia de Goering prendesse centenas de democratas-católicos, social-democratas, comunistas, legisladores e políticos, segundo as listas preparadas antes de ter havido o incêndio. O objectivo de Goering seria criar confusão com o incêndio, a fim de conseguir o decreto de Hindenburgo, dando deste modo ao partido nazi o supremo poder que lhe permitiu ganhar as eleições, criando por estes meios fraudulentos, um governo que aos olhos do mundo se apresentaria legalmente constituído.

Na manhã seguinte ao incêndio, Goering obteve de Hindenburgo o referido decreto de emergência para a protecção do povo alemão e do governo que ele já havia preparado antes de ter começado o incêndio.

O director dos serviços de Imprensa do Reich revelou que a chancelaria do Reich às disposições de Hitler para a publicação do decreto já tinha sido feita ainda antes de ter ocorrido o incêndio do Reichstag, visto o decreto ter sido enviado para a imprensa nacional ainda antes de estar assinado, tal era a certeza de êxito que Goering confiava no seu plano. Por isso, o decreto foi publicado no próprio dia em que foi assinado. Por este decreto, foram suprimidas todas as

(Continua na 11.ª pag.)

(Continua na 12.ª pag.)



DR. NUNES DA COSTA

UM DISCURSO DE GANDHI

pedindo a libertação total da Índia

CALCUTA, 3.—Gandhi fez um curto discurso sobre política, dizendo que é essencial à paz do mundo que a Índia seja libertada de todas as servidões, incluindo a política. Gandhi falou numa grande reunião de carácter religioso e, frisando a importância da oração, disse: «Estamos todos mergulhados nas sombras. Não só a Índia, mas todo o mundo, precipitou-se na escuridão. A Índia deseja a paz não só para ela mas para todo o mundo. Somos, neste momento, todos viajantes nas trevas. As nossas orações constituem o meio mais importante de afastar as trevas.» (R.).

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

AS GRANDES OPERAÇÕES

Tivemos nas mãos

um coração humano!

Uma sensacional e dramática
intervenção cirúrgica

do dr. Nunes da Costa

Sob o lençol branco, a anatomia humana mal se distingue. Não tem relevo. É a de uma estátua jacente, que, embora imóvel, rígida, queríamos dizer, tem vida.

Preparam-no na enfermaria durante longas semanas. Através das vidraças altas do Hospital da Universidade de Coimbra, ele viu o curso vagaroso do sol dourado de outono, que devia abençoar também a sua casinha humilde da aldeia que um dia abandonou para trabalhar na cidade.

Perdeu o nome. Deixou de ser o António ou Francisco Antunes, para ter um numero: 2039 (cama).

Ali, na dolencia branca e mole da camarata, foi-se obtendo uma história clínica tão completa quanto possível, antecedentes narrados, numa permemorização exaustiva, naquela literatura seca, de terminologia medicada, que por vezes, causa arrepios; radiografias que são espectaculares mistérios, onde os órgãos parecem flutuar num parenquima negro, ou manchados de fumo branco põem duvidas nos olhos agudos dos médicos; análises, onde a química do organismo acusa miligramas de albumina; colheitas de plasma estudadas ao microscópio — enfim, tudo quanto na nossa miséria física — somos, sofremos, ou contemos.

O 2.039 mostrava-se contente. Fazia mesmo luxo na operação, mas agora ali, deitado na «marquês», com o barrete da enfermaria enfiado na cabeça, olhando o tecto de mármore inexpressivo, geme como um pobre animal acossado, só por gemer, numa prevenção ao so-

frimento terrroso, cianozado, num azul cadaverico, que lhe torna estranha a máscara, aberta a goiva rude dos seres ainda primitivos.

Puseram-lhe na frente, como um «écran», uma dobra alta do lençol, que lhe oculta, por completo, o largo campo operatorio de que vai ser teatro.

É uma intervenção cirúrgica, trágica e sensacional, rodeada de duendes, com cogulas e máscaras brancas, de que ele vê uns olhos azues, líquidos de doçura, como os têm as

O drama austríaco

No tribunal de Nuremberg alguns comparsas do drama austríaco, que se representou há aproximadamente oito anos perante o desinteresse suicida dum continente alheio às mais evidentes e suspeitas realidades, acabam de reviver uma das suas cenas mais impressionantes. Na cidade santa do nazismo, o antigo chanceler Kurt Schuschnigg e o advogado Artur Seyss Inquart, precursor de Quisling e de Laval, recordam, com a sua presença, as horas sombrias que a Europa viveu antes de ser irremediavelmente pre-

cipitada na joguina que ao fim de seis anos a tornou irreconhecível. Entre o chanceler católico e o nazi praticante, uma figura delgada e equívoca, com o rosto de traços vulgares, emoldurada numa cabeleira que o tempo embranqueceu, revelará, no momento próprio, o fundo da maquinaria que fez do atentado monstruoso praticado contra a independência da Austria, em março de 1938, o ponto de partida para a tentativa de estabele-

(Continua na pag. central)

Vida artística

Exposição Fausto Sampaio

É esta, porventura, a primeira presença da Índia Portuguesa na nossa pintura. Fausto Sampaio, com a sua paleta deslumbrante, donde escorrem esmeraldas e topázios, foi a lá, senão seguindo a rota das caravelas pelo grande golfo do Índico, sofrendo, pelo menos, as mesmas inclemências que os nossos avoengos por lá passaram. Foi a Gôa, a mais bela Década, que João de Barros escreveu sobre Afonso de Albuquerque, esse gigante de bronze, cuja voz troava como as bombardas, de Socotará a Malaca; a Damão, menos histórica, mas mais característica nas suas construções e costumes, e a Diu, uma perla de beleza, com os seus balcões arredondados em sandalo, os seus templos de jade e de coral, e os saris multicores das noivas de casta, com aquele vermelho original de raça, na testa dormiente como um lago de sonho.

Fausto Sampaio, que já descobrira, plasticamente, Macau e Timor, enfiteia-nos agora com esta sua exposição, os cansados olhos ocidentais. Trouxe-nos o passado e o presente, a figura e a paisagem, o monumento e a rua, o céu e o mar! É um verdadeiro deslumbramento. Uma festa de cor, que enche com as suas gamas, reflexos e cintilações todo o vasto salão da Sociedade Nacional de Belas Artes. Há rios azues, com «nuances» de jade e nacar; baías de lapis-lazuli; céus de prodigiosa fantasmagoria, donde o ouro escorre a flux—de tal maneira que a viagem à velha Índia, em algumas dezenas de metros quadrados, fica para sempre como um sortilegio, na nossa visão aturdida. Mas Fausto Sampaio não trouxe, apenas, uma expressão artística, muito bela, talvez mesmo inigualável; trouxe também o testemunho irrefutável e triste da miséria, da decadência, do abandono dos padrões lusiadas na costa do Malabar. Sangramentos ao ver as fortalezas, as igrejas, os conventos, numa palavra, tudo quanto Afonso de Albuquerque—sobretudo ele!—ergueu para glória de Portugal, serem hoje, na sua quase totalidade, uma dolorosa ruína. Os séculos, as lapidões dos homens e, sobretudo, o azorrague das chuvas e dos ventos, têm demolido aquelas pedras sagradas. É morta a velha Gôa! Um grande cemitério, por onde a erva cresce, alta e densa. Aqui é a torre de uma igreja que caiu; além, encontra-se uma velha ancora enferrujada; mais além é o troço de um baluarte, que foi a terra. Quem salva isto? É, patrioticamente, urgente!

O admirável pintor tem nesta exposição uma vitória deslumbrante. Dificilmente, se pode destacar numa massa de cento e quinze quadros, este ou aquele. Está ali toda a Índia, o seu esplendor, a sua poesia fascinante, o seu misterio religioso, a sua cor de esmeralda. No entanto, vamos fixar alguns quadros: em Diu, a antiga rua Maceta, tão viva na sua policromia, com os seus balcões, que parecem palanquins, prodigiosos de talha; em Damão, a paisagem de Nagar Aveli, de uma execução impressionista, e as «Dublinas», dois tipos de beleza indigena, de tão ardente expressão; Gôa é quase tudo. Veja-se, por exemplo, a igreja do Bom Jesus, ruínas atapetadas pelo verde da monção; a nota cor-de-rosa do templo hindu, que parece uma caixa de sandalo; a locanda nos arredores de Pangim, com o seu característico bem reflectido; musgo e ruínas em Velha Gôa, página melancólica de funda emoção; o 71, templos e conventos derruídos, trecho da cidade grandiosa, por onde a erva cresce, como que querendo sepultar tudo quanto foi nosso; as três telas dos arrozais, antes, durante e depois da monção; o rio de Sanquelim; vista da fortaleza da Aguada; a outra de Tiracol; o sari vermelho; a noiva goesa; as ilhas de Angediva; a festa nocturna em Nougá-Vihar; a paisagem da Paula; varanda florida; o templo de Sirodã; os cotiões no Mandovi, etc.

Difícil, como vêem! Fica uma impressão total de beleza e deslumbramento da arte deste pintor espontâneo, ardente e embriagante, que nos trouxe a Índia em luz, paisagem e alma, numa extraordinária revelação plástica. Mais não se pode fazer. A exposição foi hoje inaugurada.

Exposição Jorge Barradas

Jorge Barradas, pintor, desenhador e ilustrador, espírito sempre inquieto, que Lisboa conhece com o seu sorriso *gavroche*, vai dar-nos mais uma faceta do seu múltiplo talento. Amanhã, terça-feira, Barradas inaugura, no Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, uma exposição de cerâmica artística, coisas preciosas e frágeis, de supremo gosto e de requintada expressão.

O banquete «de homenagem» ao Conselheiro Acácio

A inscrição para o banquete de homenagem ao conselheiro Acácio, que se realiza no Leão de Ouro, por iniciativa do Grupo Rafael Bordallo, no próximo dia 15 de dezembro, pelas 20 horas, está aberta nas livrarias Portugália, Bertrand, Aillaud & Lelos, Clássica Editora, e ainda na Brasileira do Chiado e no Restaurante Leão de Ouro. A inscrição é limitada.

Embeleze V Ex. o interior da sua casa. Visite a exposição de artigos de ménage, lustres, novidades e tudo que precise

Pro-laz fda

Rua dos Fanqueiros, 267, 2.º

Telefone 26174

As grandes operações

(Continuação da 1.ª pag.)

crianças; uns olhos enormes, que parecem sarcásticos, de um japezismo malféfico; e uma fronte exangue, aguçada, nervosa, fina, que por vezes se enche de camarinhas de suor. O dos olhos azues é o dr. Nunes da Costa, que já fez «explodir» um coração «blindado», salvando da morte inevitável um encanecido cocheiro de Coimbra, requemado de álcool e de reliento, o Luiz Martins, já adiantado na casa dos sessenta, mesmo antes da America, do alto do Empire Building, ter anunciado ao mundo, com justificável orgulho, idêntico caso. Em julho de 1941, porém, o sr. dr. Filipe da Costa, cirurgião dos Hospitais Cívicos de Lisboa realizava, em Portugal, a primeira operação de pericardectomia.

É curioso este dr. Nunes da Costa, de crânio vigoroso, bem modelado, assente sobre um corpo franzino, diminuto, que chega a fazer operações, empoleirado num banco de ferro. Mas a inteligência vingou-se da natureza. Explora todos os recessos do corpo humano, e, quasi a brincar, fabrica, repara, retalha corações, num desafio tão terminante e horrível ao Criador, que nós estremecemos ante a profanação.

O segundo, de dentes espessos, é o dr. Luiz Providência—mecânico, digamos, da cardiologia, timpano ultra-sensível às rotações do «motor» humano; e o terceiro, o dr. Fausto Pimentel, cujas mãos tamborilam, nervosamente, na nossa frente, como insectos devoradores, de estranhas garras.

O mestre da «equipe», dr. Nunes da Costa, manda seguir. O quadro de Rembrandt, a moderna—sem teatro, nem pintura, plasticamente pobre de indumentária, num ambiente de luz rosca, que o mármore da sala, tecto, pavimento, paredes—reflete, sem frialdade, antes num tom quente, carnal, como o de uma piscina de luxo—espécie de banho Afrodite, numa nudez real. É o que salva também o tragico da situação!

O 2.039 sofreu, apenas, uma anestesia local. Quebrar-lhe, por completo, os sentidos, no sono branco do cloroformio, seria sujeitá-lo a um colapso fatal.

Um enfermeiro pôs-se-lhe ao lado, espécie de vigia carinhoso, que, por vezes, lhe suaviza o transe, com aquelas palavras que valem ouro e são como um bálsamo sobre a dor, mesmo quando ela, aflixa, se revolta, atingida a ultima fronteira da resistência.

O dr. Nunes da Costa injectou de novocaína todo o lado esquerdo de peito. A agulha penetrou, rapidamente, num círculo irregular, e a epiderme, marmoreada, revela já a insensibilidade. Outro enfermeiro, com uma grande tenaz vai colhendo nas caixas metálicas, abertas e logo fechadas, o instrumental cirurgico.

O doente resiste, mas o pantofe teve uma síncope. A sua luz dourada foi-se num desmaio da corrente, e o bisturi, que corta fundo as camadas da pele e um retalho de carne, vermelha a sangrar, como que fica cego no meio daquela obscuridade.

—A natureza não se compadece com as nossas necessidades!—exclama o dr. Nunes da Costa.

É que mandou abrir parte da vidraça, sem que a luz do dia entenebrece pelas nuvens acuda veloz, alagante.

O 2.039 revolta-se. Das suas raízes mais profundas saem arrancos, esportes de sofrimento. Pobre animal humano!

—Rainha Santa!

—Prontol... Prontol... Tens razão! Não lhe toco ali... O «plastiro» de carne cortado desnuda-lhe agora o tecto das costelas, sangrando, abundantemente.

—É natural a hemorragia! Este homem tem o sangue estagnado nos vasos, em virtude do aperto do coração!

Trata-se de um caso de espessamento de pericardio, a membrana que envolve a víscera mais nobre do ser humano. Quasi o estrangula, sufocando-lhe as palpitantes, e daí a cianose do corpo, pintado de azul da Prússia; a febrícula constante; a dificuldade no repouso, num calvário que dura há meses e só permite o doente dormir em decubito dorsal—de costas.

Mais algumas semanas, e seria a morte, o coração esmagado por aquela membrana densa, que devia ser imponderável, tenue, e lhe pesa toneladas de angustia no peito—sufocando-o.

O dr. Nunes da Costa vai tentar a operação difícil. É um caso parecido com o do «coração blindado», cujo pericardio ossificado veremos depois, num frasco, como uma vegetação esponjosa dos abismos marítimos.

A «equipe» trabalha em silêncio. Mesmo em vertigem! As costelas, de um branco inverosímil, surgem nitidas, como o tecto de um piano. Por detrás daquilo está o coração e para lá chegar—é preciso abrir caminho á força. Rasga; perfura!

Foi terrível atingi-lo.

Passa, no ar, um instrumento estranho, qualquer coisa entre uma tesoura de jardineiro e uma torquize enorme, disforme, de metal cintilante, com as pontas dobradas, uma debaixo da outra.

É a guilhotina de Sauerbrook. O dr. Nunes da Costa marcou nas costelas, a escápula, seis traços, e agora, maneja o terrível instrumento, cuja ponta inferior é introduzida por debaixo de cada costela num enorme esforço muscular. Ouve-se, nitidamente, na sala, o quebrar dos ossos, aquele ranger, aquele desfazer do esqueleto—como broca no granito. Pior que o diamante a riscar a vidraça. Muito pior!

O 2.039 volta a gemer, mais fundo em haustos de sufocação, mas não é a dor das costelas cortadas á tesoura, nem ele sabe o que lhe faz; mas um ponto do carne, do qual, lentamente, a insensibilidade de novocaína foge, como o grão de areia, no coque escrito de uma ampulheta.

—Ai que eu morro!

Ninguém se comove! Os homens não estão insensíveis. Simplesmente o espírito da ciência domina-os. Querem arrancar á morte aquela vida. Tocamos ligeiramente, nos fragmentos das três costelas, do tamanho de um dedo, ainda que-nos de calor humano.

A guilhotina lá está outra vez a crepitar, num ruído de serra metálica, agora, porém, a morder uma, duas, três vezes, os rebordos irregulares do esterno.

Felizmente o pantofe ilumina-se banhando de ouro o campo de batalha. As mãos dos médicos, enluvadas de cauchu amarelo, parecem cadavericas. Trabalham, lucidamente, sobre aqueles tecidos palpitantes, ilaqueados por inumeráveis pinças. Dentro do organismo a sensibilidade é quasi neutra. Estancam-se-lhe as mãres de sangue, que a carne esvurma, com penos, de gase, logo empapados, e depois, gotas-jantes.

Se a dor reaparece, nos lábios exangues do doente, preço de criança, ou vivo sinistro de animal abatido, injecta-se-lhe, nos tecidos escancarados, retalhados, mais decilios de novocaína.

O mais fácil está feito. Qualquer faria. O dr. Nunes da Costa vai penetrar agora nos arcanos da existência. Para lá, só raros se têm aventurado. Vai descobrir o misterio, o tesouro da vida. Segurar entre os dedos um coração. Vê-lo bater, sofrer, amar! É horrível! Instintivamente voltamos as costas. Queremos respirar, não ver a morte; se ela está além, um milímetro apenas da aguçada ponta do escalpelo. Supor isso, seria não acreditar no grande cirurgião.

Quando, lentamente, os nossos olhos caem sobre o campo operatorio, a luz do pantofe, rica, oiscente, como a de vitrine de um joalheiro, ilumina uma cena diabólica... Não!... Primeiro é o ruído, do coração—zumbido estridente, verdadeiro tic-tac de relógio, ao qual tivessem partido o vidro—e agora sãa aflição, desordenado, enchendo toda a sala com a sua pulsação enorme.

Olhamos! Um feixe de pinças está enterrado no coração que, lá em baixo, na caverna ossea, é qualquer coisa de palpável, de miserável, engorgitado de sangue, recoberto por uma membrana azulina, de plasma espesso, quasi coagulado, mirrado e enrugado.

—Estou dentro do pericardio!—anuncia, calmamente, o dr. Nunes da Costa, cujos olhos azues nos procuram. Estamos mesmo ali, debruçados sobre o enigma fabuloso. Pobre coração! Como ele se defende, a bater, terrivelmente sobressaltado, com as pinças suspensas do pericardio, num frémio eléctrico, que se propaga aos metais, chocalhando-os, vascolejando-os. Naquela ninho de ossos, vermelho e defeito, ele parece estrebuchar, agonizar, como um passarito!

Não quer morrer! E nós já não vemos o 2.039, que é em corpo, apenas matéria dura, ossos, fibras, postas de carne a sangrar, mas o coração que parece, só ele, um ser humano, qualquer coisa de infinitamente, terno e precioso —a lutar para sobreviver, mesmo flagelado, suplicado de ferros.

O dr. Nunes da Costa, em meia duzia de golpes, retalha o pericardio espesso, que fica como um pano esfarapado sobre o coração. O foco do pantofe ilumina totalmente, aquele reduto desmantelado, onde toda a agonia humana se debate.

O 2.039 já não fala. Fechou os olhos, que, quando abertos, se alucinam de visões. Ainda não foi preciso oxigénio de urgência, comprimido numa granada de ferro, ligado a uma máscara de borracha. Apenas o injectam numa perna, o que ele não sente.

O pobre coração continua á vista, no seu reduto desmantelado. O dr. Nunes da Costa enterra nêlo os dedos, tem-no na mão, crivado de pinças, a mexer, a palpar, ofegante com aquele rumor atroz, que enche a sala toda, de relógio esmagado, contando os minutos, os segundos... da existência, num ritmo alucinante.

Sofres? Muito, reflectindo todo o sofrimento da operação; da carne esfacelada, dos vasos ilaqueados, daqueles ossos partidos, da alma até, derivando á beira de um abismo, ou já despenhando-se, descendo ás larvas, nos subterrâneos da morte apodrecida.

O dr. Nunes da Costa convida agora os seus assistentes a tatearem o doloroso coração desnudo. Sente-se o macio, o avelludado. Os dedos agudos permanecem ali, palpando os vasos.

—Está aqui a aorta!

O doente não dá acôrdo de si. Geme, para além do sono hipnótico da dor, mas o azul da fisionomia enlivedece, desaparece, lentamente. É que o coração, livre da mortalha de ferro, que o sepultava, a casca lenhosa do pericardio, trabalha, finalmente, em liberdade, irrigando melhor o organismo. É quasi um milagre, um milagre da ciência! Respiramos todos. Há duas horas que ali estamos fechados, debatendo o grandioso problema que opõe, eternamente, a vida á morte. Como que voltam a sorrir os olhos azues de criança, do dr. Nunes da Costa.

Rapidamente, fecha aquele buraco atroz.

—Cut-gate O-O!

Cosm-se tecidos e um outro vaso é tapado com cera, a quatro mãos, toques sobre toques, numa segurança quasi da confecção, de algum bebe consumado. O manequim humano está pronto. Reparado, consertado. Não se sabe mesmo, neste novo *robot*, onde o mecanismo científico se sobrepõe á criação genésica.

O coração nu, que tivemos nas mãos, deve ter sobrevivido, vencida a sua maior luta! Feliz-lhe a ultima, e, nessa, a ciência não poderá intervir!

ARTUR PORTELA

O «Diário de Lisboa», vende-se na Papellaria Sait'm. Batalha.

Vida mundana

CASAMENTO

Realizou-se na Golegã o casamento do sr. António Ferreira Godinho com a sr.ª D. Maria Susana da Silva Pereira, filha do sr. António Pereira Junior. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios, sr. Manuel Pereira da Silva e sr.ª D. Isaura Pereira da Silva e, por parte do noivo, seus tios, sr. José da Silva Melancia e esposa.

—Realizou-se, na igreja do Sagrado Coração de Jesus o casamento da sr.ª D. Lourdes do Carmo Meira, filha da sr.ª D. Beatriz do Carmo Meira e do sr. Francisco Meira, agricultor, com o sr. António Nunes da Rocha Silva, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Silva e do sr. Angelo Nicolau da Silva, proprietário e comerciante. Foram padrinhos por parte do noivo, o sr. Angelo Nicolau da Silva e a sr.ª D. Joaquina Rosa Meira Valente Carvalho; e, por parte da noiva, sua irmã, Sebastiana Carmo Meira e o sr. D. Augusto José de Albergaria. Aos convidados foi servido um delicioso «copo de água». Os noivos foram passar a lua de mel, para a quinta dos pais da noiva, em Campo Maior.

DE LUTO

D. Beatriz Viana de Moraes Leitão VILA NOVA DE OUREM, 3—(Pelo telefone).—Após curta doença, faleceu esta madrugada a sr.ª D. Beatriz Viana de Moraes Leitão, de 46 anos de idade, esposa do correspondente do «Diário de Lisboa» nesta vila, sr. José Viana Leitão. O funeral realiza-se amanhã, ás 9 horas, para o cemitério local. Ao sr. José Viana Leitão apresentamos sentidos pesames.

CENTRO ACADÉMICO DE LISBOA

A comissão organizadora do Centro Académico de Lisboa promove esta noite, pelas 21 e 30, no Clube Estefania, uma reunião durante a qual serão expostos planos para a fundação daquele agrupamento e dos respectivos orfeão, tuna e centro desportivo.

CORRETORES DA BOLSA

Comunica-nos a Camara dos Corretores que foi aplicada a pena de expulsão da Bolsa a António Alves de Sousa, por incursão no § 5.º do artigo 15.º do decreto de 10 de outubro de 1910.

Na primeira página três notícias sensacionais. O «Diário de Lisboa» que era, há muito já, um jornal portuense», vencia, num avião da Companhia de Transportes Aéreos, a distância Lisboa-Porto e aparecia, na capital do Norte à mesma hora que em Lisboa.

Apurara-se que Goering, o n.º 2 dos nazis, ordenara o incêndio do Reichstag: uma das grandes provocações políticas do século. E o dr. Nunes da Costa confiava ao jornalista Artur Portela as suas impressões de uma sensacional e dramática intervenção cirúrgica. «Tivemos nas mãos um coração humano» — exclamava o dr. Nunes da Costa.

Na crítica literária, João Pedro de Andrade escrevia sobre o escritor Alves Redol a propósito da publicação, num só volume, dos seus três primeiros romances: Gaibéus, Marés e Avieiros, mas já se refere, também a Fanga e Anúncio.

Na vida artística assinalávamos uma exposição de Jorge Barradas, grande artista colaborador do «DL».

Uma reportagem, com um desenhos de B. não sabemos se Barradas, se Bernardo (Marques). O título é longo e sugestivo: «Ideias sem espírito de um homem conformado que tinha as botas rotas e esperava que parasse a chuva».

Destaquemos o anúncio de «O Carnaval de Veneza». Era o chic da moda masculina. Também esse estabelecimento elegante passou a balcão bancário.

ROMANCE, POESIA E ENSAIO



CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por João Pedro de Andrade

Alves Redol: um escritor que se procura

A Editorial Inquérito deu-nos, em edição monumental, os três primeiros romances de Alves Redol, *Gaibéus*, *Marés* e *Avieiros*.

Vão surgindo, no nosso mercado literário, por influência de editoriais estrangeiros e, mais directamente, brasileiras, algumas iniciativas do género. Não creio que estas sejam sempre de alcance prático notável. O hábito antigo, tão razoável, de editar obras longas em vários tomos, parece ceder ante o gosto do monumental, característico da nossa época. No entanto, quando o ritmo acelerado da vida moderna nos obriga a aproveitarmos todos os momentos em que a atenção se conserva disponível, mesmo em viagens curtas ou esperas fortuitas, parece-me um tanto contraditória a publicação de volumes enormes, dificilmente transportáveis e impróprios para a leitura passageira que, por vezes, somos obrigados a fazer. Abro uma excepção para as obras poéticas (não falando, naturalmente, nas técnicas ou científicas), mais propícias a leitura repousada, além, de se candidatarem a vida mais longa em tomos maciços do que nas plaquetas para raros apenas, de reduzida tiragem e de tão escasso número de páginas que o leitor vulgar, de ordinário menos inclinado a tal género, se retrai ante a espórtula geralmente pouco em harmonia com as proporções minúsculas da obra. Neste sentido, as edições das obras poéticas de Alberto de Serpa e Casais Monteiro, levadas a efeito, precisamente pela Inquérito, representam uma consoladora compensação para um género há tanto abandonado pelos editores.

Os romances de Alves Redol, porém, não necessitam de tal divulgação. Embora a publicidade afirme que tais obras estão há muito esgotadas, o certo é que, antes desta edição conjunta, *Gaibéus* e *Avieiros* tinham atingido a terceira edição, e *Marés* ia na segunda.

Por outro lado, Alves Redol, apesar de fecundo, está longe de ter atingido aquele ponto de uma carreira em que o escritor, mesmo continuando a produzir, pode iniciar a edição das suas obras completas. Até hoje, Alves Redol deu-nos quatro romances. O volume a que me refiro inclui os três primeiros...

Surgido num momento em que se diferenciavam as duas últimas gerações de escritores, quando, na mais recente, tudo era impugnação e polémica, e as realizações tardavam em concretizar os pontos de vista defendidos, Alves Redol, equipado, melhor do que nenhum então, com qualidades e conhecimentos para pôr em prática as teorias em curso, beneficiou em parte da atmosfera quase ansiosa que rodeou o seu aparecimento.

Gaibéus foi, na verdade, uma bela estreia (pondo de parte a monografia duma aldeia ribatejana que o autor publicara antes). Estava-se no segundo ano da guerra, em plena efervescência dos grandes problemas sociais que o conflito projectava por todo o mundo, e a influência dos escritores da *Presença*, alargada enfim até ao grande público, favorecia, um pouco tardiamente, a eclosão dum romance de análise, com laivos de Proust e singularidades à Gide. Por outro lado, o romance brasileiro, e, em menor escala, o norte-americano, começavam a ser lidos entre nós. Se o romance brasileiro era já, em certos casos, uma redução do norte-americano, o novo romance português, se dominado por uma influência igualmente directa, ameaçava ser uma miniatura do brasileiro.

Deu-se isso, em parte, com *Gaibéus*. O seu lirismo e o seu humanismo aproximam este romance, excessivamente por vezes, das concepções literário-sociais dum Jorge Ama-

do ou dum Graciliano Ramos. A tradição do regionalismo português e os dotes próprios de observação do autor salvam-no da imitação pura. Enquanto Alves Redol vê o camponês e a tarefa que lhe executa, nos dias os seus diálogos cheios de realidade e procura penetrar no íntimo das suas preocupações, as páginas que escreve são pessoais e *Gaibéus* surge-nos, mais do que uma esperança, uma consoladora realidade. Mas quando se lembra das sugestões colhidas em leituras recentes, transportando para o Ribatejo símbolos do nordeste brasileiro e oferecendo-nos o contraste do patrão e do trabalhador numa forma que evoca a sátira do *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, situando-se, no entanto, a enorme distância do seu lirismo parece-nos gratuito e o seu humanitarismo resulta simplista.

O grande mérito deste livro está na novidade—aliás sem consequências, mesmo na obra posterior do autor—de pretender dar-nos o romance sem personagens, com uma grande personagem colectiva, o rancho de *gaibéus* movendo-se e pensando, aspirando e sofrendo. Tão da primeira metade, mau grado a exaltação lírica, é equilibrada, e muitas vezes admirável. O *celheiro rebelde*, o Francisco Descalço, a Rosa, a *mae doente*, a Ti Maria do Rosário, são manifestações atenuadas de individualismo, que mal se destacam da grande massa amorfa. O estilo dá-nos por vezes com extraordinária mobilidade a descrição da faina da pequena multidão, e quando se atarda na descrição da imaginativa sem horizontes dos humildes heróis, nos seus receios e esperanças, sabe, quase sempre, escolher os tons certos em que há-de projectá-los.

Mas Alves Redol não é autor que se contente em sugerir. Precisa de demonstração completa. E aqui lhe falta o pulso. A Rosa, ao tornar-se a amáse de Agostinho Serra, teme já a prostituição—o que acusa excesso de consciência na pobre rapariga ignorante do mundo. O Serra é o clínico de profissão, e o Descalço segue-lhe as pisadas. Os pequenos *gaibéus* são também estranhamente conscientes dos seus males, e um deles, que será mais tarde o *Nave*, tira dum frase vulgar, usada nas brincadeiras de rapazes, profundas e duradouras conclusões, que o levarão a escolher a alcunha. As desigualdades sociais surgem com um relevo que não deixa nada à imaginação do leitor.

Além disso, é nesta parte do livro que as influências brasileiras se fazem sentir mais fortemente. Sonha a Rosa com a rua Pedro Dias—ou do Siriry—e é da estirpe brasileira dos Jorge Amado e dos Amado Fontes. O Agostinho Serra é todo convencional, e não atinge a craveira dum senhor de engenho, mesmo trasladado para português. Os pequenos *gaibéus* e *rabecanos* vieram da cidade da Baía e perderam-se numa pequena praia portuguesa. E o pai do *Cadeite* foi cangaceiro no Ribatejo, e depois de morto brilha no setestelo, tendo já o seu A B C no *rimance do campino*.

Apesar disso, as páginas em que o autor descreve o que observou, sem a intromissão de presenças estranhas, vão desde o início até à desolada despedida final, e são admiráveis.

Gaibéus é uma longa crónica, com afloramentos poéticos e frementes anseios de justiça social.

Mas o romance português estava em fase de viragem, e o autor de *Gaibéus*, único ainda então revelado da nova falange, perscrutava ansiosamente, entre os vários caminhos, o seu caminho. Desta rebusca surgiu *Marés*, publicado no ano seguinte.

Se *Marés* aliasse à linha do enredo um estilo

regular, se fosse escrito com mais largueza, se certas ideias preconcebidas não tivessem desviado o intuito simples do autor, ou se a essas ideias lhe tivesse sido capaz de dar toda a amplitude, estaria aqui o seu melhor romance. Em todo o caso, sendo, infelizmente, o seu livro mais mal escrito, é o único dos que publicou com o distico de *romance* que mantém, de princípio a fim, uma linha evolutiva de acontecimentos que o estrutura como tal. E é também aquele em que os antagonismos sociais não prejudicam, pela insistência ou pela ingenuidade da exposição, a qualidade literária da obra. O estilo, quase sempre talhado em períodos curtos, mas procurando dar, através deles, os sobressaltos e as ansiedades duma alma, é, no entanto, pretencioso e concentra as piores tendências da prosa de *Gaibéus*. O processo é sempre, por assim dizer, impressionista, mesmo quando o autor pretende pintar quadros mais a larga, mas em vez duma aparência de unidade colhe-se uma impressão de desconcerto. Encontram-se aqui fundidos (de certo inconscientemente) os processos do Erico Veríssimo de *Clarissa* e do Graciliano Ramos de *Angústia*, ou seja: a superficialidade das impressões colhidas nas palavras similares, nos disticos que o olhar aprende de passagem, engendrando pretensas profundidades de estados de espírito. Dominando o processo, longinquamente, encontra-se Proust, o homem das sensações visuais, auditivas e gustativas gerando estados emocionais. Quem o diria em Alves Redol! E no romance social!

Mas em *Marés* há, como disse, uma estrutura de romance que deixa a perder de vista a forma como é desenvolvida. Os primeiros quadros, os da infância do protagonista, dão com propriedade e com beleza os seus princípios humildes. E' aí que Alves Redol se sente à vontade. A inserção dos quadros da decadência duma casa fidalga aparece, no decurso do enredo, forçadamente, em obediência a uma das tais ideias preconcebidas do romancista, qual a de dar o desenvolvimento dialéctico da época que conduziu da monarquia à república. Essa ideia afirma-se paralelamente à descrição da vida de Francisco da Silva Diogo, filho de cavadores e sucessivamente marçano e comerciante açambarcador, candongueiro, e, por fim, falido.

O assunto era um achado. Desenvolvesse-o Alves Redol sem preocupações de assombrar por malabarismos de frases, de estravagâncias gráficas (veja-se ao alto da página 339 da presente edição esta linha de prosa: «ladões, Ladões, LADROES, ladões, ladões, LADROES»), de pretenciosas escavações psicológicas sem conteúdo real, fosse objectivo, impessoal (da impersonalidade que consiste em o romancista se não insinuar nas personagens, não da que resulta, como aqui, do excesso de influências), e ter-nos-ia dado um verdadeiro romance, o que não seria pequena coisa nas nossas letras.

Avieiros veio já num momento de maior robustecimento das convicções entre as quais se gerava um romance de características nacionais. As realizações eram, entretanto, ainda escassas. Por isso mesmo deve-se pôr em relevo o esforço contínuo de Alves Redol, na persecução dum tipo de romance que correspondesse às coordenadas da vida moderna, sem por isso se afastar da realidade portuguesa.

Talvez o hábito de catar influências brasileiras no autor de *Gaibéus* leve alguns, com menos justiça, a procurar a ascendência de *Avieiros* no *Mar Morto*, de Jorge Amado. Tal influência, a constatar-se, implicaria uma apropriação do ambiente, ao contrário de em *Gaibéus*, onde as semelhanças com obras brasileiras recentes são de pormenor, e em *Marés*, em que as aproximações verificadas residem nas particularidades do processo literário. Ora, se existe alguma identificação dos dois ambientes, o da Baía-de-Todos-os-Santos e o da Borda-de-Agua do Tejo sobranceira a Lisboa (e não a vejo), não era isso motivo para que o escritor português, profundo conhecedor da região, renunciasse ao intuito de no-la descrever.

Mais do que em qualquer dos seus livros anteriores—e talvez dos posteriores—Alves Redol mostra-se aqui senhor dos seus dons de estilista e de observador. Sensível à magia de criar ambientes e de descrever personagens por dentro e por fora, Redol fá-lo, porém, com uma consciência e um sentido da verdade que nos dois livros anteriores surgem deturpados por excessos líricos ou preocupações de efeito literário demasiado visíveis. Muitas páginas de *Avieiros* dão-nos, com largueza—aquela largueza que desejáramos em *Marés*—o viver da população ribeirinha com os seus anseios, esperanças, tristezas e rebeldias. Há tipos que são símbolos: Olinda, transformada em Maria do Rio, animosa e valente; Toino da Vala, com arranques de decisão e quebrantos de desalento; ti Lobo, farrastando saudades do mar à beira do Tejo. Foi neste livro que Alves Redol

subiu mais alto como artista; se aqui ressurgem os quadros movimentados em que se revelara mestre, desde o seu primeiro romance, as cenas de duas ou três personagens, onde os sentimentos falam mais que as palavras—cito, por exemplo, o capítulo *O menino adormeceu*—revelam-nos ao escritor dons de dramatização que até então haviam aparecido embrionários. Por contraste, e como para marcar os progressos alcançados, perpassam num capítulo as personagens de *Gaibéus*. O autor é fiel às suas simpatias; a Rosa, que afinal volta às ocultas, continua a sonhar com a rua Pedro Dias, numa insistência que parece mais tentação do que fatalidade. Mas quem duvide do valor do artista literário leia, nesta edição, as páginas 517 e 519, que se podem citar entre muitas outras. Se *Avieiros* é um livro em que se sucedem

(Continua na 11.ª pag.)

«HISTORIA DA MENTIRA ATRAVÉS DOS TEMPOS»

de Cristiano Lima e Almeida e Sousa



CRISTIANO LIMA

A ideia não deixa de ser curiosa, se não inédita. Fazer uma «Historia da Mentira» nada tem de paradoxal, embora pareça a primeira vista original, e até negativa. Mas, afinal, de que vive o homem? A lenda, a ficção, o solismo, o erro, são, porventura, variantes ou interpretações do que nós julgamos ser o outro lado da verdade? Cristiano Lima, jornalista e dramaturgo brilhante, e Almeida e Sousa, um novo literário, deram-se as mãos neste livro que tem autenticidade de factos e de matéria. A sua «Historia da Mentira» é uma perspectiva sobre o que se tem dito, escrito, afirmado e inventado através de figuras e acontecimentos que, até hoje, de certo modo aparecem envoltos nos enredos de um falso prestígio. Entre outros casos, os autores tratam da Invenção Armada, de Inês de Castro, coroada depois de morta; de Roma e a Mentira; das origens de Lisboa; do Japão e a China, etc., com um interesse palpante. A «Historia da Mentira» é uma obra que tem leitores garantidos. E' como certas peças de Pirandello, em que a verdade é de tal maneira espectacularizada, decomposta, que nós já não sabemos onde ela está e não está, e ou se foi, o que era e o que devia ser. Cristiano Lima afirma-se um memorialista, que se extrai do passado e do presente os suficientes elementos dedutivos para nos demonstrar que a sua teoria não é agressora, nem transgressora, mas uma realidade incontestável. Prova-o com verdades absolutas—que não mentem!

A «Historia da Mentira através dos tempos» é apresentada numa edição de que é depositária a Cosmos.

Um romance que toda a pessoa culta DEVE ter lido:

MADAME DE STAEL

CORINA

na magnífica tradução de MERCEDES BLASCO

...um dos mais belos livros da escriptoria francesa... Páginas de empolgante beleza... (Diário de Lisboa).

Um vol. de 562 págs. Etc. 22\$00

EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÃO A R G O LISBOA

A VENDA NAS LIVRARIAS

Dois novos livros da EDITORIAL GLEBA:

CONTOS INGLÊSES MODERNOS

1.ª SÉRIE

Seleção e prefácio de CARMO VAZ

Tradução de Margarida Barbosa, Carmo Vaz e Gustavo de Mendonça

PREÇO 18\$00

Recordações da Infância e da Juventude

de ERNEST RENAN

Prefácio e tradução de Fláusino Torres

PREÇO 15\$00

Pedidos a: EDITORIAL GLEBA, L.ª

Rua da Madalena, 211-3.º — Telef. 28933 — LISBOA

Crítica literária

(Continuação da 5.ª pag.)

belos e vigorosos quadros, que dizer dele como romance? Talvez não seja de todo impertinente a pergunta, repetida a propósito de tantos livros de hoje, e por vezes com menos razão. Já ninguém pode tirar a Alves Redol a glória de ter sido, entre nós, apesar de alguns precursores, o iniciador decidido duma tendência literária, que a um real talento alia a vontade esforcada dum grande trabalhador.

Terá, no entanto Alves Redol beneficiado do momento em que surgiu, como afirmei acima? Para a revelação fulgurante da sua personalidade contribuiu, sem dúvida, o facto de ela ser esperada, e, mais do que isso, necessária. Mas esse mesmo facto tirou, talvez, ao autor de *Gaibéus* a serenidade do escritor que construiu a sua obra com paciências de arquitecto, a que podem não ser estranhos ardores de visionário. Em literatura, a exaltação do combatente que se medeia e pensa com vagares de artista, a menos que a força do génio transfigure em chama perdurável o entusiasmo momentâneo. Procurando conciliar os seus impulsos íntimos com as solicitações exteriores, Alves Redol, apesar das suas qualidades eminentes, tem experimentado hesitações que se traduzem num permanente desajustamento das suas obras ao género em que se filiam. Em cada uma delas nos surge um Alves Redol novo, que a pouco e pouco se vai parecendo com o antigo. Não se trata, senão em mínimo grau, da diversidade dentro da unidade que caracteriza a obra de alguns escritores. Unidade existe sempre, patente ou oculta, na obra de todo o artista. A desigualdade na obra de Redol apresenta-se em cada livro. Em *Gaibéus*, nas *Marés*, nos *Avieiros*, na *Fanga*, publicada depois, anuncia-se a estrutura de romance em algumas dezenas de páginas iniciais—salvo, em *Gaibéus*, a já apontada inovação da ausência de personagens centrais—e a pouco e pouco as grandes linhas estruturais vão-se afastando, delinindo, deixando intervalos por onde assomam vastos quadros, se assiste ao debate de preocupações por vezes dramáticas, sem dúvida presas à intenção inicial, mas já sem expressão romanesca.

Em *Avieiros* isso sucede mais que nas duas obras anteriores. Que este livro se afasta dos moldes tradicionais do romance, não há que duvidar. Mas nisso não faz mais que seguir a tendência da época, visível não só em países jovens, como o Brasil e a América do Norte, como na própria França, carregada de tradições. E, porém, *Avieiros* uma daquelas obras ante as quais sentimos quanto são largos os limites dum género a que correspondem, na concepção geral, balizas demasiado estreitas? Seria arrojado afirma-lo. Se a técnica adoptada de início fosse a dos dois últimos terços—largos painéis onde pululam multidões alternando com outros em que se recortam, carregadas de sentido, figuras isoladas, ligadas entre si pela mesma ideia condutora, sem outro entrecabo que os aspectos simples de vidas simples—*Avieiros* seria, pelo menos, uma tentativa nova de romance-documentário, a que não haveria que pedir mais do que a intenção que o autor lhe imprimisse. Se, ao contrário, o romance fosse o que se anuncia na primeira terça parte—a vida duma rapariga nascida num barco do Tejo, através da qual se sugere a odisséia dos humildes pescadores da borda de água, seria, de certo, de técnica menos inovadora, e valeria, literariamente, o que valesse como realização. Abandonando, porém, o ritmo da narração contínua pelos quadros interpolados em que a peripécia, quando surge, vem desligada, marcando apenas pequenos relevos na vida agitada mas monótona dos dois protagonistas, Alves Redol parece ter hesitado ainda. O reparo poderá ser de pouca monta, mas afigura-se-me que tal hesitação nos privou duma obra de arte que aliasse à excelência dos episódios a excelência do conjunto. Em *Avieiros* incluem-se algumas das mais notáveis páginas escritas pela moderna geração de escritores. A nova fórmula do romance, que, correspondendo às preocupações prementes dos homens de hoje, erguesse um tipo e afirmasse uma técnica, não foi aqui encontrada.

Escusado será talvez dizer que a obra de Alves Redol está a franca altura para que esta crítica possa significar menosprezo por ela. O muito que o autor faz esperar obriga que se lhe indique quais os caminhos que aparentemente o esperam. Haverá erro nessa indicação? Talvez. Mas é um erro de boa fé.

Depois de *Avieiros* o autor publicou *Fanga*, seu último romance, e recentemente uma novela, *Anúncio*. De *Fanga* disse em tempos noutra obra o que pensava. Para os que me não leram direi que, marcando um avanço quanto à sobriedade do estilo—cuja riqueza, em *Avieiros*, é amiúde perturbadora—e a unidade do conflito, me não parece que essa obra tivesse esgotado as possibilidades de Alves Redol como romancista.

De *Anúncio* falarei numa das minhas próximas crónicas.

A presente edição dos três primeiros romances de Alves Redol é formosamente apresentada, com capa e alegorias de Manuel Ribeiro que já firmou, neste género, os seus créditos de artista.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

VIDA MUNDANA

MARIA TERESA

Em avião partiu novamente para Madrid e Barcelona a sr.ª D. Maria Teresa, que naquelas centros cosmopolitas vai escolher um novo sortido das últimas novidades em chapéus que a moda feminina apresenta para a próxima estação.

Idéias sem espírito

de um homem conformado
que tinha as botas rotas
e esperava que parasse a chuva

Nós não sabemos bem o que deveríamos fazer. A chuva tinha aumentado, iam sem resguardos, e o Juvenal, ainda por cima, segundo me confidenciou, levava as botas rotas. Aquele pinga-pinga que saltava das goteiras no lagado do passeio, como acompanhamento do fundo musical da morrinha líquida que caía quase sem se ouvir, dava á atmosfera úmida uma monotonia estúpida que se harmonizava á perfeição com o estado de espírito de cada um de nós. Chegava quase a supor—talvez a sentir—que a espécie humana se formara para viver naquela tranquilidade morna da chuvazinha que caía lenta e imperturbável. Era difícil, realmente, distinguir na névoa do raciocínio a alternativa: se um estado de espírito que se adapta á natureza, se a natureza correndo pressurosa a dar razão de ser a um estado de espírito. E a poeira de água era quase uma carícia. Mas o meu amigo ia com as botas rotas e achou preferível que nos abeirássemos num alpendre.

—Lá fui hoje ao enterro do Mendonça... disse-me ele, para dizer qualquer coisa. Não esteve mal, estavam os colegas todos... Também, não lhe fizeram favor nenhum, porque ele era um cara-direita para fazer tudo quanto lhe pediam... E depois, bem estás lembrado, tinha uma graça, muito particular, sempre muito metido consigo, mas sabia dizer umas coisas de um modo especial, que iam ter muito longe... Bom tipo! O pior é que fui com estas botas, não pensava que chovesse, e vou com certeza apanhar uma gripe. Tu já experimentaste agora aí umas pastilhas muito boas, que andam nos jornais?

Confessei a minha ignorância e a minha inexperiência, mas isso de nenhum modo desarmou o entusiasmo do Juvenal, que parecia tomado de verdadeiro entusiasmo pela panaceia, a pontos de quase parecer desejar a constipação, só para lhe poder avaliar a força terapêutica. E, como a chuva se mantivesse, o meu amigo não se deixou interromper por muito tempo.

—Pois foi... Sempre fiz bem em ter ido. Que o Mendonça, coitado, era bem merecedor. E tive sorte. Tive sorte, sabes? Encontrei lá o Silva, que ficou de me arranjar meio quilo de arroz e uns bilhetinhos para ir no sábado com a família ao teatro. E' uma coisa que eu aprecio, sabes? E o Mendonça também, coitado, isso é verdade. Ainda me estou a lembrar de uma noite em que fomos ver uma «troupe» que estava no Coliseu da rua da Palma, com espanholas. O que ele gostou! E era um rapaz muito entendido nestas coisas de arte, isso era. Eu, por mim, tu bem sabes, não sou dado a tais problemas, mas também aprecio muito. Ainda sou do tempo em que saíamos de casa ao domingo para ir ouvir um bocadinho de música á Avenida, quando lá estava o coreto. Encontrava-se sempre gente conhecida e podia uma pessoa entreter-se o seu bocado a falar de toiros ou qualquer coisa... Tu não és desse tempo, mas olha, uma tarde, veio cá o Belmonte ao Campo Pequeno, foi um delírio. Era naquela época da rivalidade com o «Gallito», muito se falou dessa corrida em Lisboa! Caiu o poder do mundo naquele Campo Pequeno... Eu lá fui também, pois claro. Eram trens e trens, por aquelas avenidas acima, com os toureiros e os entusiastas. Uma corrida assim, digo-te eu...

—Foi boa?

—Toda a gente disse que sim, mas eu não vi, claro. Fui só até lá acima, ver quem entrava. E aproveitei dar uma volta pelo outro lado.

do, ainda aquilo tudo eram quintas, onde agora fizeram todos aqueles prédios. De resto, em minha opinião...

—Não te serve este carro para a Estrela?

—Não, que vou jantar a casa da minha sogra. O demónio é isto dos pés molhados... Mas dizia eu...

—Que a tourada no Campo Pequeno...

—Não, não. Dizia eu que, na minha opinião, aqueles prédios todos não querem dizer nada do progresso da cidade. Não percebo porque é que cada prédio não há-de ter, ao menos, uma garagem para todos os inquilinos. Quere uma pessoa guardar o seu automóvel e tem que ir a Cascos de Rolha, ó tio-ó tio, onde é que há uma garagem de recolha. Está certo isto?

Eu quis murmurar que pouco se me dava, porque não morava lá, porque não tinha automóvel nem tinha dinheiro para uma coisa nem para a outra. Quis recordar que menos ainda lhe deveria importar a ele, que estava como eu ou pior ainda—de mais a mais com as botas rotas. Mas não foi possível.

—De resto, deixa-me que te diga: o que isto está a pedir sei eu, era uma pena como a do Eça de Queiroz, que metesse tudo a ridículo. Tu fôste ver a exposição queiroziana?

Limitei-me á comodidade muda de um gesto vago. Os últimos restos de cinzento violáceo da cor do dia tinham-se dissipado. Já rompiam feixes de luz lançados pelos projectores dos carros que passavam.

—Não te parece que a chuva abrandou?

—Olha, se queres que te diga, tanto me faz. Tinha ficado de ir jantar a casa da minha sogra, que ela arranja lá umas azeitonas de conserva que são um encanto...

—Então, bom apetite—fiz eu, malcriado, quase a despedir-me.

—Não tenho pressa, sabes? São já estas horas, também não quero que ela julgue que eu a visito pelo jantar, de modo que vou mais tarde, só por um bocadito do serão.

—E o jantar?

—Isso não tem importância, sabes? Não janto. Tomo depois qualquer coisa.

—E as azeitonas?

—No fundo, até é bom não jantar, porque a verdade é esta, é que não há nada pior para os intestinos que comer azeitonas. Olha, o Mendonça, coitado, também apreciava muito o vinho verde. Lembrei-me disso, hoje, quando ia para os Prazeres. Vi ali na rua Saraiva de Carvalho, á porta de uma loja de vinhos, um letrinho a anunciá-lo a quatro escudos. A quatro escudos devia ser bom, não achas? Pois ele, que gostava tanto de vinho verde, também não o bebia. E não lhe fazia mal nenhum...

—Se não o bebia, claro, não lhe fazia mal...

—Não! Digo eu que não lhe fazia mal se o bebesse. Mas o Mendonça, coitado, tinha daquelas coisas. Dizia ele que não lhe parecia justo correr a satisfazer os instintos. E desistia. Que isto, estou eu em crer, eram explicações dele para ele mesmo, por não poder fazer o que mais lhe apetecia. Tu sabes que o Mendonça vivia em dificuldades, sim, isso vivia. Mas não gostava de mostrar. Para a frente e cara alegre era a divisa dele.

—Coitado!—fiz eu, sinceramente combalido, na minha serenidade de cidadão cumpridor dos deveres sociais.—Há gente assim...

—Mas tu achas que vale a pena?—preguntou-me o Juvenal.—Tu achas que o mundo merece que a gente se dê ao trabalho de andar a arranjar uma desculpa para cada coisa que faz, ou para uma que deixa de fazer? Eu, por mim, fui sempre pão-pão, queijo-queijo! Não vale a



pena. Isto é tudo uma data de impostorice. Mas o Mendonça era assim... Olha, ainda me lembro de uma vez que ele me convidou para um «pic-nic». O Mendonça apreciava muito os «pic-nics». Mas eu implicava com aquilo de ter de comer em qualquer parte, sentado numa pedra, com a almofada numa latinha de alumínio, um fastio medonho, sem comodidade nenhuma...

—Tiveste que lhe dizer que não ias...

—Pois foi. Comecei logo a pensar que não me apetecia nada; que não tinha dinheiro para frescatas; que tinha que pedir licença ao chefe da repartição—ele diz sempre que sim, mas sempre torce o nariz com vontade de dizer que não. Uma seca! E estava resolvido a não ir, porque não gosto, para não gastar o dinheiro e para não alurar o nariz torcido do chefe da repartição. O pior era a contrariedade do Mendonça, tão bom rapaz, tão amigo do seu amigo. E eu não tinha cara para lhe dizer que não. De modo que, aí tens, fiz das tripas coração e lá me resolvi a ir.

—Um dia não são dias...

—Pois foi a conta que eu lhe dei. Não tinha vontade nenhuma, isso é verdade, mas lá me resolvi. E estava, como tu calculas, sem dinheiro...

—Fôste ao chefe da repartição e pediste um adiantamento.

—Não, isso não tinha jeito nenhum. Só de ver a cara que ele me fazia perdia o gosto ao passeio. Resolvi tudo sem dar cavaco a ninguém. Pus este anel no «prêgo», falei á repartição e, pronto, paciência, lá me decidi. O Mendonça, coitado—já lá está!—insistiu tanto comigo... Ele é que tinha organizado tudo. De mais, isto um dia não são dias...

—E o passeio, que tal?

—Ah, é verdade... Não cheguei a ir. Não sei como arranjei aquilo, quando cheguei á estação, já tinha partido o comboio...

—Já é azar!—comentei.

—Qual! No fim, até calhou bem. Aproveitei a tarde para mandar consertar o relógio, que andava há que tempos com a mania de se adiantar uns minutos todos os dias...

Mas logo, caindo em si, o Juvenal meteu a mão no bolso e, extraindo o relógio, exclamava:

—Vou já daqui mas é para casa pôr as botas a secar, não quero saber de mais nada. Para mais, amanhã é quarta-feira, quero-me levantar cedo para ouvir a lição de ginástica pela telefonia.

Eu ia dando um pulo de espanto!

—O quê? Tu agora fazes ginástica?

Mas logo ele me tranquilizou:

—Eu? O Mendonça, coitado, é que fazia. E dava-se muito bem. Dava-se muito bem. Foi ele que me meteu essa mania em casa. Coitado do Mendonça! Mas eu não. Eu fazer ginástica? Isso não faço. Mas acho imensa graça ouvir aquilo—tic-tac... um, dois... á frente, a cima... —de manhã, quando estou a fazer a barba. Agora aquele é que eu não perco!

E o Juvenal, quebrando o fio da conversa, desatou a correr para o «eléctrico».

ZACARIAS DE LEMOS

